Latinidades - 100 anos em 100 discos
MEMORIAL
DA AMÉRICA LATINA
SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Curadores
1. Waldenyr Caldas
2.Juca Novaes
3. Willy Verdaguer
4. João Barone
5.Felipe Machado
Memorial da América Latina

Uma publicação do
Memorial da América Latina

Latinidades

100 anos em 100 discos

São Paulo
2022

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

Sumário

Prefácio 6
Jorge Damião

Introdução 8
Fabricio Ravelli

Zuza Homem de Mello 10

1922 1941 **Intérpretes e canções populares nos países da América Latina** 12
Waldenyr Caldas

1942 1961 **Um mundo em transformação** 34
Juca Novaes

1962 1981 **Criatividade vs repressão** 58
Willy Verdaguer

1982 2001 **Vésperas de um novo milênio** 86
João Barone

2002 2022 **Do otimismo ao isolamento** 108
Felipe Machado

Prefácio

Jorge Damião
Presidente da Fundação
Memorial da América Larina

Latinidades é o nome desta obra, que traz os cem discos latino-americanos de maior impacto do último século na visão de cinco curadores especialmente selecionados para essa missão, em vista de sua atuação e proximidade com a área musical. A música da América Latina é formada por uma miríade de sons, ritmos e letras que traduzem a grande confluência de culturas e povos e dão a essa expressão cultural seu selo de autenticidade, regionalismo e pluralidade, comuns ao hemisfério sul do planeta.

Quando pensei neste livro, uma das questões mais relevantes foi dar liberdade para cada curador escolher os discos mais marcantes de determinada época, para que pudéssemos compor o último século com uma seleção de música latina vibrante, contemporânea, que fala com o povo latino e, mais importante, que é cantada por ele. Como um apaixonado pelos processos de cada projeto, vibrei, questionei, voltei a vibrar e, ao final, me peguei sorrindo em frente a minha pequena mas qualificada coleção de discos e os deixei fazer o que eles fazem de melhor: rodar na minha vitrola e me deixar sonhar.

Fiquei horas escutando as músicas que me fizeram sonhar, namorar, sorrir, ir para as ruas manifestar um sentimento coletivo de mudança pela liberdade.

A liberdade.

Essa, um estilo de vida que não podemos negociar.

A liberdade individual é a salvaguarda do respeito a si mesmo.

100 anos se passaram, milhares de canções interpelaram governos e sugeriram caminhos à uma sociedade cansada de velhos ritos.

A América Latina mudou, evolui em seus aspectos políticos, sociais e culturais, que se moldaram pelas mãos habilidosas de um povo sofrido, miscigenado, criativo e esperançoso.

A música esteve presente no salto de Mercedes Sousa quando tocava as escadas ao subir em direção ao palco, está na respiração contida do artista nos minutos antes de sua apresentação e sempre estará presente buscando aquela batida perfeita que nos faz mover.

Introdução

Fabricio Ravelli
Diretor de Atividades Culturais da
Fundação Memorial da América Latina

Você tem ideia de quantas linhas já escrevi para expressar os sentimentos contidos neste livro, mas apaguei?

Como expressar a verdade e a emoção de revisitar, no tempo cronológico, os afetos, as heranças e descobertas, as belezas e surpresas que marcam a trilha sonora de nossas histórias? Como colocar em palavras as canções, melodias e harmonias que marcaram tanto nossa história pessoal e coletiva? Sabemos – mas nem sempre lembramos – que o passado é o alicerce para os acontecimentos de hoje.

As canções que nos envolveram, as palavras que nos tocaram, a expressão que nos uniu e transformou, edificou e modificou, a letra que curou um coração despedaçado .

A música é onipresente, está na vida de cada um, nos guetos, nos palácios. Ela une e apresenta novas possibilidades. Impulsiona e acalma. Somos filhos e filhas da música e das canções, somos herdeiros dos movimentos culturais que transformaram a América Latina.

Relembrar e questionar a história nos levam à reflexão sobre a importância da música em nossa memória e uma extrema gratidão aos artistas que nos conectaram ao mundo atual.

A partir desta reflexão, o leitor poderá questionar se os álbuns apresentados também são parte de sua própria lista, sua trilha musical particular. São trajetórias distintas, de cada ouvinte, embora exista uma coletividade no universo particular. “Por que este ou aquele álbum não entrou e fez parte da história? É injusto.” . Se ao término da leitura você estiver se questionando dessa forma, nosso objetivo foi alcançado. Você foi tocado por sua própria trilha musical, revisitou-a e reavaliou-a, na dimensão individual e na dimensão coletiva de nossas latinidades.

Agradeço, com muito respeito e admiração, a todos os curadores que aceitaram este nobre e emocionante desafio. Agradeço também a toda a equipe do Memorial da América Latina pelo envolvimento viceral neste projeto.

Agora, com nossa discoteca de ontem e de hoje, sigamos. Há muita música pela frente em nosso projeto de vida.

Foto: José Bassif

Zuza Homem de Mello
1933-2020

A trajetória de Zuza Homem de Mello se mistura à história da música popular brasileira (MPB). Músico e jornalista, desde a década de 50 assinava colunas sobre música para diversos veículos jornalísticos, como Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo e publicações internacionais, além de programas de rádio. Na TV Record atuou como engenheiro de som nos famosos festivais da MPB. Participava como jurado nos principais concursos de música no Brasil. Além das críticas jornalísticas, deixou importantes publicações como a Enciclopédia da Música Brasileira (1997) e, e em 1982, ao lado de Tárik de Souza, planejou e coordenou a terceira edição da coleção didática História da Música Popular Brasileira, da Editora Abril. Na TV Cultura, apresentou a série Jazz Brasil e, na área fonográfica, produziu discos de Jacob do Bandolim, Orlando Silva, Fafá Lemos, Carolina Cardoso de Meneses e Elis Regina.

Zuza partiu antes do combinado, como dizia Rolando Boldrin, em 4 de outubro de 2020, e sua última entrevista foi concedida ao *Memorial Lives*, série de *lives* realizada pelo Memorial da América Latina, durante o período mais duro da pandemia de Covid-19.

Intérpretes e canções populares nos países da América Latina

Este trabalho sobre as canções e os cantores populares mais conhecidos em seus respectivos países e, por extensão, em todo o continente latino-americano, reporta-se às canções que obtiveram sucesso de público entre os anos de 1922 e 1941. É claro que, em face da exiguidade do espaço, algumas canções antológicas não puderam aqui ser mencionadas. No entanto, posso assegurar: isto não prejudica em nada o entendimento da canção latino-americana por parte do público. Aliás, ao contrário, este trabalho certamente servirá de estímulo às pessoas interessadas em se aprofundar sobre o cancioneiro popular da América Latina.

Escolhi não apresentar os discos escolhidos por gosto pessoal ou mesmo por ordem cronológica de lançamento mas sim um apanhado histõrico de forma natural.

Ressalto que no período que me coube a responsabilidade pelo trabalho, ainda não existia o chamado disco *long-play* (*LP*) e, portanto, ainda não havia capas a serem apresentadas.

2

Waldenyr Caldas

Waldenyr Caldas (Porto Velho, RO, 1943) é pesquisador dedicado à cultura de massa, ao futebol e, especialmente, à música popular. Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, doutor em Sociologia pela mesma Universidade e pós-doutor pela Universidade La Sapienza di Roma, é autor de vários livros, entre os quais *Iniciação à música popular brasileira*, *Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural*, *A cultura da juventude - de 1950 a 1970*, *Luz neon: canção e cultura na cidade*. É também escritor de contos, reunidos em *Rua da Justiça*.

1941

Libertad Lamarque de Bouza
(1908–2000)

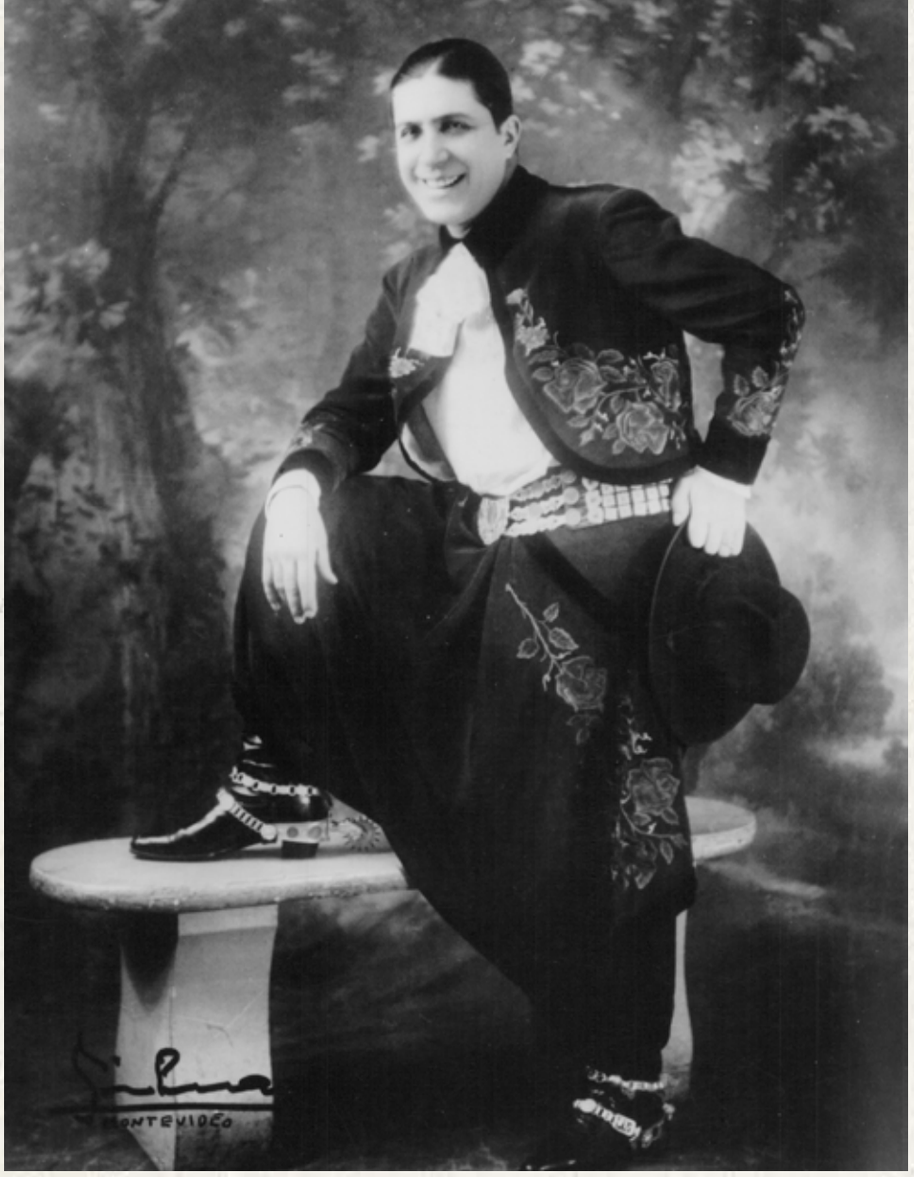
Argentina

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Canção: "Caminito", composta em 1926 pelo musicista Juan de Dios Filiberto e pelo letrista Gabino Coria Peñaloza, é um dos mais famosos tangos gravados por Libertad Lamarque. Há duas versões para a origem desta canção. A primeira é que o letrista Peñaloza teria se inspirado em uma pequena vereda da província de La Rioja, onde gostava de passear após as refeições. A segunda versão é que este letrista teria se inspirado em uma bucólica viela do bairro de La Boca, na capital argentina quando resolveu conhecer o Estádio La Bombonera, do Clube Atlético Boca Juniors. Esta última versão parece ser a mais aceita. Ela é a mais citada quando se pesquisa sobre este tango. Em face da popularidade do tango "Caminito", a região de La Boca tornou-se um importante centro cultural e turístico, com atrações que vão do artesanato aos espetáculos performáticos ensaiados ou improvisados por quem o visita. Embora Jorge Luis Borges (1899-1986) considerasse esse tango muito melancólico (e talvez por isso mesmo), isso não impediu que o nomeasse como um dos seus favoritos. Pois bem, versões à parte, o fato é que "Caminito" é um tango que ganhou projeção internacional na voz de Libertad Lamarque, não apenas na América Latina, mas também nos Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e outros países da Europa. E mais: não apenas na voz de Lamarque, mas de outros cantores, entre eles, Carlos Gardel.

Carlos Gardel
(1890–1935)

Argentina



Arquivo Geral da Nação, domínio público, via Wikimedia Commons

Canção: "La Cumparsita" é, para início de conversa, o mais famoso de todos os tangos que conhecemos. A música do uruguaio Gerardo Matos Rodriguez (1897–1948) e a letra de Pascual Contursi (1888–1932), argentino de Chivilcoy, transformou-se no que seu país poderia apresentar de melhor ao mundo no tocante à sua musicalidade. Gravado em 1942 por Carlos Gardel, "La Cumparsita" não internacionalizou definitivamente apenas a música argentina. No plano artístico, cultural e musical deu a justa e merecida projeção a esta nação, que passaria a ser mais conhecida e visitada por grande número de turistas, especialmente da América e Europa, que desejavam conhecer melhor este país. Não por acaso, esta canção, no decorrer do tempo, ganhou o *status* de "hino" dos tangos. De longe, é a canção mais gravada e difundida em todo o mundo, com aproximadamente 2.550 gravações, entre elas nos idiomas japonês e finlandês.

Nem tudo, porém, é apenas belo na história de "La Cumparsita". Em 1942, logo após a gravação da canção, o compositor musical Gerardo Matos Rodriguez, criador da melodia, entra com uma ação judicial para interromper a circulação e a venda da gravação de Gardel, que nada tinha a ver com a desinteligência entre os autores desta canção. Depois de quatro ações judiciais, de tantas idas e vindas, finalmente o uruguaio Rodriguez foi considerado oficialmente pela justiça como o autor de "La Cumparsita", uma música cujas primeiras notas da partitura nasceram em um guardanapo do café La Giralda, em Montevidéu, quando seu autor tinha apenas 17 anos. Vale destacar que esse episódio em nenhum momento interferiu negativamente na carreira artística de Carlos Gardel, considerado até hoje, unanimemente, o maior intérprete das canções argentinas. Da mesma forma que "La Cumparsita", outros tangos e canções de Gardel foram sucessos mundiais, consolidando não apenas a preferência e o gosto popular pelo tango argentino, mas também o prestígio de Gardel e de seu país. Outros tangos antológicos por ele gravados foram, por exemplo, "El día que me quieras" (1934) e "Por una cabeza" (1935), ambos na RCA Victor, de autoria de Alfredo Le Pera.

Ignacio Corsini
(1891–1967)

Argentina

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Canção: "Patotero sentimental", de Manuel Jovés e Manuel Romero, é uma canção determinante na vida deste grande cantor argentino, que começou sua carreira artística apresentando-se em circos e cafés da periferia de Buenos Aires e de outras cidades de seu país. Afinal, foi "Patotero Sentimental" que lançou luzes em seu trabalho inicial, o que fez alguns críticos da época compará-lo aos já bastante conhecidos Carlos Gardel e Agustín Magaldi. Como cantor de circos e cafés, porém, Corsini era considerado apenas um dos muitos *payadores*: nada mais que um tipo de trovador do interior, cujo tom de voz era quase padronizado e com tendência a um timbre mais agudo. Algo parecido com a forma como cantavam os artistas da música sertaneja no Brasil até a década de 1970. Em suas andanças pela Buenos Aires boêmia, conheceu muitos artistas e músicos que reconheciam seu potencial como grande cantor. Era tido como um homem muito bonito, o que certamente poderia ajudá-lo em suas apresentações públicas. Mas, para alcançar o *status* de grande astro seria conveniente deixar de lado seu timbre de *payador* e adotar um estilo mais altissonante; ou seja, sua voz deveria produzir um som mais intenso, mais magnificente, mais opulento como mandava a tradição dos grandes cantores de tango.

Corsini não teve dúvida. Com os recursos vocais que sempre teve, adotou uma nova impostação de voz, muito recorrente na época, e tornou-se em curto espaço de tempo uma grande celebridade da canção argentina, comparável mesmo a Carlos Gardel e Agustín Magaldi. Hoje, na historiografia do tango, Corsini aparece ao lado desses dois grandes cantores formando o que os críticos de seu país consideram a trilogia máxima dos intérpretes do gênero. Outras canções que merecem destaque em seu trabalho são: "El adiós", "Fumando espero", "Qualquier cosa" e "Milonga triste", todas elas gravadas entre anos de 1920 e 1930.

Alberto Ruiz Lavadenz e Lira Incaica

Bolívia

Reprodução

Alberto Ruiz Lavadenz, crioulo mestiço e multi-instrumentista, fundou o grupo Lira Incaica (Estudiantina Inca ou Incan Lyre), que adotou a corrente indigenista no início dos anos de 1920. Um pouco depois, em meados dos anos de 1930, este grupo já estava vivendo seu ápice e havia subido ao topo da cena musical de La Paz. Em sua firme trajetória e sem surpresas, em janeiro de 1936, o Lira Incaica já havia conquistado lugar de grande destaque no recital que encerrou o Festival da 2ª Semana Indigenista. Este evento foi uma grande exposição da cultura indígena, encenada por uma associação cívica e patrocinada por um grupo de empresários conhecidos como Los Amigos de la Ciudad (Os Amigos da Cidade). Nesse evento de grande repercussão nos meios artísticos e musicais da Bolívia, o grupo Lira Incaica interpretou a composição original de Ruiz Lavadenz, "Capricho incaico" (Incan Capriccio), juntamente com outras três peças que incorporavam músicas indígenas inéditas, justamente por serem músicos indígenas do meio rural e pouco conhecidos nos meios musicais bolivianos da época. São elas: "Huacacarí" ("planta sagrada" em quéchua), "Motivo vernacular" (Tema vernacular), e "Danza de cullawas" (*El Diario*, 11 de janeiro de 1936). Para a "Danza de cullawas", o grupo Lira Incaica deixou de lado seus bandolins, bandurrias e charangos habituais, e cedeu espaço para uma associação entre tarkas (flautas de madeira) e tambores caja; com isso foi possível imitar o estilo da música indígena andina na época carnavalesca.

Noel de Medeiros Rosa
(1910–1937)

Brasil

Arquivo Nacional, Domínio Público, via Wikimedia Commons

Canção: "Fita Amarela" é uma das muitas canções famosas deste compositor, cantor e violonista carioca. Gravada pela primeira vez em 1933 por Francisco Alves e Mário Reis, este samba tornou-se a música mais interpretada no carnaval carioca daquele ano. Nascido no bairro de Vila Isabel, Noel ficou nacionalmente conhecido como o "Poeta da Vila". Mesmo vivendo apenas 27 anos e enfrentando alguns problemas de saúde, compôs por volta de 250 canções. A curta carreira musical do cantor e compositor Noel Rosa iniciou-se em 1929, quando formou o grupo Bando de Tangarás, junto com Henrique Brito, Braguinha, Almirante, Alvinho e Henrique Domingos. Mas o grande desafio da vida de Noel era conciliar o prazer da boemia e do som do seu violão, com os estudos de medicina. Ele até tentou, mas apenas por um ano, e percebeu que a música e a boemia eram mais importantes em sua vida. Para o bem da cultura musical brasileira, dedicou o resto da sua curta existência à nossa música popular.

Não existe em sua obra uma canção mais importante que a outra. Apenas para relembrar, cito aqui algumas delas, mas todas consagradas pelo grande público: "Com que roupa", "Último desejo", "Palpite infeliz", "Conversa de botequim", "Feitio de oração", "Feitiço da Vila", "O orvalho vem caindo" e "Pierrô apaixonado". Seus principais parceiros nas obras musicais foram Vadico e Kid Pepe, mas não os únicos. Em 1935, já debilitado da tuberculose que o mataria dois anos depois, Noel decidiu ir a Belo Horizonte para se tratar. Após alguns dias de tratamento e repouso, retornou ao Rio de Janeiro bem melhor, animado, revigorado e dando-se por curado. Simultaneamente, voltou também à vida boêmia. Enganou-se em sua decisão, ou fez sua opção definitiva. Enquanto a saúde piorava sensivelmente, Noel já dava sinais de que não teria mais forças nem interesse em outra coisa que não a boemia, os amigos e o violão. No dia 4 de maio de 1937, morre o "Poeta da Vila", mas deixa uma das mais belas e profícuas obras do cancioneiro brasileiro.

Alfredo da Rocha Vianna Filho (Pixinguinha) (1897–1973)

Carlos Alberto Ferreira Braga (Braguinha) (1907–2006)

Brasil

Canção: "Carinhoso", diferentemente de outras canções, é uma obra musical atemporal. Sua melodia é da autoria de Pixinguinha, que a compôs antes dos anos 1920. Mais tarde, em 1937, com a letra de João de Barro, o Braguinha, e a interpretação de Orlando Silva, a canção tornou-se uma espécie de "hino dos enamorados", atravessando gerações e chegando aos nossos dias com a mesma força dos anos 1930. Sua atemporalidade está no fato de que não foi um sucesso apenas dessa década. Ela permanece atual porque, entre outras coisas, há uma perfeita simbiose, uma estreita relação harmônica entre a melodia, um tipo de samba estilizado que lembra muito bem o ritmo de valsa, e o texto poético extremamente romântico, que nos remete imediatamente à ideia de uma pessoa apaixonada. A gravação em 78 rotações de "Carinhoso" em 1937, pela RCA Victor, não foi um acontecimento musical a mais, foi bem mais do que isso.

A melodia já havia sido feita por Pixinguinha, entre os anos de 1916 e 1917 mas, por uma questão pessoal, ele a manteve sem divulgar a ninguém por mais de dez anos. Ao fazer a melodia de "Carinhoso", nem mesmo Pixinguinha tinha certeza do seu resultado final. Em certos momentos da composição acreditava que estava criando uma polca lenta, em face do andamento melódico. Por isso mesmo, insistiu em classificar seu trabalho como polca lenta ou polca vagarosa, entre outras coisas, pois naquela época muitas melodias eram rotuladas como polca. Alguns anos mais tarde, em conversas com seus amigos, o próprio Pixinguinha passaria a denominar "Carinhoso" como choro, um ritmo bem brasileiro, presente nas românticas serenatas da época. Bem mais tarde, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, Pixinguinha disse que alguns amigos achavam que sua canção era um samba estilizado. Seja o que for, o fato realmente mais importante é que esta canção, diferentemente de tantas outras, é atemporal. É como se Pixinguinha a tivesse feito hoje!

Fotos| Arquivo Nacional, Domínio Público, via Wikimedia Commons

Hemeroteca digital, "Revista da Semana", n. 44/1939, p. 27, Rio de Janeiro, Brasil, Domínio Público, via Wikimedia Commons

Ary Evangelista Barroso
(1903–1964)

Brasil

Canção: "Aquarela do Brasil" é a mais conhecida e executada das 264 composições musicais de Ary Barroso – não só em nosso país, mas também no exterior. Estima-se que existam por volta de 108 gravações desta canção, em todo o mundo. Feita em 1939, vale registrar que até hoje "Aquarela do Brasil" ainda rende direitos autorais à família do compositor, que era locutor esportivo e animador de programas radiofônicos. A gravação original, feita pela Odeon Records, pertence à voz de Francisco Alves, um dos intérpretes mais prestigiosos dessa época. O que ele gravava era sempre sucesso. Naquele momento, o Brasil vivia um clima político de exaltação dos valores nacionais, de um nacionalismo forte, quase xenófobo. Tudo isso, em face das diretrizes políticas traçadas por Getúlio Vargas, justamente para consolidar seu governo, mais tarde conhecido por Estado Novo – período da nossa história que se estende de 1937 a 1945. Ary Barroso viveu intensamente essa época. Era, sobretudo, um homem do rádio. É compreensível, portanto, que a letra de "Aquarela do Brasil" seja uma apologia às coisas do seu país e, por extensão, algo que evidentemente beneficiaria o governo de Vargas, visto pelos críticos e estudiosos como uma ditadura. E era mesmo. Não por acaso, e salvo pequenas exceções, as canções da época tinham um discurso que acompanhava o ufanismo tão estimulado pelo governo federal. Pode-se dizer que "Aquarela do Brasil", além de ser considerado o primeiro samba-exaltação – e vieram muitos outros depois –, serviu como uma espécie de carro-chefe para a popularização de um exagerado otimismo nacionalista. Estavam em evidência os símbolos e valores da cultura nacional, que obedecia a rigorosos conceitos estabelecidos pela política do Estado Novo. Não é possível afirmar, mas é muito provável que a letra ufanista de "Aquarela do Brasil" seja mesmo um produto do clima político e cultural do Estado Novo, muito embora Ary Barroso não tivesse realmente apoiado o governo de Getúlio Vargas. Seja como for, o fato é que esta canção é a imagem bucólica e alegre que os estrangeiros têm até hoje do nosso país, pelo menos antes de visitá-lo.

Biblioteca Nacional de Chile, Disponíavel em https://www.memoriachilena.gob.cl/
Trío Los Dodos (Chile): Augusto Brown, Carlos Salas e Pablo Garrido - 1920

Pablo Garrido Vargas
(1905–1982)

Chile

Nascido em Valparaíso, em uma família de artistas, Pablo Garrido Vargas foi um compositor de música clássica, violinista, escritor e pesquisador musical. Ele estudou piano e violino desde cedo e, aos 18 anos, estreou sua primeira composição musical. Nesse momento, ainda proferiu palestra sobre compositores chilenos contemporâneos. Em 1924, com apenas 19 anos, Garrido apresentou uma grande novidade ao povo de seu país: a primeira orquestra de jazz a se apresentar no Chile. Aos 20 anos, revolucionou a música chilena, ao organizar um concerto de música futurista. A vida artística de Pablo Garrido está dividida em duas fases. A primeira, até o início dos anos 1940, sempre associada às tendências vanguardistas, particularmente na música contemporânea. Durante vinte anos, Garrido realizou um trabalho único de divulgação e prática do jazz no Chile. Sua Royal Orchestra, que estreou em 1924, foi um produto da atmosfera de Valparaíso, com seus salões de dança movimentados e visitas frequentes de marinheiros norte-americanos, que traziam as últimas gravações e instrumentos de qualidade ao país. Entre 1934 e 1937, ele foi o responsável pela orquestra de jazz do Cassino de Viña del Mar, importante centro turístico de seu país até hoje. Como músico e acadêmico, foi o primeiro compositor chileno a trabalhar e adotar as sonoridades do jazz, muito em voga nessa época. Seu trabalho de divulgação foi complementado pela redação de artigos de imprensa, em sua maioria entrevistas com músicos nacionais também ligados ao jazz.

José Luis Córdova
(1920-2002)

Chile

José Luis Córdova:
50 Años De Jazz

● El miércoles 21 de octubre se rendirá un homenaje al baterista, pionero de este género musical en Chile.

Una noche de 1934, en Antofagasta, un niño de 10 años tuvo la impresión más fuerte de su vida. Sus padres lo llevaron a la fiesta de aniversario de la ciudad, y el pequeño José Luis Córdova se vio de golpe frente a una batería. No supo lo que pasó: recuerda que era roja, con un bombo muy grande, y que lo estremeció el sonido de los platillos. Subió al escenario, buscó una silla y pasó toda la noche sin despegar los ojos del baterista. El jazz chileno adquirió de este modo a su pionero.

Cincuenta y ocho años después, el baterista, hombre de radio y televisión, animador y comentarista José Luis Córdova Ballesteros (nacido en Antofagasta el 28 de noviembre de 1924) es la figura más antigua del jazz chileno, y su carrera —iniciada en 1942— encarna la historia de esta música en nuestro país.

Esa misma noche "aprendió" a tocar la batería. "A esa edad uno es como una esponja", dice. "De tanto mirar al baterista, se me grabó cómo batalla las baquetas, qué movimientos hacía ... Al día siguiente, armó con cilas, tarros y cajas de cartón su primera batería. "Apenas llegaba del liceo me ponía a tocar, hasta que pude repetir todas las cosas que lo había visto hacer".

Como era buen alumno, su familia no se opuso. Por el contrario, al poco tiempo su padre le compró una batería de juguete, y en ella comenzó a acompañar música de la radio. "En ese tiempo estaban de moda las orquestas blancas comerciales: Larry Christian, Glenn Miller ...

Cofradía de pájaros raros

A los 16 le regalaron un tocadiscos, y entonces "supe que el verdadero jazz era negro". Hurgando en las disquerías de viaje de Santiago descubrió a King Oliver, Sydney Bechet, Duke Ellington, Coleman Hawkins o Billie Holiday.

Se reunía a oír esos discos con dos compañeros del liceo: Valentín Letelier, el clarinetista René Eyheralde y el trompetista Ernesto Rodríguez, y con ellos formó en 1942 «The Chicagoans», su primer grupo de jazz.

"En ese tiempo, los jazzistas éramos una secta, una cofradía de pájaros raros". Como no tenían dónde reunirse, junto a Eyheralde y Rodríguez decidieron, en 1943, fundar el Club de Jazz.

Con muchos esfuerzos, estas aves marginales juntaron dinero para arrendar una casa en Santo Domingo con Bandera. Los sábados por la tarde ofrecían allí charlas y audiciones gratuitas. "Cada socio llevaba un cerro de discos, y nos turnábamos para hablar sobre un músico o un estilo distinto. Después, como a las seis, sacábamos los instrumentos y nos poníamos a tocar".

Las sesiones se anunciaban por la radio. Córdova ya dirigía un programa. En 1943, había ido a radio Chilena con unos discos, a escribir para los locutores, "y el director, Mario Carvallo, me dijo: ¿Por qué no los presentas tú mismo?". De allí surgió su primera emisión, «En Torno al Jazz».

"Al poco tiempo, en cada sesión se reunían 300 ó 300 personas", recuerda. También comenzaron a aparecer músicos profesionales, que tocaban en las orquestas de baile de la época. Con ellos —Luis Arángiuz (trompeta), Mario Escobar (saxo tenor), el holandés Woody Wolf (clarinete), Angel Valdés (trombón), Hernán Prado (piano) ... — "fuimos los pioneros del jazz chileno". Córdova hizo su debut profesional ese mismo año, en el grupo del Russo Arángiuz.

"Todos eran autodidactas. "Aprendíamos escuchando, buscando material donde podíamos. En esos años, nuestra Biblia era «Le Jazz Hot», obra del crítico francés Hugues Panassié, que había sido traducida por otro músico, Pablo Garrido. También, cuando podíamos, encargábamos libros y discos a Estados Unidos, y comprábamos lo que llegaba a la librería «Studio»".

"En 1944 —continúa— reunimos a los mejores jazzistas y convencimos a la RCA de que los grabara". El resultado, «Los Ases Chilenos del Jazz», fue el primer disco de jazz producido en Chile. El grupo grabó por segunda vez al año siguiente, con Córdova en la batería.

"En esa época todo estaba por hacer. Uno se metía en algo porque le gustaba y no pensaba siquiera en lo profesional". Lo de la radio fue natural. Como le ocurrió con la batería, encontró sin darse cuenta su segunda vocación. De los 40 hasta el año pasado, cuando se suspendió su programa «Esto Es El Jazz», tuvo emisiones en casi todas las radios de Santiago —Chilena, Portales, Minería, Nacional, Futuro, Pudahuel, Clásica ... —, y a partir de 1990 fue director de varias. En medio, fue animador de shows en vivo, productor y director de programación.

Al mismo tiempo, comenzó a escribir. Sus comentarios aparecían en revistas como «Ercan», «Radiomanía», «Paula», y en varios periódicos de Santiago. En los años 60 redactaba además notas de carátula para los discos de jazz que entonces se editaban en Chile.

Gracias a la Huambaly

Fue también el primero en llevar el jazz a la televisión. Dirigió los programas «Mi Batería y Yo» y «Sesión de Jazz», y en 1971 fue comentarista de jazz de canal 13.

A pesar de esta intensa actividad, no siempre ha podido dedicarse exclusivamente a la música. "En este país, como en todo el mundo, muy pocos pueden vivir del jazz". Por eso, entre 1945 y 1964 trabajó como empleado público: "Era muy sacrificado. Solía tocar hasta la madrugada, y al otro día tenía que estar a las nueve en la oficina".

Las cosas cambiaron cuando entró a la Huambaly, "una de las mejores orquestas que ha habido en Chile". Con ella tocó en varios países latinoamericanos e hizo una gira por Europa en 1958. Una de las grandes satisfacciones de su carrera fue su encuentro en Barcelona con el gran pianista catalán Tete Montoliu, a quien acompañó en una jam-session.

En Chile, tocó también con el saxofonista Bud Freeman, que en 1962 vivió en Chile unos meses, "y con todos los jazzistas que venían": las orquestas de Count Basie y Woody Herman, los músicos de Elvin Jones, Adam Simons "y con todos los que venían a Chile". Como director del Comité de Jazz del Norteamericano, Córdova planificó la visita de muchos jazzistas de nota, y organizó además conciertos memorables en lugares tradicionalmente ajenos al jazz, como el teatro Municipal.

A partir de 1980, gracias a su labor radial, pudo centrarse exclusivamente en el jazz. Por sus grupos pasaron todos los jazzistas que se iniciaban: "Ronnie Knudes, Giovanni Caltivera, los Lecaros, Pato Echeñique, Marcos Aldana ... Todos terminaban tocando conmigo".

Entre los 60 y los 70, Córdova era el músico más famoso de Chile, y como tal fue inspirador de bateristas como Orlando Avendaño y Alejandro Espinosa. A fines de los 60, el compositor chileno contemporáneo Juan Amenábar se basó en un solo suyo para escribir la pieza «Divertimento Cordovés», que luego grabó junto a Córdova.

"El jazz", señala éste, "me ha dado las emociones más hermosas de mi vida. Oír la música de Louis Armstrong, Charlie Parker, Clifford Brown, me provoca un impacto tan grande que siento un vínculo personal con esos músicos. Mi mayor satisfacción espiritual es haber sido capaz de compartir esa música, y de difundirla".

El 21 de octubre, a las 20:00 horas, Córdova recibirá en el Teatro Providencia un homenaje a sus 50 años de vida musical. Todos los músicos que han tocado con él, de los Santiago Stompers y la Retapazdin Jazz Band a Patricio Ramírez y Daniel Lacuna, actuarán juntos en un programa que recorrerá toda su trayectoria jazzística. La velada terminará con una zapa de baterías, en que sus herederos musicales Orlando Avendaño, Alejandro Espinosa y Francisco Molina —"el baterista joven más promisorio del jazz chileno"— se pondrán en un grupo integrado por Mario Lecaros en piano, su hermano Roberto en contrabajo, Daniel Lacuna en trompeta y Patricio Ramírez en saxo alto.

Víctor Hugo Rodríguez

memoriachilena.cl

Tres etapas de José Luis Córdova: en primer grupo «The Chicagoans», en 1942; un programa de televisión, a fines de los 60; el Festival de Jazz de Tongoy, en 1991.

Reprodução jornal El Mercurio, 1942, Biblioteca Nacional de Chile

Chile

José Luis Córdova formou seu primeiro grupo de jazz, The Chicagoans, em 1941, com o clarinetista René Eyheralde, o cornetista Ernesto Rodríguez e Carlos Morgan ao violão. Aqui vale registrar um aspecto importante. Apesar de a Segunda Guerra Mundial já estar naquele momento em pleno curso, esta foi uma época em que o jazz, ritmo afro-americano, se espalhou por todo o mundo, mas com forte influência nos países latino-americanos. Isto significaria uma grande concorrência à música nativa dos países na América Latina, até porque o rádio, como veículo de comunicação, já estava em um estágio de aperfeiçoamento que facilitava a interação cultural entre os países. O grupo formado por Córdova conseguiu atrair um grande número de seguidores que acompanhavam até seus ensaios. Por falta de lugar apropriado para treinar, muitas vezes tinham de fazê-lo em público. Por isso, tiveram que alugar um local mais apropriado para dar continuidade a esses ensaios, e assim nasceria o consagrado conjunto musical Santiago Jazz Club, fundado em 1943. Córdova desempenhou um papel importante na difusão do jazz como apresentador de um programa de rádio na Rádio Chilena, uma atividade que se consolidou nos anos seguintes. A indústria fonográfica começou a surgir lentamente, por volta de 1920, década na qual diferentes gravadoras – como Odeon, Victor, RCA, Columbia Records, Condor, Royal – surgiram no cenário internacional. Estas gravadoras, com a influência das novas mídias, como o rádio e o cinema, transformaram as práticas culturais e posicionaram o consumo musical como um dos pontos focais das mudanças sociais da época. Aqui já podemos falar de forte estímulo ao consumo, mas não propriamente de uma indústria cultural nos moldes entendidos pelos estudiosos da teoria da comunicação.

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Juan Antonio Espinoza Prieto
(1926-2002)

Chile

Canção: "Besame mucho", composição da mexicana Consuelo Velázquez, em 1941, é uma das canções mais gravadas e difundidas em todo o mundo. Conhecido apenas como Antonio Prieto, o chileno estava iniciando sua carreira artística (como ator e cantor) quando gravou a canção de Velázquez. Isto foi o suficiente para que sua consagração se consolidasse como um dos mais importantes intérpretes do cancioneiro latino-americano da época, integrando um seleto grupo de cantores como Carlos Gardel, Gregório Barrios e Orlando Silva. "Besame mucho", interpretada pela voz suave e aveludada de Antonio Prieto, ganhou projeção internacional e por uma década dividiu a preferência do público discófilo com os tangos argentinos.

Certa ocasião, em 1969, ao ser indagada por um jornalista sobre a melhor interpretação de "Besame mucho", a compositora Consuelo Velázquez citou a gravação de Antonio Prieto e disse: "se eu fosse cantora, cantaria assim". Um aspecto realmente *sui-generis* nesse bolero é que Consuelo Velázquez declarou por diversas vezes à grande imprensa, ter composto "Besame mucho" sem saber o que era um beijo. Entre as diversas interpretações de cantoras e cantores brasileiros da canção, a mais conhecida é certamente a de João Gilberto, que consta em seu LP intitulado *Amoroso*, gravado nos Estados Unidos, em 1977. Em 1961, Antonio Prieto gravou a canção "La novia", de seu irmão Joaquim Prieto que, ao lado de "Besame mucho", são dois boleros internacionalmente conhecidos. Quando do lançamento de "La novia", os meios de comunicação de massa já tinham alcance popular muito maior que nos anos de 1940. Isto certamente explica o fato de a imagem de Antonio Prieto estar popularmente mais ligada à "La novia". O bolero "Besame mucho", porém, foi o que lhe deu o *status* de grande cantor e de ícone da canção latino-americana.

Bienvenido Rosendo Granda Aguillera
(1915-1983)

Cuba

Reprodução

Canção: "Perfume de gardênia" é certamente o maior sucesso do cantor cubano, conhecido apenas como Bienvenido Granda. Gravada na Seeco Record, esta também é uma canção tipicamente latino-americana, que representa a prevalência do bolero mexicano, especialmente nas décadas de 1940 e 1950. A força popular deste ritmo se espalhou por toda a América Latina e, posteriormente, atravessou fronteiras para chegar à Europa e aos Estados Unidos. Em outros termos, o bolero brilhou e trilhou o mesmo caminho do tango, consolidando-se como um genuíno produto musical da cultura latino-americana. Composta pelo prestigioso instrumentista porto-riquenho Rafael Hernández Marín, mais conhecido por "El Jibarito", a canção "Perfume de gardênia" ganhou prestígio internacional na voz e interpretação de Bienvenido Granda, um experiente e consagrado cantor das noites mexicanas. Nascido em Cuba, o cantor, ainda criança, quase sempre cantarolava ritmos cubanos e tangos a caminho da escola, sem nenhuma cerimônia quando as pessoas o olhavam. Em 1940, decidiu formar seu primeiro conjunto musical com o nome de Sonora Matancera, mantendo-o até 1954, quando optou por fazer sua carreira solo. Com o acontecimento da Revolução Cubana em 1959, Bienvenido Granda decide deixar seu país e fixar residência na Cidade do México. Outros boleros, como "Angustia", "En la orilla del mar" e "Nostalgia", integram a lista de seus sucessos internacionais, bem como o proeminente e simpático bigode que lhe valeu o epíteto de "*el bigote que canta*".

Los Nativos Andinos

Equador

Reprodução

O grupo musical Los Nativos Andinos surge em 1934, como sucessor do grupo Alma Nativa. Foi fundado por Guillermo Garzón, da cidade de Otavalo, Marco Tulio Hidrobo, de Cota-Cache, e Bolívar Ortiz e Gonzalo, de Veintimilla de Quito. Nas décadas de 1920 a 1930, começavam a surgir os primeiros veículos de comunicação auditiva não apenas no Equador, mas em toda a América Latina. Em termos de cultura e comunicação nesse país, destacava-se a criação da estação de rádio El Prado, cujo protagonista, o engenheiro Carlos Cordovez Borja, iniciava a divulgação da música popular de forma mais sistemática, uma vez que a emissora de rádio recém-implantada estaria incumbida de realizar este trabalho não apenas lúdico, mas de importante relevância social. Segundo o pesquisador Mario Godoy, a data da primeira transmissão de teste da emissora foi o dia 27 de fevereiro de 1925, e a da primeira transmissão normal foi 13 de junho de 1929. Em meados de 1932 foram feitas as primeiras gravações de música popular equatoriana na rádio, para a gravadora RCA Victor, com os nomes dos autores e intérpretes. Um dos grupos musicais que se apresentaram nestas gravações foi o Alma Nativa, mais tarde chamado Los Nativos Andinos, como já registramos acima. A música popular no Equador foi apresentada pelo grupo Los Nativos Andinos, com composições em alguns dos ritmos tradicionais, contando com registros discográficos como “Momentos de tristura”, em ritmo yaraví, e “Apamuy señora”, no ritmo sanjuanito.

Carlotta Jaramillo
(1904-1987)

Equador

Reprodução

A década dos anos 1930 foi um período bastante próspero para a música popular equatoriana. Pode-se dizer mesmo que este é um momento de fundamental importância para a história e a consolidação da canção popular naquele país, ao revelar grandes cantores e instrumentistas dispostos a colaborarem com sua arte. Entre vários nomes hoje reconhecidos, destaca-se o de Carlotta Jaramillo. Em 1922, por ocasião da comemoração do Primeiro Centenário da Batalha de Pichincha, foi realizado um concurso de canto para amadores no Teatro Sucre, em Quito. Carlota e sua irmã Inés, que na época estudavam na Escola Normal Manuela Cañizares, participaram e ganharam o primeiro prêmio entre 19 outras concorrentes, sendo as únicas mulheres a cocorrer. Logo depois, ela se casou com o Sr. Jorge Araújo Chiriboga que, como seu principal compositor, a guiou pelo caminho artístico desde 1922 até tornar-se a única e indiscutível "Rainha do pasillo equatoriano". Ela gravou seu primeiro disco em 1938, nos estúdios da Rádio El Prado, em Riobamba, interpretando o pasillo "Amor grande y lejano", composto por seu cunhado Ángel Leónidas. Após o extraordinário sucesso, Carlotta Jamarillo continuou sua carreira de gravação com o pasillo "Honda pena", de Carlos Villafañe e Guillermo Garzón, do grupo Los Nativos Andinos. Mais tarde, em 1942, esta cantora volta a gravar um disco de longa duração, unindo sua voz à do famoso Luis Alberto "El Potolo" Valencia, incluindo neste repertório o pasillo "Sendas distintas", que havia sido escrito por seu marido. Este foi o início de uma rica produção discográfica que, já a partir da década de 1950 em diante, a levaria a gravar quase 20 álbuns completos, os então chamados *long plays*, contendo doze canções cada. Ao interpretar uma canção, ela costumava se manifestar da seguinte forma: "é como dizer uma oração quando há paz na música e na letra".

Reprodução Radio Teatro Infantil Martha Bolaños de Prado

Martha Bolaños de Prado
(1900–1963)

Guatemala

A partir da terceira década do século XX, surge um tipo de música com acompanhamento de piano, marimba e outros instrumentos rítmicos. É nesse momento que o cenário da música popular guatemalteca inicia sua trajetória de transformações com uma nova estética musical impetrada por Martha Bolaños de Prado, com a composição de suas primeiras melodias: "Alma mixqueña", "Negros frijolitos", "El zopilote", "Chancaca" e "Pepita". As letras de suas canções ficaram por conta de Gustavo Schwartz, seu parceiro em todas elas.

Em 1943, a era dourada da radiodifusão nacional começou com a Rádio TGW. Nesse período, as emissoras de rádio produziam também peças dramatizadas; assim, surgiam programas de boa qualidade que podiam competir com as produções estrangeiras. A radiodifusão torna-se realidade no país, passando a ser prestigiada pela população e atingindo elevados níveis de audiência. A Rádio TGW promovia compositores e cantores guatemaltecos, alguns deles interpretando boleros românticos, dentre eles, os compostos pelo prestigioso compositor Paco Pérez.

Paco Pérez
(1916-1951)

Guatemala

Reprodução

Nascido em Huehuetenango, Paco Pérez é o compositor da famosa canção "Luna de Xelajú". Com este trabalho, Pérez conquistou o terceiro lugar em um concurso nacional de canto realizado no Teatro Capitólio, na capital guatemalteca. "Luna de Xelajú" foi originalmente criada para ser executada por um instrumento conhecido como marimba. No entanto, em face da grande aceitação da canção por parte do público, vários artistas a interpretaram em outros instrumentos, como flauta, saxofone, violão e piano. "Luna de Xelajú" também foi gravada pelo grupo argentino Abracadabra, cujos membros ouviram a canção em uma turnê pela Guatemala e decidiram executá-la. Ao redor do mundo muitos artistas interpretaram essa canção de formas muito diferentes. Embora ela seja considerada parte da identidade dos guatemaltecos, sua principal inspiração não é bem conhecida. Nem mesmo Paco Pérez a conhece bem.

Diz-se que a pessoa que inspirou esta melodia emblemática foi Eugenia Cohen Alcahé, uma jovem de origem judaica e da alta sociedade de Quetzaltenango, por volta da década de 1940. Paco Pérez dedicou suas interpretações especiais e serenatas a esta senhora, porque naquela época era costume abrir apresentações de companhias internacionais de teatro e apresentações artísticas e musicais com músicos locais – espaços que Paco Pérez aproveitou muito bem para encantar o povo de Quetzaltenango com suas composições. Os quetzaltecos nunca imaginaram que esta melodia transcenderia a tal ponto de se tornar parte do repertório de muitos cantores nacionais e estrangeiros.

Los Angeles Daily News,
via Wikimedia Commons

Carlos Chávez
(1899–1978)

México

Chávez foi um dos compositores mais importantes do século XX e desempenhou um importante trabalho na música mexicana – algo semelhante ao que fez Villa-Lobos no Brasil. Em sua época, predominava a música de orquestra; e ele, não seguindo uma estética tradicional em suas obras, introduziu tendências musicais mais modernas junto aos músicos de seu país, especialmente da geração posterior à sua. Destacou-se não apenas por suas contribuições na área de composição musical; também foi um renomado maestro, conferencista e autor, além de ter sido o fundador de conceituadas organizações musicais do México. Suas obras foram sempre baseadas na música popular mexicana, muito embora tenha também se destacado por suas composições no engajamento social, compondo peças musicais edificantes que permanecem até hoje. Entre elas destacam-se *Sinfonía proletaria* (1934) e *Obertura republicano* (1935). A mitologia também esteve presente em suas obras *Sinfonía de Antígona* (1933) e *La hija de Colquide* (1944). A *Sinfonía de Antígona* teve origem na música incidental que Chávez compôs para a montagem da adaptação de Jean Cocteau da tragédia *Antigone*, de Sófocles, apresentada pelo grupo Teatro Orientación no Palácio de Belas Artes na Cidade do México, em 1932. Chávez reformulou alguns dos conceitos musicais dessa época em seu país e, como resultado desse trabalho, orquestrou sua *Primeira sinfonía*. A estreia dessa peça musical ocorreu na Cidade do México sob a batuta do compositor, em 15 de dezembro de 1933. Registre-se ainda a presença da música pré-colombiana em seu trabalho, exercendo grande influência sobre suas músicas como *Cantos de México* (1933), *Sinfonia índia* (1936) e *Xochipili-Macuilxochilt para a orquestra mexicana* (1940). Carlos Chávez tornou-se um grande ícone na vida musical mexicana. Ele fundou e dirigiu a Orquestra Sinfônica da Cidade do México (1928–1948), dirigiu o Conservatório da Cidade do México (1928–1934) e o Instituto Nacional de Artes (1947–1952). Enfim, este trabalho profícuo mantém viva, até hoje, a imagem de Carlos Chaves em seu país.

José Asunción Flores
(1904–1972)

Paraguai

Reprodução

A história deste cantor e compositor é realmente muito original. Ela começa quando, ainda garoto, Asunción Flores furtou um pedaço de pão de um armazém nos arredores da paróquia de San Roque Gonzalez de Santa Cruz, pequena cidade do interior de seu país. Ele ficava brincando com seus amigos nas ruas e, se tivesse chance, pedia dinheiro – não se sabe exatamente se ele era mendigo ou não; então foi preso com outras crianças, acusado de "vagabundear pelas ruas". Por causa desse delito, Asunción Flores e seus amigos foram levados para a Delegacia de Polícia, onde permaneceram presos sob as ordens do diretor, o italiano Nicolino Pellegrini. Por uma dessas ironias que não acontecem com frequência, na prisão conheceu outras pessoas que gostavam de música e a elas se juntou, o que mudaria completamente sua vida. Asunción Flores inicia seus estudos de teoria e solfejo; em pouco tempo se destacou dos outros alunos da classe, justamente pela facilidade que demonstrou no manejo das notas musicais. Ele se juntou à banda dos colegas como eufonista e, mais tarde, como trombonista, se tornando um dos melhores talentos de uma geração dourada da música popular paraguaia.

Em 1922, realizou a sua primeira composição, uma polca alegre, dedicada a seu padrinho Manuel Gondra. Depois, em 1925, experimentando uma velha canção popular, "Maerãpa reikuaase", Asunción Flores chega a uma das suas grandes criações: o gênero guarânia, ritmo único e próprio do Paraguai, criado por ele. O compositor, entretanto, enfatizava que o ritmo guarânia pertencia ao seu povo, para quem ele o criou. Em 1928, conheceu o poeta Manuel Ortiz Guerrero, que se tornou o autor das letras mais famosas da carreira do então jovem talento. Um pouco depois, mais uma dificuldade a vencer: devido ao seu envolvimento com a política no Paraguai daquela época, Asunción Flores precisou se exilar na Argentina. No entanto, suas guarânias ficariam no Paraguai, fazendo muito sucesso. A canção "Índia", com letra inicial de Rigoberto Fontao Meza e, depois, em 1928, com a letra definitiva de Ortiz Guerrero, se tornou a canção nacional paraguaia por decreto federal, em 1944. "Índia" foi gravada muitas vezes por trios de dois violões e uma harpa, como no original, por artistas de diferentes partes do mundo, e até mesmo pela orquestra e coral do Teatro Bolshoi, em Moscou. No decorrer do tempo, "Índia" tornou-se o que todos já esperavam: uma canção imortal.

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Felipe Pinglo Alva (1899–1936) e a dupla Salerno y Gamarra

Peru

Em gravações realizadas a partir de 1917, os diretores artísticos da gravadora Victor apresentavam uma variedade musical dos principais gêneros da música popular peruana, incluindo o huayno, uma tímida amostra da música inca e alguns gêneros, como o foxtrote. Mas a maioria das gravações era de música que poderia ser descrita como essencialmente peruana e, em grande escala, música popular nacional. O impacto da produção musical na sociedade peruana e o surgimento gradual de referências na música deve-se, sem dúvida, ao rádio, que surgiu em 1924. A partir de 1925, este veículo de comunicação foi definitivamente incorporado ao cotidiano da sociedade peruana. Até então a presença da música peruana era inexpressiva dentro do próprio país. O veículo passou a ter uma representatividade bem marcante nas transformações pelas quais passaria a cultura musical peruana. A partir desse momento, a música peruana começa a concorrer em condições de igualdade com o tango argentino e o foxtrote americano, ritmos que eram as grandes tendências da época e eram até então os preferidos dos peruanos e dos demais latino-americanos. O rádio veio para mudar tudo isso.

A famosa dupla Salerno y Gamarra incluiu em seu repertório música essencialmente andina ou crioula. Isto foi o suficiente para que a Rádio OAX divulgasse essas canções em sua programação. Em face do grande sucesso de Salerno y Gamarra, a Rádio OAX ofereceu um contrato para a dupla, tornando ainda mais forte a presença de ritmos e canções peruanas, o que mudaria sensivelmente o panorama musical do país. No início da década de 1930 já se vislumbrava uma mudança significativa na programação radiofônica peruana. Como em outros países, prevaleceram os interesses comerciais e a aliança das emissoras de rádio com as gravadoras foi mais uma vez consolidada. A dupla Salerno y Gamarra soube aproveitar muito bem esse momento e projetar os gêneros musicais próprios de seu país, como o huayno, o vals criollo, zamacueca, varavi, entre outros. Em face dessas transformações, a dupla Salerno y Gamarra é considerada como o grande veículo de transformação da canção popular peruana.

Oxford e Un Real al 69

Uruguai

A partir de 1890, um novo estilo musical, o tango, surgia em ambos os lados do Rio da Prata, como uma convergência de tradições separadas de dança e música. Inicialmente caracterizado por um ritmo 2 x 4, intimamente relacionado à habanera, o tango mudou sua estrutura métrica ao longo de sua longa trajetória durante a segunda década do século XX. A cidade de Montevidéu, como já acontecia em Buenos Aires, tornou-se um espaço de grande efervescência para a cultura musical do tango, especialmente na última década do século XIX e na primeira metade do século XX.

Em 1922, e especialmente ao longo das décadas de 1920 e 1930, surgiram na capital uruguaia os grupos e os conjuntos corais masculinos, nova forma de fazer música. Entre esses grupos, muitos chamados trupes, os mais importantes foram o Oxford e o Un Real al 69. Boa parte desses grupos era formada por estudantes universitários que, fora do contexto carnavalesco, se apresentavam em espetáculos teatrais. É provável que alguns aspectos da relação entre solista e coral observada nas atividades carnavalescas sejam mesmo decorrentes de uma contribuição para a aproximação desses grupos.

Biblioteca Nacional de Uruguay, Reprodução

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Gerardo Matos Rodríguez
(1897-1948)

Uruguai

Gerardo Matos Rodríguez foi o precursor do tango uruguaio, que se estabeleceu em meados de 1920, coincidindo com o início do enorme sucesso de sua composição "La cumparsita" (1916/1917), com letra de Pascual Contursi e Enrique Pedro Maroni. Posteriormente, a memória da milonga dançável interagiu com o espírito do tango, dando origem a uma subespécie, comumente conhecida como tango-milonga. As forças criativas que sustentavam o desenvolvimento do tango foram esgotadas em 1955.

Entre 1920 e 1930, o desenvolvimento do tango ocorreu predominantemente na margem sudoeste do Rio da Prata, e Buenos Aires tornou-se seu principal centro. Naquele período, o bandoneón, particularmente ligado à capital argentina, tornou-se um instrumento fortemente associado ao tango. A coreografia característica deste ritmo desapareceu gradualmente em seu uso social de massa, em meados dos anos 1930, para reaparecer como uma *moda retrô* entre 1985 e 1995. O mais famoso de todos os tangos, "La cumparsita", foi tocado pela primeira vez em público no antigo Café La Giralda, em Montevidéu. Mas não por acaso; é que ele foi criado nesse estabelecimento. O Museu do Tango de Montevidéu está atualmente nesse local histórico.

A participação do Uruguai na história do tango foi de fundamental importância. Além de Gardel e Matos Rodríguez, havia muitos outros uruguaios que eram figuras importantes no tango, como compositores e intérpretes. Arturo de Nava (1876–1932) e José Razzano (1887–1960), que formou um duo com Gardel por muitos anos, estabeleceram uma ligação com a rigorosa tradição dos estilistas e pagadores. Manuel O. Campoamor (1877–1941), pianista e compositor, foi uma das figuras fundamentais na história do tango. Alfredo Eusebio Gobbi (1877–1938) trouxe sua experiência circense e uma atitude mais lúdica, ele foi coprotagonista da introdução do tango na Europa.

Um mundo em transformação

Em 1942 o mundo estava em guerra. Até então o mercado mundial trabalhava com discos que giravam em 78 rpm e acomodavam de cada lado apenas uma música. A música popular brasileira saía da chamada Era de ouro dos anos 1930 e entrava num compasso de espera. Já no pós-guerra, emergiam com força o baião e o samba-canção, enquanto nos EUA tinha início a revolução gerada pelo *long-play* (LP) que chegaria à América Latina em 1951, em discos de 10 polegadas e 33 rpm capazes de armazenar 23 minutos de áudio. Muitos desses primeiros LPs traziam gravações de sucesso na década anterior, de Luiz Gonzaga, Caymmi, Dick Farney, Ary Barroso e Silvio Caldas, e mesmo Aracy de Almeida, resgatando o Noel dos anos 1930. O LP de 12 polegadas chegou em 1956, com capacidade para armazenar 44 minutos de música – doze canções. Esse período de grandes mudanças anunciou os marcos iniciais de movimentos que conquistariam as décadas seguintes: a bossa nova (no revolucionário primeiro disco de João Gilberto, precedido por Elizeth Cardoso e pela voz de Dick Farney) e o rock (simbolizado, no Brasil, pelo surgimento de Cely Campello). O samba paulista de Adoniram e a mistura de Jackson do Pandeiro também emergiam. Na América Latina, o canto dos mariachi dividiu espaço com os boleros (Trio Los Panchos, Agustín Lara) e o jazz cubano (Tito Puentes, Miguelito Valdés e Machito), se somando a gêneros que repercutiram no nosso País, como o mambo e a guarânia paraguaia. A voz privilegiada de Yma Sumac e o canto de Bola de Nieve eram destaque. Os primeiros sinais da nova trova chilena e argentina também ecoavam entre nós.

Juca Novaes

José de Araujo Novaes Neto (Avaré, SP, 1958), mais conhecido como Juca Novaes, é cantor, compositor, produtor e advogado especializado em direito autoral. Tem obras gravadas por nomes importantes da MPB, como Lenine, Danilo Caymmi, Tavito, Jane Duboc e Alaíde Costa. É um dos criadores e integrantes do grupo Trovadores Urbanos. É membro do *board* do Ciam (Conselho International de Autores de Música) e vice-presidente da Alcam (Aliança Latino-Americana de Autores e Compositores de Música).

Afro Cuban Music

Miguelito Valdés e Machito e seus Afro-cubanos

1947, Cuba, Decca

Reprodução

O jazz afro-cubano surgiu no início da década de 1940, com os músicos cubanos Mario Bauzá (trompetista) e o tocador de maracas e cantor "Machito" (Francisco Raúl Grillo), por meio da banda Machito e seus Afro-cubanos, em Nova York. Foram os primeiros a fundir ritmos afro-cubanos com improvisação de jazz e arranjos de big band, num som que passou a ser chamado de "cubop". Machito atuava como *frontman* e tocador de maracas, enquanto Bauzá definiu o caráter da banda como diretor musical. A partir de 1942, o grupo fez várias gravações em parceria com o cantor e compositor Miguelito Valdés – um dos grandes nomes da cena cubana dos anos 1940 e 1950, e que também atuou como ator em vários filmes e apresentou-se em importantes bandas e orquestras. Miguelito foi autor de canções que são referências na rumba cubana, como "Mondongo", "Rumba rumbero", "Loco de amor" e "Los tambores", dentre outras. Depois de gravarem quatro discos de 78 rpm, os registros das gravações de Miguelito com Machito e seus Afro-cubanos foram incluídos num *LP* de 10 polegadas, lançado pela gravadora Decca em 1947, intitulado *Afro Cuban Music*, com oito canções: "Enlloró", "Yo saludá", "Tabú", "Guadalajara", "Ecó" e "Botellero", "La rumba soy yo" e "Letargo", essas duas últimas de autoria de Miguelito. O jazz afro-cubano (ou cubop) registrado nesse disco de grande repercussão inspirou grandes músicos de jazz americanos, como Dizzy Gillespie, Charlie Parker e Stan Kenton.

Sones of Mexico

Trio Aguilillas

1950, México, Folkways Records

Reprodução

O Trio Aguilillas era formado originalmente pelos irmãos Antonio, Pedro e Juan Rivera, naturais de Aguililla, em Michoacán, estado mexicano também conhecido como "Tierra Caliente". Foram ensinados pelo pai, Pedro Rivera, um harpista conhecido em toda a região como grande intérprete da música local, chamada calentana. Michoacán é uma das regiões do México onde a harpa – às vezes conhecida como harpa grande ou mesmo harpa de tierra caliente – é predominante na música local. O som michoacano, em termos de instrumentação, é bastante próximo do conhecido som jarocho, do estado mexicano de Vera Cruz, que utiliza (1) uma guitarra jarana jarocha, (2) um requinto jarocho, um tipo de violão com 5 ou 8 cordas, dependendo da sua origem, e (3) a harpa. Esse tipo de som inicialmente não foi aceito na capital mexicana, portanto o Trio Aguillillas teve que aprender os sons huastecas, boleros e canções rancheiras que estavam na moda. Foi só depois de se tornarem conhecidos pela participação em vários filmes, e também em programas da conhecida Rádio XEQ, que passaram a interpretar os sons de Michoacán, pouco a pouco tornando essa música aclamada em todo o país. O *LP Sones of Mexico*, de 10 polegadas, teve grande repercussão na divulgação da música regional mexicana. Lançado pelo selo americano Smithsonian Folkways, registrou em disco, pela primeira vez, manifestações nativas como o michoacano (em canções como "La media calandria" e "El gusto planeco"), o huasteco ("La Petenera"), guerrerense ("La malagueña guerrerense") e jarocho ("El cascabel"). Com esse disco, o Trio Aguillillas marcou seu nome na história da música mexicana.

Música de Ary Barroso, canta Sílvio Caldas

Sílvio Caldas

1953, Brasil, Rádio

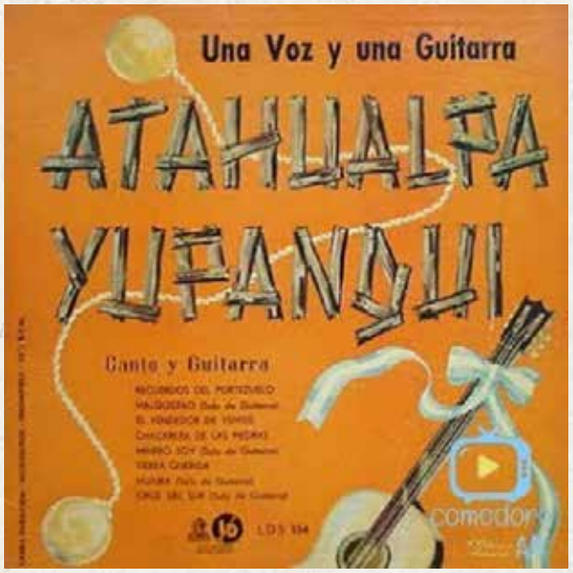
Reprodução

Quando o disco *long-play* chegou ao Brasil, em 1951, Ary Barroso já era consagrado como um dos mais importantes compositores da música popular brasileira. Em sua carreira, já era conhecido como autor de marchas, sambas, sambas-canção, várias que se tornaram verdadeiros clássicos, em especial a conhecidíssima "Aquarela do Brasil". Além disso, fora o compositor mais gravado por Carmem Miranda, e suas obras tinham sido incluídas em filmes de Walt Disney. Já Sílvio Caldas, um dos cantores de maior destaque nas décadas de 1930 e 1940, além de compositor ("Chão de estrelas", "Serenata"), fora um dos artistas que mais gravara obras de Ary, inclusive o seu primeiro sucesso, "Faceira", de 1931, além de "Maria", de 1938. Por essa razão, a possibilidade de registrar num *LP* de 10 polegadas oito clássicos do compositor, na voz privilegiada do "Caboclinho querido", deu origem a um disco de importância inegável. O *LP* foi lançado pela pequena gravadora Rádio, de propriedade de Ovidio Grotera, ex-diretor da Rádio Tupi. Ary tocou o piano nas gravações, que trouxeram, além das já citadas "Faceira" e "Maria", lançadas nos anos 1930 como "No Rancho Fundo" e "Tu", também obras criadas nos anos 1940 ("Morena Boca de Ouro", "Três lágrimas, "Terra seca") e 1950 ("Risque"). *Música de Ary Barroso, canta Sílvio Caldas* foi lançado em 1953, cinco anos antes do lançamento do disco seminal do exigente João Gilberto, *Chega de saudade*, que dentre as obras escolhidas, incluiu "Morena Boca de Ouro", num reconhecimento da modernidade e importância da obra do grande Ary Barroso.

Una voz y una guitarra

Atahualpa Yupanqui

1953, Argentina, Odeon



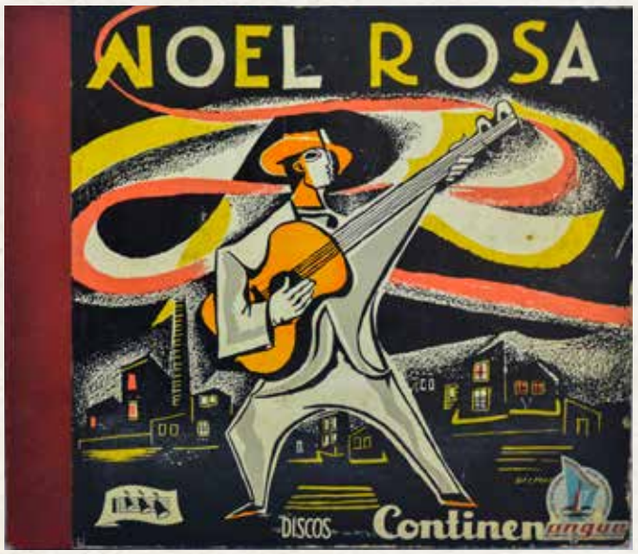
Reprodução

O nome artístico do cantor, compositor e escritor argentino Héctor Roberto Chavero foi inspirado em dois imperadores incas: Atahualpa (1532–1533) e Túpac Yupanqui (1471–1493). Em quéchua, seu nome significa "aquele que vem de terras distantes para dizer algo". A obra que construiu durante seus oitenta e quatro anos de vida parece dar razão a esse significado. Considerado o pioneiro da nova canção argentina, movimento importante que floresceu nos anos 1960, Atahualpa foi o maior pesquisador de música folclórica daquele país, recolhendo um amplo cancioneiro não apenas em terras argentinas, mas também no exterior. Suas composições foram cantadas por reconhecidos intérpretes, como Mercedes Sosa, Alfredo Zitarrosa, Víctor Jara, Ángel Parra e Marie Laforêt. No Brasil, Elis Regina gravou com sucesso "Los hermanos", no disco *Falso brilhante*, lançado em 1976, e Dércio Marques, no ano seguinte, gravou várias canções de Atahualpa em seu disco *Terra, vento, caminho*. Até hoje, a obra de Atahualpa continua a fazer parte do repertório de vários artistas na Argentina e em diferentes partes do mundo. *Una voz y una guitarra* foi o primeiro disco gravado por Atahualpa, lançado pela gravadora Odeon em outubro de 1953, que se tornou um clássico da música argentina e latino-americana. Este *LP* de 10 polegadas inclui oito canções de Atahualpa, como "Recuerdos del Portezuelo", "Malquistao", "El vendedor de yuyos", "Chacarera de las piedras" (essas duas em parceria com Pablo del Cerro), "Minero soy", "Tierra querida", "Huajra" e "Cruz del sur".

Aracy de Almeida apresenta sambas de Noel Rosa

Aracy de Almeida

1954, Brasil, Continental



Reprodução

Noel Rosa foi um dos mais importantes compositores da história da música popular brasileira. Faleceu em 1937, com apenas vinte e seis anos de idade, deixando mais de 200 obras – várias das quais se tornaram verdadeiros clássicos. A verdade é que suas obras só foram valorizadas após sua precoce morte, e Aracy de Almeida, conhecida como "A Dama do Encantado", acabou sendo a cantora que melhor traduziu e cantou seus versos. Conhecida e reconhecida como a primeira grande intérprete de samba no país, a também carioca Aracy passou a divulgar a obra de Noel no final dos anos 1940, em várias temporadas na conhecida boate Vogue, em Copacabana. Em 1954, gravou esse repertório no disco *Aracy de Almeida apresenta sambas de Noel Rosa*, pela gravadora Continental, num *LP* de 10 polegadas, com capa de Di Cavalcanti. Um disco curto, de pouco mais de 20 minutos de duração, que mostra como Aracy consegue cantar com bastante maestria os sambas compostos na curta vida de Noel. O repertório traz obras que – sem exceção – se tornaram imortais. O *LP* abre com "Feitiço da Vila", de Noel e Vadico, a bela homenagem à Vila Isabel, sucedida por outra obra famosa da dupla, "Pra que mentir". A partir daí, é uma sucessão de sucessos, com destaque para "Último desejo", "Não tem tradução", "Conversa de botequim" (também parceria com Vadico) e encerrando com "Palpite infeliz", outra bela homenagem à Vila Isabel, que também se tornou conhecida pela polêmica entre Noel e o compositor Wilson Batista. Disco clássico, com a perfeita harmonia entre o grande mestre do samba e sua intérprete maior.

Canções praieiras

Dorival Caymmi

1954, Brasil, Odeon

Dorival Caymmi é uma figura singular na música brasileira. Sua música não tem paralelo, nem antes, nem depois de seu surgimento como compositor, no final dos anos 1930, com o sucesso de "O que é que a baiana tem", na voz de Carmem Miranda. Perfeccionista, compôs um número relativamente reduzido de canções em sua carreira, a maioria delas clássicas, o que levou Caetano Veloso a dizer: "escrevi 400 canções e Dorival Caymmi, 70. Mas ele tem 70 canções perfeitas, e eu não". Em 1954, lançou o seu primeiro *LP*, de 10 polegadas, *Canções praieiras*, que pode ser considerado um dos primeiros álbuns conceituais da história fonográfica do Brasil. As oito canções, incluindo as inéditas "Quem vem pra beira do mar" e "O bem do mar", falam sobre o mar e os pescadores, um dos temas prediletos de Caymmi. As outras seis canções do disco são sambas "praieiros", lançados originalmente em 78 rpm na década de 1940, como "O mar" (1940), "É doce morrer no mar" (1941), "A jangada voltou só" (1941), "Canoeiro" (1944), "Lenda do Abaeté" (1948) e "Saudades de Itapoã" (1948). Todas as músicas foram gravadas apenas com a potente voz de Caymmi e seu violão, personalíssimo, tanto na parte rítmica como harmônica. Como se não bastasse, é ele também o autor da arte da capa que, com cores fortes, representa pescadores com os peixes, ilustrando com talento também pictórico as imagens contidas nas letras das canções. *Canções praieiras* figura com uma importância incontestável na história da discografia brasileira, por registrar pela primeira vez num formato de *LP* a obra originalíssima e conceitual de Dorival Caymmi.

Dinner in Caracas

Aldemaro Romero

1954, Venezuela, RCA Victor

Guillermo Ramos Flamerich, via Wikimedia Commons

Aldemaro Romero nasceu na cidade venezuelana de Valência e logo se notabilizou como um compositor de grandes recursos, criando uma ampla gama de músicas em diferentes gêneros, como o jazz, valsas venezuelanas, incluindo obras para orquestra, orquestra e solista, orquestra e coro, música de câmara e obras sinfônicas. Depois de trabalhar durante anos como pianista em salões e orquestras em Caracas, mudou-se para os Estados Unidos, tendo se tornado, em 1951, arranjador da RCA Victor em Nova York. Como parte desse contrato, lançou seu álbum *Dinner in Caracas*, o primeiro da série Dinner In... com música popular latino-americana. Foi considerado um trabalho inovador, com elegante modernização da música folclórica venezuelana, transportando-a para versões orquestrais modernas completas. A gravação foi feita por Romero no Webster Hall Studios em Nova York, de propriedade da RCA Victor, nos dias 13 e 14 de dezembro de 1954. Como ainda não havia surgido o sistema de gravação multipista, o *LP* foi gravado ao vivo, com o sistema mono, ainda que as sessões da orquestra e os solistas tenham gravado com seus próprios microfones. O conteúdo do disco incluiu peças folclóricas venezuelanas, como: "Alma llanera", "Dama Antañona", "La reina', "Adiós a Ocumare", "Conticinio", "Endrina", "Fúlgida Luna", "Besos en mis sueños", "Serenata', "Luna de Maracaibo" e "Sombra en los médanos". *Dinner in Caracas* se tornou um dos discos de obras latino-americanas mais difundidos em todo o mundo.

Mambo!

Yma Sumac

1954, Peru, Capitol Records

Foto Brosio, Domínio Público, via Wikimedia Commons

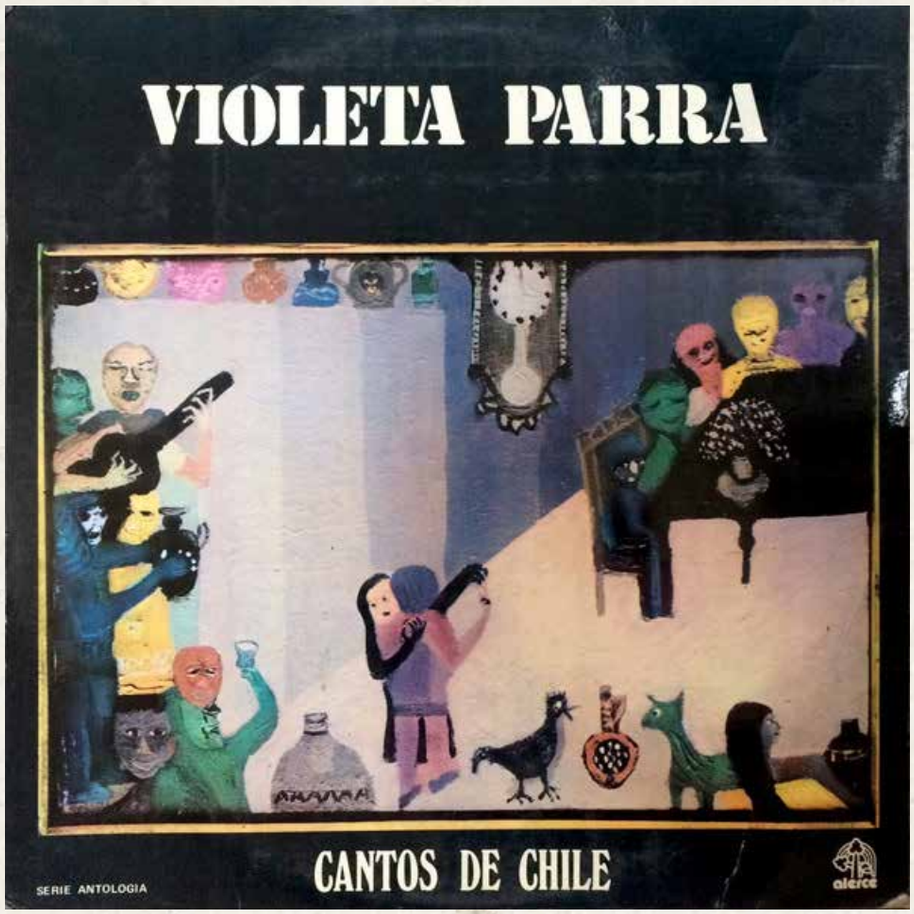
A peruana Yma Sumac apareceu para o mundo como um fenômeno, na primeira metade dos anos 1950. Dotada de uma extensão vocal extraordinária (no seu auge, sua voz podia atingir até cinco oitavas), suas primeiras gravações, realizadas em seu país nos anos 1940, apresentaram repertório de canções folclóricas peruanas cantadas na antiga língua andina quéchua, bem como em espanhol. Um dos mitos que cercava sua vida dizia que sua mãe era descendente direta de Atahualpa, o último imperador inca. Em 1950, Sumac assinou contrato com a poderosa Capitol Records, tendo a partir daí alcançado aclamação internacional, tanto por seu canto, algumas vezes considerado exótico pelos inusitados registros vocais, como também por sua beleza e marcante figurino. Lançado em 1954, *Mambo!* foi o quarto disco de Yma na Capitol, considerado o mais importante de todos. A maior parte das onze faixas foi criada por seu marido, o compositor peruano Moisés Vivanco, tendo sido considerado uma excelente peça de música e orquestra, além de revelar mais uma vez a extraordinária capacidade vocal de Sumac. Nas gravações, em suas seções de metais e trompas, a orquestra se mistura à voz de Sumac, que muitas vezes soa como instrumento de percussão e em outros momentos parece replicar sons da floresta tropical. Embora o título do disco aluda a um gênero musical (o cubano-americano mambo), o disco apresenta faixas quase experimentais, free jazz com música latina e flamenco, numa mistura ousada para a época, o que projetou ainda mais o nome de Yma Sumac em todo o mundo.

Cantos de Chile

Violeta Parra

1956, Chile, Chant du monde

Reprodução, Direitos reservados



Em 26 de março de 1956, Violeta Parra entrou em um estúdio de gravação em Paris, França, para gravar uma série de canções folclóricas do Chile, acompanhada apenas de seu violão. Tal oportunidade surgiu numa série de viagens que a compositora e artista chilena fez a países europeus, para divulgar a cultura chilena, ocasião em que residiu na capital francesa por um período de cerca de dois anos. Além de compositora inspirada e com canções que tiveram repercussão internacional (inclusive no Brasil), como "Gracias a la vida" e "Volver a los 17", Violeta foi uma das importantes pesquisadoras de ritmos, danças e canções populares chilenas, chegando a catalogar cerca de três mil canções tradicionais, importante trabalho para resgate e valorização cultural chilena. *Cantos de Chile* foi lançado pelo selo francês Chant du monde no mesmo ano de 1956 e teve uma importante reedição, em 1975. O lado A do *LP* abre como uma série de cantos denominados "Canto a lo poeta", incluindo "Canto a lo divino" e "Canto a lo humano", recolhidas do folclore das comunas chilenas de Barrancas e Puente Alto. Também figuram temas instrumentais e obras musicais relativas a danças típicas do Chile e da América Latina, como a cueca e a tonada. Nesse disco consta também a primeira gravação de "Casamiento de negros", adaptação de Violeta para o poema "Boda de Negros", de Francisco de Quevedo, canção que se tornou internacionalmente conhecida, tendo sido gravada, muitos anos depois, por Milton Nascimento.

A história do Nordeste na voz de Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga

1956, Brasil, RCA Victor

Acervo Arquivo Nacional, Domínio público, via Wikimedia Commons

O baião, considerado o gênero musical que melhor enfrentou a invasão do bolero no final dos anos 1940, teve seu marco inaugural com o lançamento da canção "Baião", de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em outubro de 1946. Pela primeira vez, a música do Nordeste tinha lugar nas rádios e alcançava o povo brasileiro em grande dimensão. No ano seguinte, a mesma dupla criou e gravou "Asa Branca", que se tornou uma obra-prima reconhecida e gravada internacionalmente. Luiz Gonzaga se tornou "o rei do baião" e a gênese da sua música aparece muito bem exemplificada no primeiro *LP* de sua carreira, em 10 polegadas, intitulado *A história do Nordeste na voz de Luiz Gonzaga*, uma coletânea de gravações previamente lançadas em compacto entre 1947 ("Asa Branca") e 1953 ("O xote das meninas"). A gênese do forró aparece muito bem exemplificada nesse disco, em obras que se tornaram clássicas, como "Paraíba" (1952), "Acauã" (1952), "Respeita Januário" (1950) e "ABC do Sertão" (1953). Essas gravações consolidaram o predomínio do baião na música brasileira, com a forte identificação da figura de Luiz Gonzaga, sua voz e sua sanfona, trazendo o linguajar típico do Sertão e mostrando nas letras a pobreza, as tristezas e as injustiças de sua árida terra, o sertão nordestino. A instrumentação utilizada nas gravações – utilizando sanfona, zabumba e triângulo – passou a ser a marca registrada daquele novo ritmo que, durante anos, se tornou o maior sucesso em todo o Brasil e representou a porta de abertura para a importância da música nordestina.

Saudosa maloca – Demônios da Garoa nos sambas de Adoniran Barbosa

Demônios da Garoa

1957, Brasil, Odeon

O ator, compositor, cantor e comediante João Rubinato, imigrante italiano conhecido como Adoniran Barbosa, trouxe à música brasileira a linguagem popular paulistana, com linguajar matuto, em canções com personagens populares, como os despejados das favelas, os engraxates e a mulher atropelada "na rua São João" – mostrando, com a inusitada mistura entre humor a tragédia, a imagem da exclusão social imposta ao proletariado paulistano. Feliz foi o casamento dessas canções marcantes com o mais paulistano dos grupos vocais e instrumentais surgidos no país: os Demônios da Garoa. Criado em 1943, o grupo ainda não tinha abrangência nacional quando, em 1957, gravou seu primeiro *LP*, com oito sambas de Adoniran, dentre eles o grande sucesso "Saudosa maloca", a faixa mais conhecida do disco. Na gravação, tem destaque o mérito incontestável dos integrantes dos Demônios, aprimorando o "caipirês" da letra, além de criar o inconfundível "cas cas cas cas culá" do início e do final – uma brincadeira fonética que o povo transformou em "joga as cascas pra lá, joga as cascas pra cá". Neste disco foram também gravadas outras composições que, com o passar dos anos, foram se consolidando como alguns dos principais sucessos de Adoniran, como "Samba do Arnesto", "As mariposa" e "Arnesto". Pela primeira vez, todo o Brasil ouvia o sotaque do samba paulistano, criado pelo seu autor mais irreverente, e nas vozes do grupo que, anos depois, seria identificado como o mais longevo da história da música brasileira, ainda em atividade no ano de lançamento desse livro.

MOD8-3065
Saudosa Maloca
DEMÔNIOS-DA-GAROA
NOS SAMBAS DE
ADONIRAN BARBOSA
ODEON

Agustín Lara, foto do jornal Los Angeles Times, via Wikimedia Commons

Trio Los Panchos canta música de Agustín Lara

Trio Los Panchos

1957, México, Columbia

Agustín Lara, nascido na cidade do México nos últimos anos do século XIX, foi um dos mais conhecidos e bem-sucedidos compositores mexicanos de todos os tempos. Também ator e cantor, foi o criador de cerca de 600 músicas, dentre elas clássicos internacionais como "Granada", "María Bonita", "Solamente una vez", "Farolito", "Mujer", "Pecadora", "Noche de ronda", "Oración Caribe". Já o Los Panchos foi um trio musical romântico de dimensão internacional, formado na década de 1940, na Cidade do México, pelos mexicanos Chucho Navarro e Alfredo Gil, e pelo porto-riquenho Hernando Avilés. Com o passar dos anos, figuraram dentre os artistas latino-americanos mais populares em todo o mundo, ajudando a divulgar o bolero e a canção latino-americana para todo o planeta. Hernando Avilés fazia a primeira voz, Chucho Navarro a segunda, Alfredo Gil a terceira, além de tocar o requinto, pequena guitarra de seis cordas de náilon. Essa formação, de sonoridade ímpar, se tornou a marca característica do trio, e inspirou inúmeras formações musicais congêneres. Em 1957, o trio gravou o LP *Trio Los Panchos canta música de Agustín Lara*, pelo selo Columbia. Era a oportunidade de somar o trabalho criativo do mais importante dos compositores mexicanos às vozes do grupo mais conhecido e bem-sucedido. Imediatamente, o disco se tornou um grande sucesso, trazendo doze canções de autoria de Lara: "Mujer", "Granada", "Oracion Caribe", "Farolito", "Rival", "Marimba", "Rosa", "Maria bonita", "Noche de ronda", "Piensa em mí", "Palmera" e "Arrancame la vida".

Atendendo a pedidos

Dick Farney

1958, Brasil, Odeon

Dick Farney, nome artístico do carioca Farnésio Dutra, marcou época com sua voz aconchegante e sem vibratos, sendo considerado um dos precursores da forma de cantar de João Gilberto, que ganhou o mundo com a bossa-nova. Além do canto elegante e de timbre inconfundível, Dick era um pianista erudito de mão cheia, mas também amante do jazz. Em 1946, fez sucesso com a gravação de "Copacabana", de João de Barro e Alberto Ribeiro, samba-canção moderno que apontava caminhos na contramão do bolero e do samba-canção tradicional da época. Em primeiro lugar, porque feito sem a impostação vocal dos cantores de então, e sem o tipo de letra sofrida associada a tal gênero musical. O grande inspirador de Dick era o cantor norte-americano Bing Crosby, quando morou nos Estados Unidos no final da década de 1950, tendo sido o primeiro intérprete a gravar o célebre standard "Tenderly". De volta ao Brasil, Dick emplacou vários sucessos, e com o advento do *LP* teve oportunidade de registrar, naquele novo formato, não apenas as obras mais recentes, mas também as que gravara na década anterior – inclusive "Copacabana". Foi com essa excelência de cantor e pianista que gravou, em 1958, o *LP Atendendo a pedidos*, com arranjos do maestro Leo Peracchi. No repertório, sambas-canção do porte de "Alguém como tu" (José Maria de Abreu e Jair Amorim, 1952), "Nick Bar" (Garoto e José de Vasconcelos, 1952), "A saudade mata a gente", "Marina e "Ponto final" (derradeira faixa do disco). As gravações ainda hoje soam modernas e comprovam que Dick Farney era um artista à frente de seu tempo.

Canção do amor demais

Elizeth Cardoso

1958, Brasil, Festa

Em 1957, o jornalista Irineu Garcia, dono do pequeno selo fonográfico Festa, pretendia gravar um disco com poemas de Vinícius de Moraes. Essa era a especialidade da gravadora: fazer o registro de poesia e prosa na voz de autores de obras literárias. Mas a ideia evoluiu e acabou resultando no *Canção do amor demais*, que reuniu nove canções compostas em parceria pelo então jovem pianista e arranjador Antonio Carlos Jobim, que tocava piano nas boates cariocas, e o já famoso poeta e diplomata Vinícius de Moraes. Com a impossibilidade de participação de Dolores Duran como intérprete das canções – segundo dizem, por razões comerciais – o convite foi estendido a Elizete Cardoso, a "Divina", ótima cantora, reconhecida pela extrema elegância e pelo bom gosto. Vinícius a apresenta na contracapa do disco como dona de "uma voz experiente, com a pungência dos que amaram e sofreram, crestada pela pátina da vida". Lançado em janeiro de 1958 e gravado em apenas dois dias, esse disco figura como marco fundamental da música popular brasileira, devido fundamentalmente à participação de João Gilberto, à época, um tímido e promissor violonista, cuja batida original e personalíssima era ouvida logo na faixa de abertura, a depois conhecidíssima "Chega de saudade", e também em "Outra vez". As harmonias e os arranjos de Tom no disco, assim como as letras de Vinícius, são reverenciados até hoje, sendo que, além das nove parcerias da dupla, também integram o disco duas obras apenas de Jobim ("As praias desertas" e "Outra vez") e duas só de Vinícius ("Serenata do adeus" e "Medo de amar").

Música: Antônio Carlos Jobim | Poesia: Vinicius de Moraes
DISCOS
Festa
LONGA-DURAÇÃO
CANÇÃO DO AMOR DEMAIS
Elizeth Cardoso

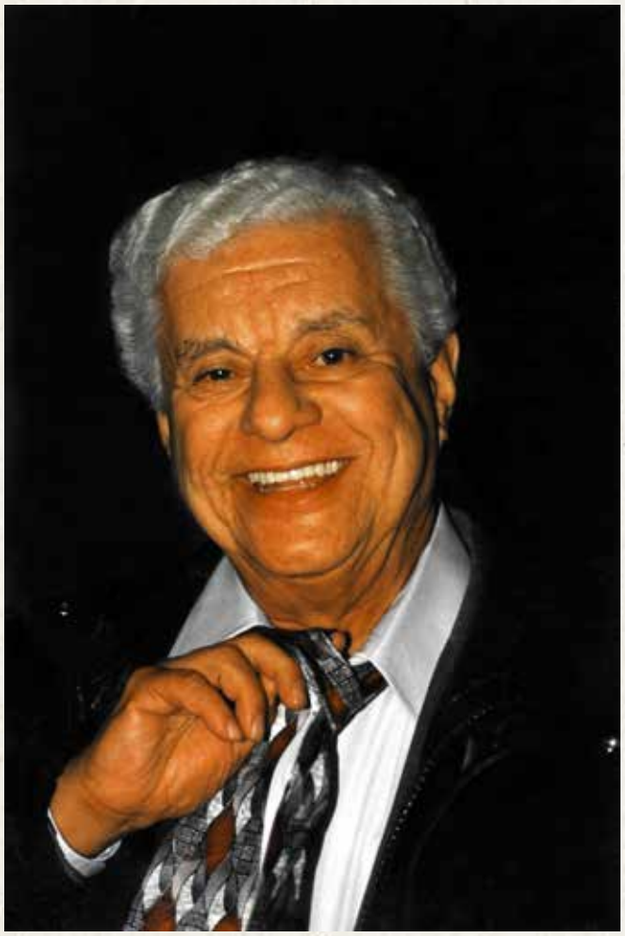
Dance Mania

Tito Puente

1958, EUA | Porto Rico, RCA Victor

Embora tenha nascido em Nova York, Ernesto Antonio "Tito" Puentes, de pais porto-riquenhos, é internacionalmente reconhecido por sua enorme e significante contribuição à música latina como líder de banda, compositor, arranjador e percussionista. Gravou mais de 120 álbuns e compôs mais de 450 obras, principalmente nos gêneros jazz, salsa e mambo, sendo popularmente conhecido como "Rei do mambo". Seu registro fonográfico máximo e mais conhecido foi *Dance Mania*, lançado no início de 1958, o *LP* de mambo mais vendido da história. Com ele, Tito conseguiu romper com dois tabus que dificultavam a penetração e o reconhecimento da música latina nos Estados Unidos: a duração das faixas (o aceitável eram gravações de no máximo três minutos) e as letras em espanhol. Tito compôs quase todas as músicas do disco, fez os arranjos, tocou marimba, percussão, timbaúba e vibrafone nas gravações, das quais um dos destaques é o solo de vibrafone que fez na instrumental "Hong Kong Mambo". Mesclando mambos com cha-cha-chás, boleros e música instrumental, a excepcional qualidade de gravação e os inovadores arranjos de metais e percussão se tornaram o exemplo de como fazer sucesso no mercado americano sem perder suas raízes. *Dance Mania* é um clássico da música latino-americana, sendo que até hoje, mesmo decorridas mais de seis décadas, muitas das escolas de dança da América Latina e dos Estados Unidos continuam a usar as faixas do disco em suas aulas. O extraordinário sucesso do álbum fez com que, dois anos depois, pela mesma RCA, fosse lançado *Dance Mania Volume 2*, também com grande êxito.

Kingkongphoto, via Wikimedia Commons



Acervo Arquivo Nacional, Domínio público, via Wikimedia Commons

Chega de saudade

João Gilberto

1959, Brasil, Odeon

João Gilberto é o artista que mais influenciou músicos brasileiros e internacionais, a partir do lançamento de *Chega de saudade*, em 1959. Em tudo esse disco é revolucionário: na forma de tocar violão, na voz pequena e sem arroubos e *vibratos*, e na impecável escolha de repertório. Anos depois, criadores como Edu Lobo, Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso destacavam a primeira audição desse disco como a experiência mais importante de suas vidas profissionais e determinante para que tivessem escolhido a carreira artística. No texto da contracapa do disco, Tom Jobim escreveu que "em pouquíssimo tempo, João influenciou toda uma geração de arranjadores, guitarristas, músicos e cantores". No exterior, expoentes do jazz como Dave Brubeck, Coleman Hawkins e Stan Getz repercutiram aquelas canções e aquela nova forma de tocar samba. A base de tudo isso estava nesse disco. Lá estão as canções de Tom Jobim ("Chega de saudade" e "Brigas, nunca mais", com Vinícius, e "Desafinado", com Newton Mendonça), Carlinhos Lyra ("Lobo bobo", "Saudade fez um samba" e "Maria Ninguém") e do próprio João ("Ho-ba-la-lá" e "Bim-bom"). Também há a releitura de clássicos do passado, como Caymmi ("Rosa Morena") e Ary Barroso ("Morena Boca de Ouro" e "Luxo só"). Esse disco fez história. De um estúdio de gravação alcançou o mundo, em todos os continentes, lançando um novo jeito de tocar e cantar, na criação de uma batida inconfundível, lançando a onda musical que até hoje, decorridas mais de seis décadas, mais identifica o Brasil no exterior: a bossa nova.

Estúpido Cupido

Cely Campello

1959, Brasil, Odeon

O rock'n'roll surgiu nos Estados Unidos na primeira metade dos anos 1950, e a partir daí incendiou o mundo. Nomes como Bill Halley, Elvis Presley e Chuck Berry passaram a ser conhecidos, em todo o planeta, como intérpretes daquele novo ritmo, que atingia especialmente os jovens. Na América Latina não foi diferente. No Brasil, o primeiro rock gravado (em 1955) foi *Rock around the clock*, interpretado pela cantora Nora Ney, identificada com músicas de fossa e já com mais de trinta anos. Por essa razão, embora um marco, a gravação não se tornou sucesso. A explosão popular de um rock gravado no Brasil só veio três anos depois com Cely Campelo, garota de apenas 16 anos, com a gravação de "Estúpido cupido", versão de Fred Jorge para "Stupid Cupid", de Neil Sedaka e Howard Greenfield. Com sua voz doce e seu carisma, Cely se tornaria o primeiro grande fenômeno de massa do rock brasileiro. Lançado inicialmente em 78 rpm em maio de 1959, a canção tornou-se a faixa de abertura do primeiro *LP* de Cely, lançado em setembro do mesmo ano. Embora seja um disco precursor do rock brasileiro, está distante da transgressão do rock americano e se aproxima mais do romantismo do rock italiano. O conteúdo do álbum passeia por outros gêneros musicais como bolero, calipso e rumba, além das baladas românticas adolescentes. A grande maioria das músicas são versões em português ou regravações em inglês de canções do rock e pop estrangeiros da época. Das doze faixas, cinco são cantadas em inglês. *Estúpido cupido* chegou à incrível marca de 120 mil cópias, mostrando que o rock chegara para ficar.

Harpa paraguaia em hi-fi

Luis Bordon

1959, Paraguai, Chantecler

A música paraguaia teve grande influência no Brasil a partir do final dos anos 1940, devido às relações culturais fronteiriças, em especial entre aquele país e o estado de Mato Grosso do Sul, durante o ciclo da erva-mate, quando muitos paraguaios viajaram ao Brasil a trabalho. A polca paraguaia, o rasqueado e principalmente a guarânia passaram a ter espaço na música brasileira. Dentre os expoentes da inclusão desses ritmos na nossa música, figura a dupla Cascatinha & Inhana, que gravou com grande sucesso, na primeira metade dos anos 1950, as guarânias "Índia" e "Meu primeiro amor" (versão de "Lejanía", do compositor paraguaio Herminio Gimenez). A guarânia passou então a ser conhecida dos brasileiros e muitos discos lançados na época tiveram repercussão, representando um gênero que, dentre outros, deu origem ao grande sucesso da música sertaneja, que dominou o Brasil nas primeiras décadas do século XXI. Foi nesse cenário de eclosão da guarânia que surgiu Luis Bordón, nascido na cidade paraguaia de Guarambaré, cantor, compositor e instrumentista virtuose na harpa paraguaia, instrumento simbólico da guarânia tradicional. A identificação de sua música com o Brasil foi tanta que ele acabou se mudando para o país, onde desenvolveu sua carreira até o final, com grande sucesso. O *LP Harpa paraguaia em hi-fi*, lançado em 1959 pela gravadora Chantecler, incluiu alguns dos maiores sucessos do gênero, como "India", "Llegada" e "Malvita", bem como composições de Bordón, como "Harpa paraguaia", "Lamento índio" e "Canto de pajarito".

Jackson do Pandeiro

Jackson do Pandeiro

1959, Brasil, Columbia

Se os anos 1950 tiveram a importância de revelar a gênese da bossa-nova (com João Gilberto) e do rock brasileiro (com Cely Campello), também apresentaram um dos precursores da música pop do nordeste brasileiro, que décadas mais tarde viria a inspirar artistas como Alceu Valença, Elba e Zé Ramalho, Nação Zumbi, Mundo Livre S.A., Lenine, Lula Queiroga, Cascabulho, Silvério Pessoa e Gilberto Gil. Estamos falando de Jackson do Pandeiro, nome artístico de José Gomes Filho, conhecido como o "Rei do ritmo", nascido em Alagoa Grande, na Paraíba, filho de uma cantadora de coco e de um oleiro. Jackson se destacou como cantor, compositor e multi-instrumentista, sendo que muitos o consideram o maior ritmista da história da música popular brasileira. Além disso, ao lado de Luiz Gonzaga, foi um dos principais responsáveis pela repercussão nacional de canções nascidas entre o povo nordestino, deixando, com a parceira Almira Castilho, um legado cultural riquíssimo da região. Segundo o crítico Tárik de Souza, "enquanto Luiz Gonzaga popularizou o baião, o xote e o xaxado, Jackson do Pandeiro projetou o coco, o samba nordestino, com divisão rítmica vertiginosa e letras de métricas afiadas". O *LP* de 1959, que se tornou um disco essencial da história da música popular brasileira, foi lançado pela Columbia, e já trazia sinais de toda essas vertentes, sendo que, além do "Chiclete com banana", registra outras onze canções, dentre elas seis de autoria ou coautoria de Jackson.

Acervo Arquivo Nacional, Domínio público, via Wikimedia Commons

Bola de Nieve con su piano

Bola de Nieve

1960, Cuba, Montilla

Reprodução, Direitos reservados

Ignacio Jacinto Villa y Fernández, mais conhecido como Bola de Nieve, foi um dos mais conhecidos cantores, compositores e instrumentistas cubanos. Tornou-se um dos maiores mitos latino-americanos do século XX. Dono de um estilo muito pessoal, intercalava suas interpretações como pianista e cantor, contando histórias, atuando quase como um ator a cada apresentação. Viajou por todo o mundo com sua arte: México, Estados Unidos, Argentina, Chile, Peru, Espanha, França, Dinamarca e Itália. Seu primeiro disco foi lançado em 1953 pela RCA Victor mexicana, com arranjos e orquestração de José Sabre Marroquin, fundador da SACME (Sociedad de Autores y Compositores de México). O mais fiel retrato fonográfico de Bola, no entanto, veio com o *LP* seguinte, *Bola de nieve con su piano*, gravado pelo selo espanhol Montilla, em 1960, contando com registros de quinze canções, sendo duas compostas pelo próprio Bola de Nieve ("Tu me has de querer" e "El reumático") e as demais de compositores cubanos, como Eliseo Grenet ("Espabilate", "Belén" e "Mercé"), Ernesto Lecuona ("Allá en el Batey"), Gonzalo Roig ("Tanislá"), René Touzet ("No te importe saber"), Gilberto Valdéz ("Baro", "Oggueré" e "El botellero"), Eduardo Sanches de Fuentes ("Corazón") e Simeon Naranjo ("Mamá perfecta"). *Bola de nieve con su piano* teve a importância de, pela primeira vez num suporte de fôlego, como o *long-play*, registrar a música genuína desse extraordinário artista, através de sua concepção original, com a voz marcante acompanhada apenas pelo seu piano.

História na memória

Quando fui convidado a participar deste projeto que engloba música, tendências e memória histórica, fiquei feliz, eufórico, pois as décadas que me atribuíram foram muito férteis para mim como músico, compositor e como pessoa. Vivenciei e aproveitei cada momento e cada figura que conheci ou cruzou por mim nesses anos de grande produtividade artística e de rompimento de barreiras e tabus no Brasil e no mundo afora.

De 1962 até 1982, participei ou presenciei muito de perto alguns dos acontecimentos de suma importância que ocorreram e que entraram nos anais e na memória dos contemporâneos e seus descendentes.

Além de apontar aqui os trabalhos musicais latino-americanos que considero fundamentais, conto experiências próprias em alguns deles – não em todos, claro; quem me dera!

Viver muitos anos no Brasil me deu uma visão panorâmica da riqueza musical em larga escala. Não se trata apenas de um país grande; o Brasil se divide em regiões e estados que são do tamanho de muitos países. Não posso falar de música sem falar especificamente da Bahia, com seus incontáveis desenhos rítmicos e seus compositores e poetas de envergadura mundial; ou de Minas Gerais, com seu folclore enraizado em cada região do estado; ou do Rio ou de São Paulo, que parecem países independentes, com suas cultura e música próprias. Por isso, citei artistas e discos brasileiros em maior quantidade do que de outros países latino-americanos.

2

Willy Verdaguer

Willy Verdaguer (Buenos Aires, 1945) é argentino, radicado no Brasil desde os anos 1960. É músico, maestro, compositor e arranjador, professor e youtuber. Baixista que se tornou referência no instrumento desde a sua participação nos discos dos Secos & Molhados e nos festivais da MPB, com os Beat Boys. É criador de mais de 20 peças sinfônicas e fundador e diretor do grupo Raíces de América.

1981

Os Mutantes

Os Mutantes

1968, Brasil, Polydor Records

Este é o álbum de estreia da banda considerada, com muita razão, a mais significativa e revolucionária do cenário musical do final dos anos 1960 para os parâmetros brasileiros.

Os Mutantes transitam por inúmeras vertentes que invadiram o mundo naquele período, desde incorporar praticamente todas as fases dos Beatles e do rock inglês, com a experimentação de sons através de truques de gravação, até flertar com irreverência especificamente técnica de Zappa e embarcar na audácia descompromissadas e profundamente criativa do tropicalismo emergente.

Misturando elementos da música brasileira com o rock psicodélico e experimental, além das diversas técnicas de estúdio, o *LP* foi classificado em nono lugar entre os cem maiores discos da música brasileira pela revista *Rolling Stone*.
Inovadores em música, postura e comportamento, foram paixão à primeira vista para Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros vanguardistas da época.

Naturalmente libertários e aparentemente alheio' aos acontecimentos políticos nacionais e internacionais, Os Mutantes se manifestaram de forma artística e comportamental em cada uma de suas canções e apresentações, tendo como eixo invisível uma postura crítica aos "bons costumes" da época.

John Bush, da renomada All Music, escreveu em sua resenha que o álbum é "muito mais experimental do que qualquer um dos álbuns produzidos pelas bandas da Grã-Bretanha ou América da era psicodélica".
Os Mutantes, Beat Boys e eu trocamos ideias e convivemos alegremente durante as eliminatórias e as finais dos festivais. Momentos Inesquecíveis.

LPNG 44.018
polydor
de luxe
Os Mutantes

Tropicália ou Panis et circensis

Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, Mutantes

1968, Brasil, Philips

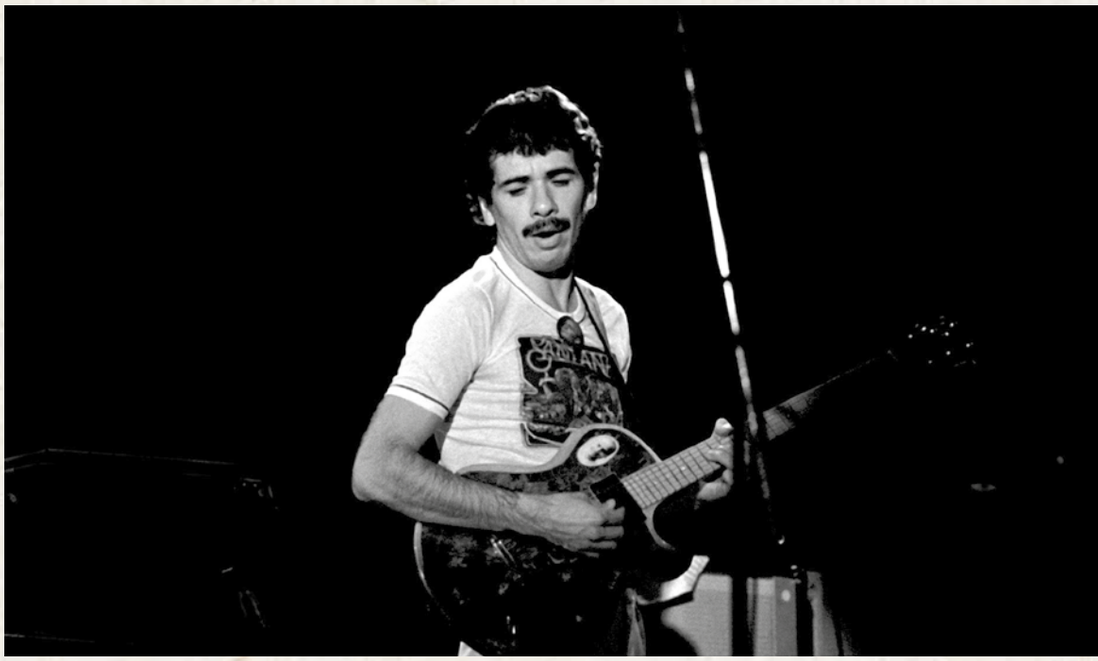
Escolhi este álbum coletivo porque seria óbvio e desnecessário apontar um *LP* de cada um dos fundadores e cofundadores do imprescindível e icônico movimento musical tropicália.

Seus líderes Caetano Veloso e Gilberto Gil, auxiliados brilhantemente por Gal Costa, Tom Zé, Mutantes, o maestro Rogério Duprat e outros, dispensam apresentações: mais de 5 décadas depois, continuam sendo medalhões da música brasileira, apresentando constantes trabalhos criativos e inovadores através do tempo.

Por meio deste disco, no fim dos anos 1960a Tropicália veio expor uma nova mentalidade musical, comportamental e estética, absorvendo influências da música europeia misturada num grande caldeirão com todos os ritmos e instrumentais brasileiros e latino-americanos e a libertária filosofia *hippie*. Sempre apimentado por um forte viés político em favor das minorias, presente em todas as manifestações culturais do mundo naquela época, foi um marco fundamental e um passo enorme para a modernização da música brasileira.

E por falar nisso, com os Beat Boys, fizemos o festival de "Alegria, Alegria", com Caetano, e o festival de "Divino maravilhoso", com Gal. Tudo no meio da fervura tropicalista. Quando o apresentador chamou ao palco: "E agora, com os Beat Boys..." o teatro explodiu em aplausos e vaias. Bastou o Caetano entrar, antes de ser anunciado, e nos apontar, como dizendo "estão comigo", que o público instantaneamente nos adotou e a partir daí foi só alegria, alegria!

Acervo Arquivo Nacional, Domínio público, via Wikimedia Commons



Heinrich Klaffs, via Wikimedia Commons

Santana

Carlos Santana

1969, México, Columbia

Santana é o álbum de estreia da banda americana de Carlos Santana, guitarrista mexicano criador de um estilo único, que pode ser considerado como rock latino, rock psicodélico, jazz rock ou fusion. Todas essas categorias podem se encaixar no som inovador que ficou célebre no festival de Woodstock em 1969.

A maior parte do álbum é instrumental, pois o grupo era uma banda de jam, formada por Carlos Santana (guitarra, vocais), Gregg Rolie (teclado, piano, vocais), David Brown (baixo), Michael Shrieve (bateria), Michael Carabello e Jose "Chepito" Areas (timbales, congas, percussão), Marcus "The Magnificent" Malone (percussão). Por sugestão do empresário Bill Graham, a banda escreveu músicas convencionais, mas sem perder o toque do improviso. Santana consegue uma mistura vitoriosa de rock 'n'roll com uma ampla sessão de ritmos e percussões latinas, além da bateria roqueira convencional, com composições e refrões latino-americanos e letras em espanhol e inglês. Tudo isso sempre apimentado com solos de guitarra incríveis e contagiantes do próprio Carlos Santana, copiados por legiões de guitarristas pelo mundo todo.

Após uma apresentação inesquecível no Festival de Woodstock, Santana merecidamente alcançou o Top 10 da revista *Rolling Stone* com o belíssimo single "Evil Ways".

Aliás, com o grupo Kaduna, de São Paulo, tocamos todos os sucessos de Carlos Santana durante anos.

Foto | Nicolas Barbosa

Santa María de Iquique

Quilapayún

1970, Chile, Dicap

"Santa María de Iquique" é uma cantata popular composta em 1970 por Luis Advis, membro do Quilapayún, grupo folclórico chileno de grande destaque tanto no país como internacionalmente. O grupo foi fundado em 1965 pelos irmãos Julio e Eduardo Carrasco e Julio Numhauser. E em 1970, já como sexteto, gravou o disco *Santa María de Iquique*, cantata que trata do massacre na Escola Domingo de Santa Maria de Iquique, história verídica ocorrida em 1907. O disco conta com a narração de Héctor Duvauchelle.

Naquele ano, os operários que, a mando do governo chileno, exploravam as minas de sal na cidade de Iquique, ao norte do Chile, fizeram uma greve para amenizar o trabalho e criar melhores condições de vida, que foi dizimada violentamente pelo exército. Os incautos trabalhadores foram levados para uma escola em que teriam uma reunião de negociação com os militares. Desarmados, cansados e com fome de vários dias foram atacados violentamente pelo exército, sem a menor possibilidade de defesa. Estima-se que cerca de 3000 operários foram executados.

Uma oportunidade para apreciar a qualidade sonora de Quilapayun e conhecer um pouco mais sobre a história de Chile, neste caso, o episódio envolvendo a cidade portuária de Iquique.

Em 2008 este *LP* foi eleito o quarto melhor disco chileno de todos os tempos pela *Rolling Stone* local.

Construção

Chico Buarque de Holanda

1971, Brasil, Phonogram

Em 1969, durante o ano e meio em que se autoexilou na Itália, por causa da censura e repressão sofridas no Brasil, Chico Buarque compôs o que seria talvez a sua maior obra-prima.

O álbum *Construção*, lançado em 1971, mostra um Chico Buarque mais maduro, realista e irônico em suas letras. A faixa de abertura, "Deus lhe pague", é um prenúncio do que virá. Uma letra "pesada", melodia e harmonia densas, muito desafiadoras e revolucionárias, se comparadas às canções de projeção da época. Note-se que essa estrutura artística é genialmente posta ao serviço de retratar a vida sofrida de um homem ao enfrentar as agruras diárias da vida impostas pela repressão e sempre esperando a recompensa divina.

Em "Construção", faixa principal do disco, Chico faz de um trabalhador de obras públicas um herói épico que, ao ir trabalhar, enfrenta a morte e a eternidade, ao mesmo que tempo enfatiza sua pequenez e pouca importância ante o mundo indiferente. Chico joga com as palavras e as coloca em lugares e contextos diferentes a cada estrofe que recomeça. Essa composição é realmente uma construção poética sem precedentes.

O restante do álbum nos brinda com canções e poesias dignas de serem faixa-título pela formosura de umas e acidez de outras – "Valsinha", "Acalanto", "Minha História". Um disco fundamental que recomendo com ênfase!

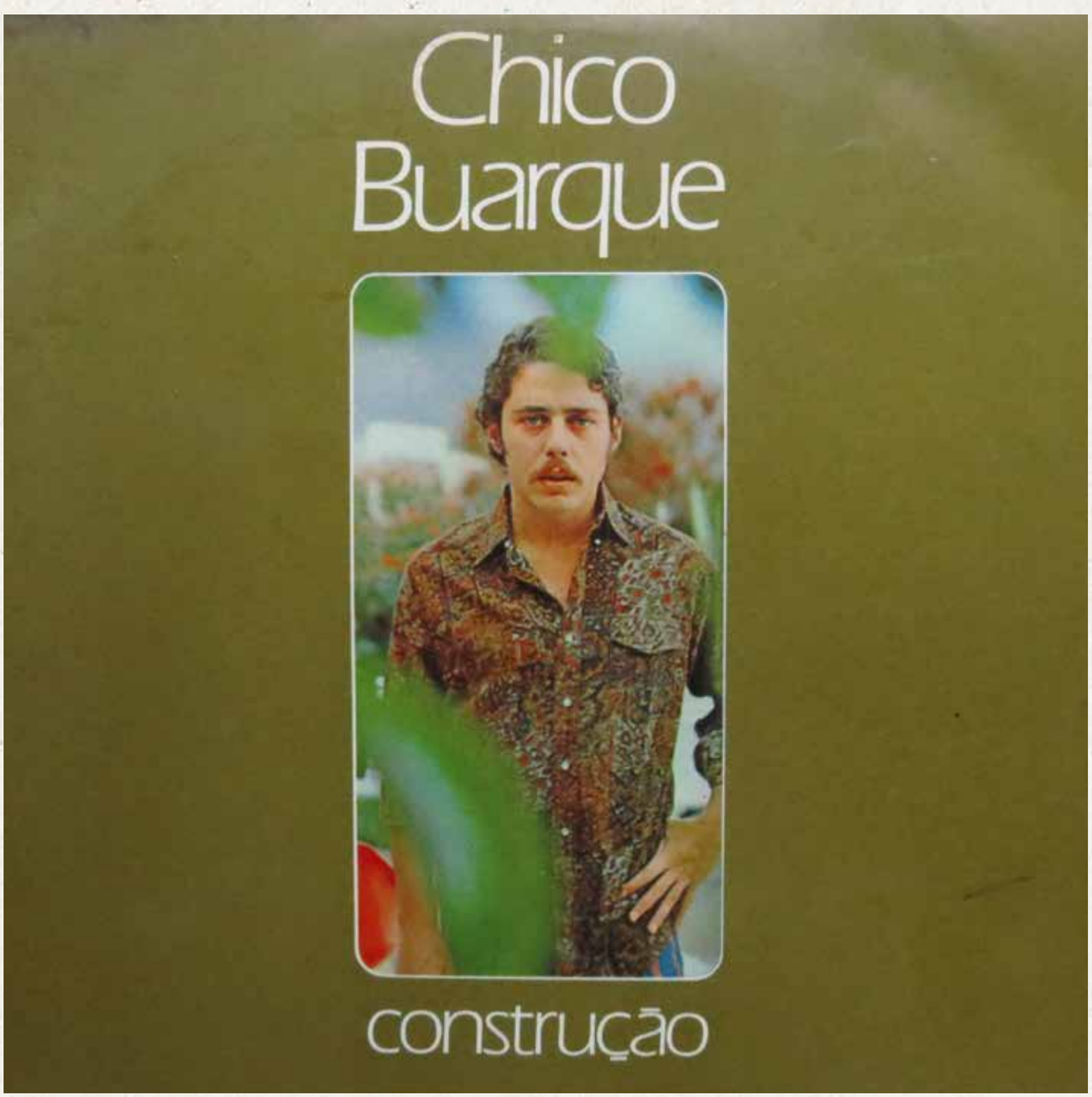


Foto de Cesar Rocha

Acabou chorare

Novos Baianos

1972, Brasil, Som Livre

Este disco talvez seja para alguns um tanto tropicalista, pelo modo de incorporar estilos e instrumentos e usá-los da forma que lhes aprouver em cada momento. O tropicalismo abriu as portas e as mentes para o experimentalismo. Eu diria que os Novos Baianos foram um pouco além disso.

No começo dos anos 1970, os Novos Baianos moravam no Rio de Janeiro na região das praias. Isso não durou muito por causa das despesas com aluguel, alimentação e etc. A solução encontrada foi morarem todos juntos em um sítio em Jacarepaguá, onde todos os instrumentos ficavam montados e prontos para serem tocados a qualquer hora e momento – o que fez com que surgissem canções, poesias, melodias e harmonias nas manhãs, tardes, noites e madrugadas.

Com a participação de todos, os arranjos fluíram diferentemente de tempos anteriores. Uma mistura deliciosa de ritmos, desde a bossa-nova às canções do interior da Bahia, desde música de ninar ao mais desenvolvido rock'n'roll. Pandeiros, guitarras, atabaques, baixo elétrico e vocais os mais diversos, homens e mulheres, tudo colocado à mesa durante todas as horas, resultou neste *Acabou chorare* simples e formoso, alegre e descontraído, pronto para ser degustado até décadas depois. Os destaques do álbum são: "Brasil Pandeiro", de Assis Valente; a clássica "Preta Pretinha", de Moraes Moreira e Luiz Galvão, e "Besta é tu", de Moraes Moreira, Pepeu Gomes e Luiz Galvão.

Lembro que, na época em que os Beat Boys e eu morávamos numa pensão, tomamos vinho e fumamos junto com os Novos Baianos, papeando até o amanhecer, escondidos da polícia!

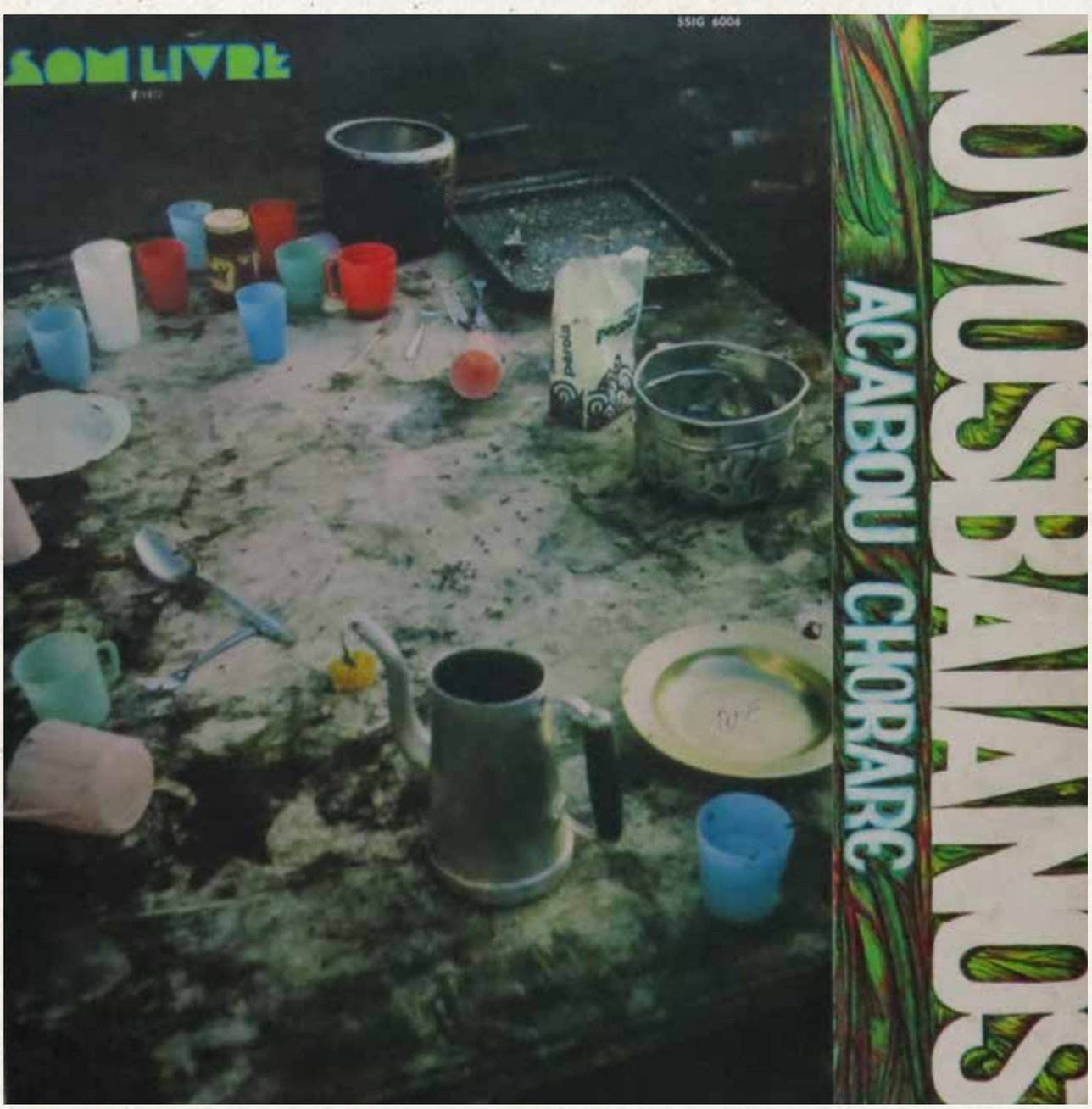


Foto de Cesar Rocha

Adiós Nonino

Astor Piazzolla

1972, Brasil, EMI

Argentino. Bandoneonista, compositor, arranjador e um dos músicos mais consagrados da América Latina. Piazzola foi o grande inovador da música do seu país, revolucionando o tango. Suas criações e interpretações o levaram além das fronteiras latinas, alcançando grande sucesso e reconhecimento no mundo do jazz, da música popular e da música sinfônica, apresentando-se com orquestras e músicos de grande prestígio internacional. Nos primeiros anos de carreira em seu próprio país, teve que enfrentar muitas opiniões contrárias e críticas severas sobre o seu estilo que "desrespeitaria as tradições da identidade argentina", deturpando seu maior expoente, o tango. Apesar dos obstáculos, entretanto, seguiu fielmente seu ideal de música portenha e se tornou um dos maiores exemplos mundiais de perseverança e coerência artística. Todo esse talento explodiu neste disco de 1972. Nele, com notas musicais, Piazzolla consegue transmitir toda a sua sensibilidade sobre amor, dor, saudades, loucura, solidão. Apenas com notas. Bandoneón mágico. Ouvindo "Adiós Nonino", é difícil conter as lágrimas."Otoño portenho" nos expõe claras imagens de um outono argentino. Várias ideias melódicas simultâneas em "Tangata" mostram a erudição e a força deste músico revolucionário. Ouvir seu bandoneón é sentir todas as emoções explodindo dentro de nós. Dale, Piazzolla!

Domínio público, Archivo General de la Nación

Clube da Esquina

Milton Nascimento – Lô Borges

1972, Brasil, EMI

Acervo Arquivo Nacional, Domínio público, via Wikimedia Commons

Em 1972, já consagrado no Brasil, Milton Nascimento levou à EMI, sua gravadora, uma ideia que viria a ser referência na vida musical brasileira: um álbum duplo com a participação dos músicos e compositores de vanguarda de Minas Gerais.

Foi uma reunião de grandes músicos, letristas, compositores, cantores e, o mais importante, grandes amigos. Amizade que nasceu nas ruas do bairro onde moravam e que foi cultivada e regada com música desde a adolescência. O local desses encontros era no encontro de duas ruas : uma esquina.

Aceita a ideia do Milton de gravar o álbum duplo, alugou-se uma casa em Piratininga, Niterói, no Rio de Janeiro, para hospedar os músicos.

Milton convidou e levou Lô Borges, que convidou e levou Beto Guedes, com quem tocava Beatles desde a adolescência. Eles trouxeram a influência do rock'n'roll ao clube e foram morar nessa casa, que seus talentosos amigos passaram a frequentar. Quase todas as músicas foram compostas nessa praia do Mar Azul.

E assim surgiu a fusão de estilos, da bossa-nova ao folclore, do jazz à música erudita, e o leque de imagens musicais que será o diferencial deste álbum.

Cito algumas: a belíssima "Um girassol da cor do seu vestido", de Lô Borges, e um arranjo final "à la Beatles"; a interpretação sublime do Milton em "Dos cruces", em castelhano ; "Um gosto de Sol", linda, com arranjo de cordas citando o piano de "Cais". Digo, por fim, que Clube da Esquina é o próprio "Trem Azul".

Mas Wawancó

Los Wawancó

1972, Argentina – Colômbia, Odeon

Reprodução LP Emi Odeon

Los Wawancó é um grupo musical com componentes de várias nacionalidades, como colombianos, argentinos, peruanos, chilenos, costa-riquenhos e uruguaios. Seu nome deriva de *guaguancó*, referência a um ritmo cubano do século XIX. Para outros, esta palavra representa o carnaval.

Formado em Buenos Aires, virou um excelente expositor da música caribenha, se destacando em nível internacional com a cumbia colombiana, alcançando muito sucesso e se tornando quase uma mania na América de língua hispânica nos anos 1960 e 1970. Muitas das composições de seus integrantes foram regravadas por toda América Latina, popularizando os ritmos tropicais no Cone Sul.

Curti muito esses balanços tropicais em meados dos anos 1960, nos bailes dos grandes centros e suas periferias, quando toda América espanhola se curvava ante a irreverência da banda, com suas letras irônicas e um suingue sensual e arrebatador, típico dos climas ensolarados do Caribe.

Com arranjos sofisticados para a época e em contraste com as tendências, Wawancó inspirou muitos grandes músicos de outros estilos pelo mundo afora. Seus ritmos predominantemente alegres e festivos, suas letras muito fortes descreviam o homem comum e suas idiossincrasias. Destaque para “Cachilo pichon de safra”, “Son en sol”, “Vudu”, “Con tu carita de rosa”, “Serenatero del día”, “El camino del café”. Não dá para escutar e ficar parado!

Artaud

Luis Alberto Spinetta – Pescado Rabioso

1973, Argentina, Sony Music

Pescado Rabioso foi uma banda argentina de rock-blues, liderada por Luis Alberto Spinetta, “El flaco”. Apesar de sua existência muito curta, o estilo e a originalidade da banda foram revolucionários no rock do país, deixando até hoje sua marca personalíssima.

Correndo por fora e em paralelo às grandes bandas de rock argentinas, chega Spinetta e seu Pescado Rabioso, com muita simplicidade, mas com profundidade e emoção nas suas composições, que arrebatam todas as mentes e corações com este disco, simples no formato e robusto no conteúdo.

Uma voz muito aguda e harmonias surpreendentes não fazem de Spinetta um grande cantor mas, com sua força gigante, apesar de magrinho e suave; ele coloca um sentimento inigualável nas letras elaboradas sobre os poemas do poeta francês Antonin Artaud, dando- lhes contemporaneidade e musculatura roqueira.

Um álbum com críticas severas às ditaduras e também com um romantismo herdado de boleros e tangos desde sempre. Na época, deixou os apreciadores argentinos do bom rock’n’roll loucos e perplexos.

“Todas las hojas son del viento” é uma obra-prima. Na música “Por”, Spinetta mostra um lado como compositor que se assemelha muito ao estilo dos musicais que aconteceriam anos depois.

Spinetta, sem saber, compôs maravilhas que não são fáceis de entender, assimilar, amar. Mas o tempo vai nos trazendo verdades, como este disco.

Gita

Raul Seixas

1974, Brasil, Philips Records

Acervo Arquivo Nacional, Domínio público, via Wikimedia Commons

Feito em parceria com seu amigo, o escritor Paulo Coelho, *Gita* foi o disco de maior sucesso comercial da carreira de Raul, tendo vendido aproximadamente 600 mil cópias, conquistando um disco de ouro pela primeira vez. A faixa-título foi inspirada num livro sagrado hindu com mais de 6 mil anos, o Bhagavad Gita.

Na música "Sociedade alternativa", Raul prega o direito das pessoas de viver seguindo as suas próprias leis e seus próprios conceitos, coisa que enfureceu os militares, provocando perseguições com os fiscais da censura a todo vapor.

Por temor a represálias provocadas pelo álbum , Raul Seixas e Paulo Coelho se autoexilaram. Só voltaram quando souberam do sucesso de "Gita" no Brasil, tal a demanda por shows, apresentações na televisão e entrevistas em todo tipo de meio de comunicação..

Estive em uma turnê de um mês com Raul Seixas e trio. Em todas as cidades que passamos durante a turnê, Raul juntava um público fiel e entusiasta pela sua música e pela sua personalidade única. No palco, falava o que queria, aplicando a sua filosofia urbana e inteligente, levando as autoridades ao desespero e o público à loucura. Havia tumultos na entrada e na saída de todos os espetáculos (que, aliás, faziam parte do espetáculo).

Ele não se importava muito com a parte técnica do show. Sua presença era suficiente para ser um sucesso.

Revolver

Walter Franco

1975, Brasil, Warner Music Brasil

A popularidade de Walter Franco não ultrapassava o ambiente intelectual e, embora tivesse poucos fãs fora desse segmento, esses poucos eram fiéis ao extremo. Considerado um dos "malditos" da MPB, foi talvez o mais questionador e de vanguarda dos anos 1970. Experimentalista por excelência, lançou músicas emblemáticas que perduram até hoje na mente dos "privilegiados", como "Ou não", "Cabeça", "Coração tranquilo" e muitas outras.

Em 1975, já mais voltado para o rock'n'roll, com composições mais dentro do padrão do momento e deixando um pouco de lado o experimentalismo, Walter Franco lança este que seria a sua obra-prima, *Revolver*. A capa tem o cantor de terno branco, andando à noite pelas ruas de São Paulo e, na contracapa, a palavra "sim", em braille.

O disco também apresentou alguns reais sucessos, como "Feito gente" e "Eternamente", uma engenhosa brincadeira de palavras: "Eternamente / É ter na mente / Éter na mente / Eterna mente".

Hoje, Walter Franco é cultuado por grandes artistas da MPB e do rock nacional.

Fiz muitos e muitos shows com este grande artista, como baixista, como arranjador e como amigo. Na hora de montar um show e fazer os arranjos, Walter não sabia exatamente o que queria, mas sabia muito bem o que não queria. Uma vez disse: "Esta música tem que soar como se todos nós estivéssemos entrando juntos no mar", e gesticulava a cena. Outra vez, ele disse: "Aqui eu quero um som verde". Genial Walter!

Falso brilhante

Elis Regina

1976, Brasil, Phonogram

Falso Brilhante é o nome do 14º álbum de uma das maiores cantoras do Brasil de todas as épocas, Elis Regina.

Em 1975 foi apresentado um espetáculo teatral-musical, contando a vida e obra da renomada cantora, representada por ela mesma, chamado "Falso brilhante".

Com direção cênica de Myriam Muniz e direção musical de Cesar Camargo Mariano, toda a vida e trajetória profissional da artista foi retratada fielmente em um formato circense, contando amores, dissabores, alegrias, tristezas e, claro, a sua visão sobre a vida sob o jugo da ditadura militar da época. O espetáculo foi apresentado primeiramente em São Paulo e teve aproximadamente 300 mil espectadores. Permaneceu dois anos em cartaz.

O sucesso foi tal que originou este "álbum-documento" (se podemos chamá-lo assim) no ano seguinte, 1976. Segundo a revista *Rolling Stone*, está entre os 100 maiores discos da música brasileira, tendo vendido já mais de 200 mil exemplares e é o mais procurado da carreira da cantora. Os destaques são: "Como nossos pais", de Belchior; "Tatuagem", de Chico Buarque e Rui Guerra. Elis era fã ardente da música latino-americana e expressou sua paixão cantando "Los hermanos", de Atahualpa Yupanqui, e "Gracias a la vida", de Violeta Parra.

Elis e Cesar adoravam a minha banda Humahuaca: gravamos juntos a minha música, também chamada "Humahuaca", num especial deles para a TV Bandeirantes. Um sucesso!

PHILIPS
ELIS
REGINA
"FALSO BRILHANTE"

La vida no vale nada

Pablo Milanés

1976, Cuba, Movie Play

Acervo FNPI, via Wikimedia Commons

Todas as canções do álbum são de Pablo Milanés, compositor muito fértil que preencheu ouvidos e corações latino-americanos em épocas escuras de regimes muito duros contra toda forma de arte. Artista fundamental da nueva trova cubana e alinhado com a nueva canción chilena, uruguaia, argentina e com as canções de protesto brasileiras.

Dois grandes destaques deste disco são "Yo pisaré las calles nuevamente" e "Canción por la unidad latinoamericana". Na primeira, Milanés relembra o golpe militar ocorrido no Chile e o assassinato do presidente Salvador Allende no Palacio de la Moneda e prevê que as coisas iriam melhorar um dia. "Eu pisarei as ruas novamente/ do que foi Santiago ensanguentada/ e numa bela praça liberada/ me deterei a chorar pelos ausentes". Na segunda canção, expõe sua incompreensão diante da lista de conflitos que, historicamente, separaram os povos latinos, propondo sua reaproximação: "Realizaram a tarefa de desunir nossas mãos/ e apesar de ser irmãos, nos olhamos com temor" . E mais: "O que brilha com luz própria/ ninguém pode apagar/ Seu brilho pode alcançar/ a escuridão de outras costas".

Em 1978, "Canción por la unidad latinoamericana" foi gravada por Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda, em dueto, e incluída no *LP Clube da Esquina 2*, do lendário coletivo mineiro.

Criada no auge da Guerra Fria, essa canção tornou-se hino socialista em todo mundo.

A página do relâmpago elétrico

Beto Guedes

1977, Brasil, EMI

Mídia promocional do programa Musicograma, via Wikimedia Commons

Beto Guedes é, provavelmente, a figura mais "Minas progressive rock" dos anos 1970. Um personagem muito importante no cenário da música brasileira, que fez parte do legendário Clube da Esquina.

Misturando suas tendências e influências – sejam heranças do tropicalismo, da bossa-nova, sejam da erudição europeia via Beatles e Yes progressivo –, Guedes conseguiu conservar a sua essência mineira regional e nos apresentou uma música gostosa, palatável e de assimilação fácil, mas bastante complexa na parte instrumental harmônica e na poética.

Este é o primeiro trabalho do artista, com a participação de talentosos amigos, como Flávio Venturini, Milton Nascimento, Ronaldo Bastos e outros, distribuídos entre as diversas canções, sendo uma espécie de "braço de rio" do Clube da Esquina. Podemos ouvir nitidamente a junção folclórico-progressivo-regional de seus trabalhos, tanto anteriores como vindouros. Fica a cargo do ouvinte analisar e acomodar essas tendências no decorrer da audição. Enfeitando as belas melodias, as letras de Beto Guedes nos dizem coisas com sabor bem pessoal, quase ingênuas e numa linguagem regional.

A partir deste disco, Beto Guedes conquistou corações com a sua verdade simples, sua voz deliciosa e seu jeito tímido. Um dos grandes exemplos de que ter uma voz potente e estudada não basta. O que basta é ter, além do talento, a verdade. Ela é exuberante!

Alguém com muita razão disse: Beto Guedes é Minas, Beto Guedes é Brasil!

Secos & Molhados

Secos & Molhados

1978, Brasil, Continental

O primeiro álbum dos Secos & Molhados é, sem dúvida, um dos discos mais surpreendentes dos anos 1970 e que perdura até hoje, cinco décadas depois, com alto grau de aceitação, seja qual for a idade e o perfil do ouvinte. Isso pela qualidade das composições, que incorporam belíssimas, provocativas e instigantes poesias, pelos arranjos personalíssimos e de impacto infalível, pela excelência dos músicos e pela inigualável voz e performance de seu "ponta de lança" Ney Matogrosso.

Este disco também aborda, em suas letras, assuntos que seriam censurados pela ditadura daqueles anos, mas que passaram despercebidos pelo lirismo poético, inteligente e alegórico. Já no início do *LP*, uma introdução muito simples do contrabaixo põe os ouvintes em "alerta" para que aflore "Sangue latino", um dos maiores sucessos da banda.

Uma mistura saudável de ritmos, estilos e tendências, torna *Secos & Molhados* uma referência artística de várias ordens. De suaves canções com letras fortíssimas ("Rosa de Hiroshima", "O patrão nosso de cada dia"), a um potente *rock'n1roll* que pode ser heavy, progressivo, country, pop ("Amor", "Assim assado", "O vira"). Tem de tudo nele. E tudo é bom!

Por falar nisso, fui o baixista original desta banda. Gravei os dois primeiros discos, fiz alguns arranjos e viajamos muito, em todas as esferas. João Ricardo, líder do grupo, deu aos músicos total carta branca para fazer os arranjos dos dois primeiros discos. Tive voz muito ativa na elaboração e condução do que seria uma das grandes bandas brasileiras de todos os tempos.

Foto de Cesar Rocha

Siembra

Rubén Blades e Willie Colón

1978, Panamá – Costa Rica (gravado nos EUA), Fania Records

Foto de Willie Colón por Salsero73, via Wikimedia Commons

Siembra é tido como um grande clássico da salsa, o disco mais vendido pelo selo Fania Records, e talvez mais vendido da história deste gênero musical tão popular entre os ritmos caribenhos e os países de língua hispânica.

O maravilhoso álbum tem arranjos modernos e sofisticados, metaleiras e vocais afinadíssimos e letras bem elaboradas, com profundas críticas ao sistema – o que levou o estilo, com o tempo a ser conhecido como "salsa intelectual". Canções renomadas e cheias de conteúdo popular e filosófico dão um colorido especial, como "Buscando guayaba", "Pedro Navaja" e "Siembra".

Siembra (que significa semeadura) surgiu em um momento em que a salsa sofria certa decadência e seus cantores e compositores tentavam, a duras penas, entrar no circuito de moda na época, a Disco Music, que dominava o mercado musical e não parecia que abriria mão dessa fatia exorbitantemente lucrativa.

Com este disco, a música caribenha entra novamente e com muita força no *show business* latino-americano. Atribuo este renascimento ao conhecimento e à competência de dois ícones: Rubén Blades e Willie Colón que, com o sabor e o molejo típicos do artista caribenho, levaram a salsa ao seu devido lugar no mundo. Blades (panamenho) e Colón (nova-iorquino de origem porto-riquenha) são ponto de referência para os salseros do mundo. Com eles, a música afro-caribenha chega ao seu mais alto nível.

Bicicleta

Serú Girán

1980, Argentina, SG Discos

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Serú Girán foi uma banda de rock argentina, integrada por Charly García (teclados, sintetizadores e voz), David Lebón (guitarra e voz), Pedro Aznar (baixo e voz) e Oscar Moro (bateria).

Charly García é considerado uma das figuras-chave da música contemporânea argentina, por seu talento e sua personalidade. Fundou duas das mais importantes bandas da Argentina, Sui Géneris e Serú Girán, gravou 41 discos e é considerado um dos ícones do rock no país.

Em 1980, o rock argentino mostrava alta criatividade e popularidade. Bandas como Spinetta Jade, V8, Riff, Pastoral e Almendra estavam com toda força e abastecendo o mercado com canções instigantes que faziam severas críticas ao regime militar em vigência naqueles anos.

Neste disco *Bicicleta*, o Serú Girán mostra talento e garra. Destaque para "A los jóvenes de ayer", com 10 minutos de duração, uma homenagem ao grande músico argentino Astor Piazzolla; é uma suíte de quatro movimentos, sendo os dois primeiros instrumentais, com elementos do rock 'progressivo' e de jazz fusion; na sequência um trecho cantado por Charly García rememora a "época de ouro da música argentina", já perto do final da canção.

"Desarma y sangra", um dos melhores momentos do álbum e uma das melhores letras de Charly, com apenas piano e sintetizadores. Poesia profunda, a canção é emocionante.

Este álbum é uma obra prima do rock argentino!

Mercedes Sosa – Gravado ao vivo no Brasil

Mercedes Sosa

1980, Argentina – Brasil, Philips Records

Foto de Willie Colón por Salsero73, via Wikimedia Commons

Nos anos 1970, com a intenção clara de unir os povos americanos, Mercedes gravou "Canción con todos", para explicitamente homenagear, a partir da Argentina, os povos de Bolívia, Peru, Brasil, Chile, Equador, Colômbia, Cuba, México e Nicarágua. Nos anos seguintes, apresentou-se com grandes nomes latino-americanos, como o cubano Pablo Milanés, a mexicana Julieta Venegas, o uruguaio Jorge Drexler, Milton Nascimento e tantos outros. Mas este *LP* é um disco fundamental e imprescindível.

No começo do ano de 1980, Mercedes Sosa saiu em turnê pelo Brasil, do que resultou este rico álbum ao vivo. Foi um grande momento para os fãs, muitos dos quais não sabiam que a artista estava exilada, proibida de cantar em sua terra natal, a Argentina. O Brasil, ao contrário, recebeu Mercedes Sosa de braços abertos, com anfitriões gabaritados: artistas do naipe de Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia, entre outros.

A voz poderosa desta artista é tão envolvente que é impossível conter as lágrimas de tanta emoção ao ouvi-la. Imperdível! Destaques para "Duerme Negrito", "Victor", "Canción con todos".

Por falar nisso, Mercedes foi madrinha do meu Raíces de América nesse mesmo ano! Subiu ao palco e cantou com a gente! Inesquecível!

Raíces de América

Raíces de América

1980, Argentina – Brasil – Chile, Eldorado

Foto de Cesar Rocha

Este é o primeiro álbum do grupo de música latino-americana Raíces de América, formado por músicos argentinos, chilenos e brasileiros. O Raíces foi idealizado com o intuito de ser uma espécie de vitrine dos grandes poetas e compositores latino-americanos. Hoje, depois de mais de 40 anos de existência e resistência, o propósito do grupo continua o mesmo.

Vale conferir, neste álbum, o leque de canções indispensáveis e elucidativas que contam e cantam as mais contundentes histórias referentes aos sofridos *pueblos americanos*. Mercedes Sosa, madrinha do grupo, grava este seu pensamento na capa do disco: *"Hoy fui feliz, cansada, pero veo germinar el canto y decir de los Nahuatl. Se está produciendo mi transplante de palavras"*. E assina: Mercedes 80 en América Continente.

1980 foi o ano da abertura política, mas no fundo, o medo da censura e repressão continuava dentro de nós e de todo artista.

Raíces de América, sempre à margem da mídia e dos holofotes, conquista a todos por onde passa; milhares de fãs que acompanham o grupo para sempre, seja em shows, seja nas redes sociais. Esse é o motivo da permanência do grupo no mundo artístico.

Sou baixista e diretor musical deste grupo há mais de 40 anos e sinto o mesmo entusiasmo do início! Os ensaios sempre foram recheados de alegria, companheirismo e dedicação às funções de cada um, ou seja, a própria união latino-americana.

Vésperas de um novo milênio

As duas últimas décadas do século XX foram palco de uma verdadeira revolução na música latina, tanto pela maneira como seus artistas se enxergavam, quanto pela forma como o mundo passou a enxergá-los. Além dos formatos há muito estabelecidos da música folclórica e da música romântica, com seus expoentes de enorme popularidade, o rock se aclimatou de forma definitiva no cenário latino, atingindo em cheio um público jovem e sequioso por modernidade e –mais que tudo– liberdade de expressão. O início dos anos 80 viu o surgimento de inúmeras bandas de rock que tocavam em rádios alternativas e vinham na contramão de anos de repressivas ditaduras, com letras criticando o governo e a sociedade. A nova linguagem dos videoclipes surgia como mais uma opção de plataforma para alcançar o público, dos palcos aos contratos com gravadoras. Tais possibilidades criaram um novo caminho no *show business*. A virada da década de 1990 chegou, enquanto artistas e bandas latinas continuaram se modernizando com novas tendências musicais, como o reggae e o rap, e ganharam espaço além de suas fronteiras. Muitos deles emplacaram *hits* planetários sem deixar suas referências rítmicas e estilísticas – e até mesmo cantando em sua língua natal. A música latina provou sua força ao ganhar as paradas globais, sem que seus representantes tivessem que necessariamente cantar em inglês.

O tão aguardado início do século XXI testemunhou uma popularização ainda maior da música latina com o fenômeno da internet, rompendo definitivamente as fronteiras geográficas e os limites físicos para todos os artistas. Outro acontecimento deste período, que atestou a importância da música latina, foi a criação do Grammy Latino em 2000, uma versão latina do tradicional prêmio da música que ajudou a propagar ainda mais o gênero junto ao público global. Não demorou para que artistas latinos estivessem em pé de igualdade com ícones pop do calibre de Madonna e Michael Jackson. A música latino-americana conquistava o mundo.

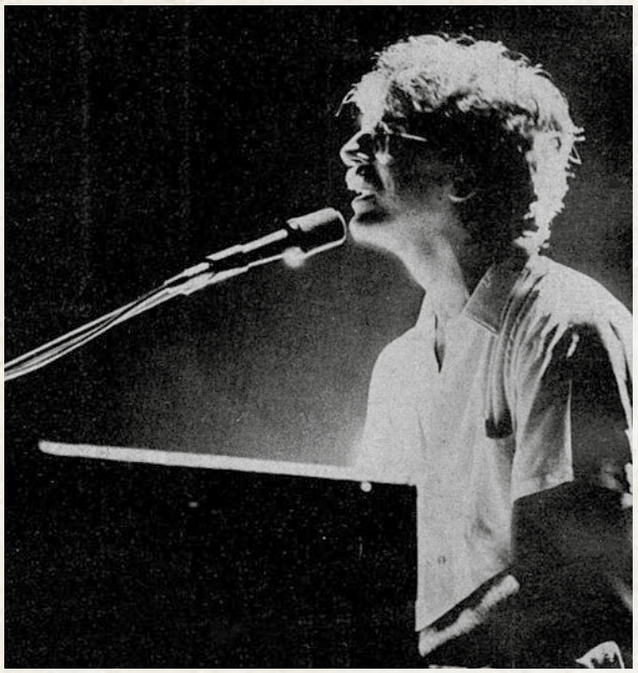
João Barone

João Barone (1962, Rio de Janeiro), baterista e membro fundador d'Os Paralamas do Sucesso, deu uma volta pelo mundo da música latino-americana com sua banda. Desde 1986, quando fizeram seu primeiro show na Argentina, Os Paralamas se encantaram com a cena da música local e começaram uma jornada que percorreu várias vezes a América Latina, do México ao Uruguai. A banda tem discos lançados em espanhol, fez parcerias com artistas latino-americanos e inúmeros shows. Os Paralamas já ganharam 4 Grammys Latinos.

Yendo de la cama al living

Charly García

1982, Argentina, SG Discos



Domínio Público, via Wikimedia Commons

Na música Argentina, onde existem tantos vultos expressivos, Charly García é uma das maiores unanimidades locais, inquestionavelmente reconhecido por sua ousadia e genialidade musical. O ex-integrante dos consagrados grupos de rock Sui Generis e Serú Girán, da década anterior, realizou sua estreia solo com este álbum, gravado na sequência do trauma imposto ao país, com a derrota na Guerra das Malvinas e o fim da sanguinária ditadura militar, que tanto oprimiu e censurou as expressões artísticas portenhas. Nesse disco, Charly canta devaneios do dia-a-dia, como a música título do álbum, assim como no tema "No bombardeen Buenos Aires", clara tentativa de exorcizar os muitos fantasmas de uma insana guerra, deflagrada por tresloucados generais assassinos, mantenedores de uma das ditaduras mais violentas da América Latina.

Neste trabalho, Charly contou com a ajuda preciosa de alguns músicos parceiros de longa data, como Pedro Aznar (baixo), Luis Alberto Spinetta (guitarra) e o cantor León Gieco. O disco se tornou um enorme sucesso nas listas de vendagens em vários países. Charly García foi desenvolvendo uma musicalidade sofisticada e intensa, de grande originalidade, usando o rock e suas derivações, tanto no seu instrumento primordial, o piano, quanto ao empunhar uma guitarra, ora se utilizando de algumas cores locais das sonoridades portenhas, muitas vezes externando nas letras sua intempestiva personalidade – e o que é mais surpreendente, sem perder a conexão com o popular.

O grande público parecia sempre seguir seu ídolo de forma inconteste, como um culto. Para seus fãs, não existem altos e baixos na carreira desse ídolo, que está acima dos seres normais. Numa ocasião, uma nota num jornal explicou muito bem essa idolatria: "a Charly tudo se perdoa". Essa paixão pelos ídolos é uma característica marcante do público argentino e a devoção por Charly García é possivelmente sua melhor expressão.

Corpiños en la madrugada

Sumo

1983, Argentina, Silly Records (independente)

Uma das bandas portenhas que causou impacto profundo na cena roqueira, em grande parte devido ao carisma de seu cantor, o italiano criado na Inglaterra, Luca Prodan, o Sumo teve uma trajetória meteórica, terminando com a morte precoce de seu *frontman* em 1987. Esse álbum foi, na realidade, a fita demo que a banda gravou e que lhe proporcionou assinar contrato com a CBS, sendo este material lançado anos depois, como um disco tributo. Fitas cassete com estas mesmas músicas eram vendidas nos shows. A sonoridade da banda empregava inúmeros estilos musicais, como cabaré, jazz, reggae e psicodelia, mas a maior tendência era o pós-punk britânico, com letras em castelhano e mesmo em inglês, relatando crônicas de loucura e fazendo críticas agudas ao *status quo* argentino. Um dos ex-integrantes do Sumo, Ricardo Mollo, seguiu carreira formando a banda Divididos, em 1988, que segue em atividade. Mais tarde, outro integrante do Sumo, Germán Daffunchio, formou outra banda, Las Pelotas, também em atividade. O reconhecimento pelo grande público da importância do Sumo na cena portenha, ainda hoje, e a atualidade de seus temas deixa claro que a banda continua viva através da sua obra.

Roberto Ruiz, Domínio Público, via Wikimedia Commons

La voz de los 80

Los Prisioneros

1984, Chile, Selo Fusion (depois EMI, 1985)

Los Prisioneros, via Wikimedia Commons

Enquanto as ditaduras latino-americanas estrebuchavam, artistas e bandas ao redor do continente contestavam a censura e a perseguição dos generais com um discurso forte e contundente, por meio da sonoridade rascante do punk rock. Assim foi com Los Prisioneros. Este primeiro álbum é reconhecido como o mais importante do rock chileno e um dos mais referenciais do rock latino. Amigos de universidade se encontram para fazer uma banda, esse é o marco zero de muitas bandas, não só latino-americanas. Foi assim que ocorreu com Jorge Gonzáles (voz, baixo e composição), Claudio Narea (guitarra) e Miguel Tapia (bateria). Este primeiro trabalho surpreende pelas críticas explícitas ao governo, em plena vigência da ditadura chilena, ocasionando o banimento da banda da mídia em geral, o que não evitou o aumento de sua popularidade junto ao grande público. Mais *underground*, impossível. A banda surgiu em 1983, separou-se em 1992, reunindo-se por mais um período entre 2001 e 2006. Jorge Gonzáles seguiu carreira solo e lançou vários álbuns de sucesso. Los Prisioneros permanecem como uma das bandas mais influentes do rock latino-americano.

Nada personal

Soda Stereo

1985, Argentina, CBS

Uma das bandas argentinas que ficou mais conhecida ao longo de todo o continente americano, não só por causa do idioma que une a maioria dos países da América, o Soda Stereo galgou os mais altos níveis de popularidade para uma banda de rock latino. A trajetória do Soda Stereo se confunde com a das bandas mais populares da Argentina, mas em dado momento, o trio formado por Gustavo Cerati (guitarra, voz, composição), Zeta Bosio (baixo) e Charly Alberti (bateria) consegue se destacar entre a movimentada cena local, com músicas mostrando forte influência da *new wave*, emoldurando a voz e as letras de Cerati, outro talentoso compositor do período. A música título do álbum e o hit transamericano "Cuando pase el temblor" – que apresentava algumas influências da música andina – são alguns dos melhores exemplos da obra dessa banda referencial do rock latino. Muitos outros sucessos viriam pela frente até a separação da banda, em 1997. Gustavo Cerati seguiu carreira solo e lançou vários álbuns. Em 2007, anunciaram uma turnê de retorno por toda a América Latina, passando pelos Estados Unidos, quebrando recordes de público em vários países. Houve grande comoção com a perda precoce de Cerati em 2014, em consequência de um AVC. A banda se tornou uma das mais influentes de toda a história do rock latino. A única banda de rock que rivaliza em grandeza com os argentinos do Soda é a mexicana Maná.

Domínio Público, via Wikimedia Commons

Reprodução do suplemento Día Pop, jornal El Día. Entrevista feita por Alejandro Espina, página 5 em 10/04/1986

PURE DE TONTOS

Las zanahorias no son de Elmer

Los Tontos

Los Tontos

1986. Uruguai, Orfeo | WEA

O Uruguai é um país com muitas particularidades musicais, ritmos locais como o candombe, a murga e mesmo o tango, mas muitas bandas de rock uruguaias surgiram na movida dos anos 1980, cantando a realidade das ruas, com o fim dos governos militares e da censura. Los Tontos foi uma dessas bandas que representava muito bem esse período. Depois que se destacaram num disco compilação de bandas novas, lançado em 1985, conseguiram assinar um contrato numa gravadora para lançar seu primeiro álbum, onde incluíram o sucesso da compilação: "Himno de los conductores imprudentes". Influenciados pela *new wave*, com os Talking Heads como referência, a banda teve este disco lançado com sucesso na Argentina e Chile. A nova música das bandas de rock latino era cada vez mais reconhecida entre os países da região.

La Bamba
(trilha sonora do filme)

Los Lobos

1987, México, Warner

O lançamento do filme que contava a história de Ritchie Valens – um dos maiores nomes do surgimento do rock nos anos 1950, filho de mexicanos nascido na periferia de Los Angeles – trouxe ao mundo, em 1987, uma espécie de vingança servida num prato frio: uma versão do clássico "La Bamba", que muitos atestam como o primeiro rock já gravado, sendo interpretada por uma banda de rock mexicana. O tema se tornou um sucesso maior que o filme e deixou Los Lobos sob as luzes da ribalta, promovendo os discos e os shows da banda mundialmente.

A alegada "invasão silenciosa" da música latina rompia cada vez mais barreiras e preconceitos. Já não era mais tão "silenciosa" assim.

The Official White House Photostream,Domínio Público, via Wikimedia Commons

Paramanu Sarkar,
via Wikimedia Commons

Patchanka

Mano Negra

1988, Virgin France

Quando os críticos de música não conseguiam explicar o que não conseguiam categorizar como determinado gênero musical, inventaram o termo *world music*. Boa parte desse rótulo usado para sonoridades "não anglo-saxãs" se deveu à grande popularidade que tanto a música africana quanto a música latino-americana estavam alcançando mundo afora. Possivelmente, o Mano Negra, com sua formação multinacional, foi uma das melhores razões pelas quais criaram esse termo para definir um som multicultural e de grande apelo popular como o que a banda apresentava. Formado em Paris (cidade que se tronou uma espécie de "esquina do mundo" para a *world music*) o Mano Negra iniciou suas atividades em 1987 e revelou o grande talento de Manu Chao, cantor e compositor do grupo, nascido na Espanha e de origem cubana. A tal mistura de *ska-punk-rock* estava se disseminando pelos quatro cantos do planeta e o Mano Negra chegou a se apresentar no Brasil, onde fizeram um histórico show num navio e depois numa praça pública, de graça, durante a conferência ecológica mundial Eco-92.

A receita globalizante de ritmos e linguagens do Mano Negra pode ter nascido na Europa, mas causou profundos efeitos e reafirmou a cena musical latino-americana na virada da década de 1980/90.

Escape from Havana

Mellow Man Ace

1989, Cuba–EUA

Reprodução, Capital Records

O capítulo que conta sobre a quantidade de imigrantes cubanos que trouxeram a música de seu país para os Estados Unidos é amplo. Esse rapper teve o pioneirismo de cantar misturando inglês e espanhol, trazendo a linguagem das ruas e dos guetos de imigrantes para sua música, uma espécie de quase dialeto conhecido como "*spanglish*", tornando-se a original assinatura de Mellow Man Ace. Seu maior *hit*, "Mentirosa", ganhou as rádios e paradas mundiais, causando polêmica ao usar um *sample* (pedaço de uma música extraído para fazer outra) da canção "Evil Ways", de outro grande ídolo latino-americano, Carlos Santana.

Bachata Rosa

Juan Luis Guerra

1990, República Dominicana, Karen Records

Um doutor em música caribenha, Juan Luis Guerra se consagrou por todo o continente com esse álbum, um dos que figura entre as maiores vendagens da história da música latina (mais de 5 milhões de cópias) e cujo *hit* "Borbujas de amor" teve uma versão em português de enorme êxito, gravada por Raimundo Fagner. Esse grande artista da República Dominicana, que batizou esse álbum com o nome de um estilo de música tradicional de seu país, a bachata, é outro exemplo de um músico sofisticado que atingiu enorme popularidade, sendo um dos maiores representantes da música tradicional caribenha, agraciado com inúmeras premiações e sempre lembrado pelo seu forte engajamento em causas sociais.

FESTIVALDEVINACHILE,
via Wikimedia Commons

Muevelo con El General

El General

1991, Panamá, RCA

Seria razoável lembrar que a Jamaica, ex-colônia britânica onde se fala um dialeto inglês, fica na América Central, mas seu maior produto musical, o reggae, extrapolou as fronteiras mundiais. A influência desse ritmo jamaicano ganhou representantes de muitos países, mas no caso de El General, foi o melhor exemplo do pioneirismo do reggae cantado em espanhol. El General foi ganhando público em vários países, inclusive nos Estados Unidos, onde seu spanish reggae fez enorme sucesso. Derivado de estilos jamaicanos conhecidos como dancehall e ragga, o reggae em espanhol acabou se mesclando com outros elementos caribenhos, como a salsa e o merengue, o hip hop e a música eletrônica, abrindo caminho para a explosão do reggaeton nos anos seguintes. Um pequeno passo para o reggae, um salto gigantesco até o reggaeton, El General foi o precursor dessa onda latino-americana que ganhou o mundo.

El amor después del amor

Fito Páez

1992, Argentina, Warner

Os argentinos jamais deixam de idolatrar seus ídolos de todas as eras, em todas as áreas da cultura. Na música, o panteão é extenso, mas sempre há lugar para outra divindade local. Não se trata apenas de mais um representante da geração de ouro da música argentina surgida na virada dos anos 1970–80: Fito Páez alcançou rapidamente um lugar no pódio dos artistas argentinos mais populares ao redor do continente americano e da Espanha. Fito, aos poucos, foi elevado ao triunvirato de ícones do pop rock argentino, junto a Charly Garcia e Luis Alberto Spinetta.

Este álbum traz no título um dos seus maiores sucessos e permanece como o disco de rock argentino mais vendido na história. Nas ondas do sucesso desse álbum, Fito encheu estádios e foi o primeiro artista argentino a se apresentar na Praça da Revolução, em La Havana, Cuba, para um público de mais de 50 mil pessoas. Ele ainda abriu frentes em outras atividades artísticas, lançando livros e escrevendo roteiros para cinema. Fito é um apelido carinhoso derivado de Rodolfito, uma forma diminutiva abreviada, mas a carreira desse eterno garoto é do tamanho da América.

Mi tierra

Gloria Estefan

1993, Cuba–EUA, Epic

Gloria Estefan cresceu com a música cubana em sua vida. Depois da família chegar exilada aos Estados Unidos, ela se tornou cantora de uma banda super popular, a Miami Sound Machine, que emplacou muitos *hits* nas paradas globais. Neste álbum, Gloria Estefan faz um tributo à música cubana, cantando alguns dos grandes clássicos, com a participação dos mais lendários músicos do gênero, como Tito Puente (percussão), Paquito D'Rivera (sax), Cachao López (baixo) e Arturo Sandoval (trompete), dentre outros. O álbum teve a produção do renomado Emílio Estefan, cubano, marido de Gloria, que já trabalhava com ela anteriormente. *Mi tierra* foi o primeiro álbum gravado em espanhol pela já consagrada cantora e ganhou inúmeros prêmios. É um álbum elegante para se ouvir, apreciando um legítimo e puro *habano*, complementando o banquete sensorial de sabores e aromas típicos de Cuba, que não chegam juntamente com sua música.

Library of Congress Life,
via Wikimedia Commons

Vasos vacíos

Los Fabulosos Cadillacs

1994, Argentina, Sony-Columbia

cartaz:
Yerson_O, via Wikimedia Commons

Este é o oitavo álbum desta popular banda de rock-ska-reggae argentina, uma compilação de grandes sucessos e uma ótima forma de conhecer sua produção musical desde seu primeiro disco, em 1986. A banda lançou quatorze álbuns até o fim das atividades, em 2018. Ainda em 1994, os Cadillacs superaram os parâmetros vigentes de sucesso das outras bandas do gênero, com suas músicas repletas de ácidas críticas sociais propagadas por uma fortíssima sonoridade quase punk, mesclada com elementos latinos diversos, como salsa, merengue, mambo e até alguma coisa de samba. A música inédita lançada neste trabalho intitulada "El matador" foi um dos seus maiores sucessos, usando uma original mistura de canto flamenco embalado por um naipe de sopros em brasa e uma irresistível batida à la Olodum surrupiada pelos nossos *hermanos*.

Depois do fim da banda, o seu cantor, Gabriel Fernández Capello, mais conhecido como Vicentico, se dedicou a cantar e gravar discos de salsa, mas isso é uma outra história..

Pies descalzos

Shakira

1995, Colômbia, Sony

Serenity, via Wikimedia Commons

Cronologicamente este seria o terceiro álbum de Shakira, uma menina colombiana que desde criança se dedicou a cantar e compor suas próprias músicas. Mas *Pies descalzos* representa o primeiro disco de sucesso da fabulosa carreira de uma das cantoras latinas mais populares da história. No *hit* global "Estoy aquí", Shakira apresenta seu próprio estilo vocal, que não demorou para ser copiado por muitas outras cantoras ao redor do mundo. Musicalmente, o álbum tem forte apelo dançante, já que além de cantar e tocar vários instrumentos, outro atributo da cantora é a dança. Mas fica patente que esta talentosíssima artista vinda de uma família de origem árabe não é apenas um rostinho bonito – fato que esse álbum comprovou, com seu sucesso ao redor do planeta, com inúmeros prêmios artísticos e vendagens milionárias. Com esse álbum, cantando em sua língua natal, Shakira estava na cabeceira da pista decolando para receber o título de "Rainha do pop latino". A música latino-americana coroou sua diva moderna que, além de participar de ações humanitárias e culturais pelo continente, foi convidada como embaixadora da boa vontade do Unicef.

Avalancha de éxitos

Café Tacvba

1996, México, Warner

Liliane Callegari, via Wikimedia Commons

O rótulo de "banda alternativa" geralmente é usado para definir uma música complexa e nada popular, mas isso não condiz quando tentam usá-lo para explicar o Café Tacvba. Com sua música requintada e extrema popularidade no México e em todo o continente americano, chegando até mesmo ao outro lado do Atlântico, o sucesso da banda é um enigma que desafia os críticos musicais. Trata-se de uma banda com muitos integrantes, formada em 1989 e ainda na ativa, que mescla ritmos e texturas folclóricas mexicanas, com o melhor das influências da música moderna, desde o rock, passando pelo ska, dub e hip hop. A identidade vocal do Café Tacvba chega através de seu cantor, Rubén Albarrán, com seu timbre semelhante ao de um personagem de desenho animado pós-apocalíptico, que funciona perfeitamente dentro da ousada sonoridade proposta pela banda. Como temática de suas canções, as letras descrevem sua aldeia e assim os tornam globais.

Este terceiro trabalho foi planejado para ser um álbum intermediário, até juntarem material para um próximo disco de músicas autorais, e foi gravado depois do grande sucesso do segundo álbum, *Re* (1994). Produzido por Gustavo Santaolalla, renomado produtor argentino, *Avalancha de éxitos* apresenta versões repaginadas para clássicos de artistas e bandas mexicanas de todos os gêneros, uma espécie de tributo às influências que abrangem desde a música folclórica mexicana até bandas obscuras do rock local, ou mesmo de um consagrado nome como José Luis Guerra, ou um inusitado instrumental para o clássico bolero "Perfídia". Ao escutar esse trabalho, fica claro que nem sempre o título de banda alternativa combina com a aceitação de um talentoso artista pelo grande público e esse parece ser exatamente o encantador mistério do Café Tacvba.

Buena Vista Social Club

1997, Cuba–EUA, Nonesuch

Ajuntament de Vilanova i la Geltrú, via Wikimedia Commons

Um dos trabalhos que tem o mérito de reapresentar a música tradicional cubana para o grande público aconteceu quase que por acaso. Em 1996, o renomado guitarrista e produtor americano Ry Cooder foi chamado para gravar um encontro de músicos africanos e cubanos em Havana, mas como os africanos não conseguiram chegar em tempo para os trabalhos, o projeto foi redirecionado para gravar uma reunião de músicos da velha guarda cubana, interpretando grandes clássicos do cancioneiro local. O resto é história. A reunião do Buena Vista Social Club foi assim batizada para identificar o seleto grupo de cantores e músicos que se reuniu nesse projeto, com destaques para o carismático cantor septuagenário Ibrahim Ferrer e a consagrada cantora de boleros Omara Portuondo. O registro de algumas apresentações do grupo rendeu o premiadíssimo documentário de mesmo nome, dirigido pelo consagrado diretor de cinema Wim Wenders, filmado em 1998 e lançado em 1999, dando mais fôlego ao álbum que se tornou grande sucesso nas paradas mundiais, iniciando um ciclo de concorridas turnês com datas esgotadas nos mais tradicionais espaços de shows mundiais. Não seria um exagero afirmar que o *Buena Vista Social Club* funcionou como uma espécie de "revolução cubana" que deu certo quando exportada para outros países. *¡Viva la música!*

Vuelve

Ricky Martin

1990, Puerto Rico, Sony

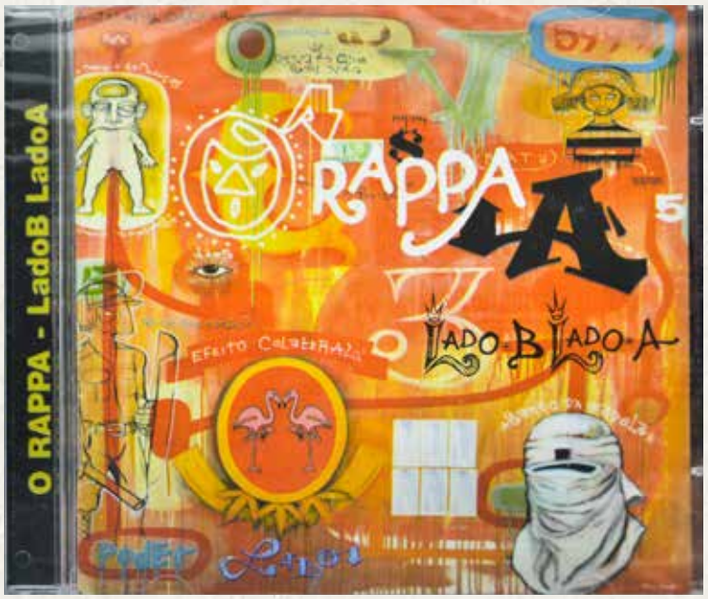
Eva Rinaldi, via Wikimedia Commons

Os anos 1990 viram a ascensão de Shakira como a "Rainha do pop latino" e do seu rei, Ricky Martin. Os parâmetros para a medida do sucesso do cantor romântico latino foram totalmente revistos, depois que Ricky Martin emplacou o *hit* global "Maria". Com o sucesso mundo afora, ninguém mais lembrava que esse novo artista foi integrante do não menos popular Menudo, aquele grupo mega famoso de meninos cantores de Porto Rico. Os superlativos não são exagero e só comprovam o que ainda estava por vir. Neste álbum, Ricky Martin gravou a música tema da Copa do Mundo de Futebol de 1998 e, logo depois, chegaria ao topo da pirâmide pop com seu maior sucesso: "Living la vida loca". A música latina revelava ao mundo o seu George Michael. Ricky Martin aproveitou sua grande popularidade, participando de campanhas humanitárias, especialmente contra a homofobia, acumulando uma gigantesca lista de premiações musicais e de vendagens inéditas para um artista latino.

Lado B Lado A

O Rappa

1999, Brasil, WEA



Uma banda que trouxe as influências de tudo o que foi produzido pelo renascimento do rock brasileiro dos anos 1980, somado ao reggae, dub e hip hop, O Rappa tinha algo que o tornava singular: seus integrantes surgiram na zona oeste do Rio de Janeiro, nos bairros da periferia, onde vivenciaram e depois retrataram de forma contundente, na sua música, um fiel retrato da sociedade brasileira e suas injustiças, especialmente pelo talento demonstrado por Marcelo Yuka, principal compositor da banda, que tinha no cantor Marcelo Falcão a voz certa para transmitir as mensagens. *Lado B Lado A* emplacou várias músicas nas paradas, ganhou premiações em vários vídeos e trouxe esperanças de que a virada do século ainda poderia mostrar mais e melhores trabalhos das bandas de rock brasileiras. Depois da saída de Yuka, em 2001, a banda seguiu gravando e fazendo shows, até encerrar as atividades em 2018.

The Return of El Santo

King Changô

2000, Venezuela–EUA, Luaka Bop | /Warner

Ganha um churro quem souber onde fica um dos maiores mercados para a música latina. Acertou quem disse Estados Unidos. Sejam os grupos mexicanos de música ranchera ou cantores românticos do naipe do brasileiro Nelson Ned, a terra do Tio Sam já recebeu muitos imigrantes latinos que lá encontraram fama e fortuna do tipo que jamais teriam em seus próprios países. Esse foi o caso – um pouco mais modesto – da banda nova-iorquina King Changô, cuja formação tinha integrantes venezuelanos que não perderam suas origens, como demonstravam em sua música. Reconhecida como uma das melhores bandas de ska latinas, este álbum explica a razão pela qual esse ritmo encontrou tantos adeptos que cantavam em espanhol. Foi assim que caíram nas graças de David Byrne, um grande incentivador de talentos da *world music* com seu selo Luaka Bop.

Com essa obra, comprovamos o clássico axioma: "você pode deixar a Venezuela para morar em Nova York, mas a Venezuela jamais deixará você".

Bloco do Eu Sozinho

Los Hermanos

2001, Brasil, Abril Music

Editorial de Porto Alegre, via Wikimedia Commons

No Brasil, desde os anos 1980 até a virada do século XX, formavam-se bandas de rock entre amigos de faculdade. Bandas ainda participavam de festivais da cena *underground* e as que se destacavam, assinavam contratos com gravadoras para lançar um disco. Isso foi lugar-comum para muitas formações de jovens idealistas que sonhavam viver de música. Fora do comum foi o encontro de dois talentosíssimos novos compositores: Marcelo Camelo e Rodrigo Amarante, que escreviam as músicas da banda carioca Los Hermanos. Depois do primeiro álbum bater forte nas rádios com o *hit* "Ana Júlia" – um rock muito bem costurado, com uma letra de amor e sonoridade indie, tocada em todas as rádios pelo país, beirando os limites da exaustão – a banda não se deixou levar pelas receitas de sucesso fácil e saiu com um novo trabalho mais alternativo, com letras profundas e sonoridades ousadas. Foi apostando nisso que Los Hermanos lançaram *Bloco do Eu Sozinho*, álbum que sedimentou a personalidade musical do grupo e despertou o apreço de um grande e fiel público que só fez aumentar nos trabalhos seguintes.

Os críticos de música e os fãs em geral são unânimes em afirmar que Los Hermanos seriam um fenômeno do rock brasileiro somente comparável com outro fenômeno: Legião Urbana. Em termos de conceito criativo e de resposta de público, ambas as bandas são exemplos de comprometimento e coerência musical sem paralelos na América Latina, no único lugar onde se fala português, que é o Brasil. Los Hermanos atualmente se reúnem para shows eventuais que enchem estádios de futebol, sendo que nos últimos anos, Marcelo e Rodrigo desenvolveram suas carreiras solo. Quem diria! Uma das bandas mais populares do Brasil tem o nome em espanhol!

Do otimismo ao isolamento

O mundo mudou de maneira radical nas últimas duas décadas. As guerras no Iraque (2003) e na Ucrânia (2022), assim como a eleição de Donald Trump nos EUA (2006), redesenharam a geopolítica global. O maior acontecimento histórico do período, porém, foi a pandemia do coronavírus. Além do trágico número de vítimas em todo o mundo, o isolamento social mudou as relações humanas e acelerou a transformação digital iniciada com a chegada da internet, nos anos 1990.

O Brasil também se tornou um país muito diferente. Em 2002, o presidente Fernando Henrique Cardoso passava a faixa para Luiz Inácio Lula da Silva na mais tranquila transição de poder do século. O otimismo estava em alta: o Brasil ganhava a Copa do Mundo no Japão com uma vitória sobre a Alemanha e tornava-se pentacampeão. Cenário bem diferente do que veríamos em 2014, no governo de Dilma Rousseff, a primeira mulher a se tornar presidente do Brasil. Na Copa do Mundo sediada aqui, fomos derrotados por 7 x 1 para a Alemanha. Nem o sucesso da Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016, impediria a queda da governante: Dilma sofreria um *impeachment* e o Brasil elegeria, dois anos mais tarde, Jair Bolsonaro.

Os álbuns dessa lista refletem a pluralidade da globalização. Foram escolhidos de acordo com um critério de relevância cultural, contemplando uma ampla gama de estilos e origens variadas. Como toda seleção, deixará de fora nomes importantes. A análise artística não é uma ciência objetiva. Há, porém, a certeza de que esses vinte álbuns formam uma coleção de momentos mágicos que permanecerá na memória do público latino-americano para sempre.

Felipe Machado

Felipe Machado (São Paulo, 1970) é jornalista, escritor e músico. É editor de cultura da *IstoÉ* e já colaborou com grandes veículos da imprensa brasileira e internacional. Publicou *Um lugar chamado aqui*, eleito Melhor Livro de 2016 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e *Ping-Pong – Chinês por um mês*, indicado ao Prêmio Jabuti, entre outros. É fundador da banda Víper e, em 2022, lançou o álbum solo *Primata*.

Deixa a vida me levar

Zeca Pagodinho

2002, Brasil, Universal Music

25º Prêmio da Música Brasileira, via Wikimedia Commons

Jessé Gomes da Silva Filho começou a cantar em rodas de samba no bairro de Irajá, no Rio de Janeiro, quando ainda era uma criança. Mais tarde adotou o apelido pelo qual é carinhosamente conhecido por todos: Zeca Pagodinho. Considerado um dos grandes compositores do estilo, teve sua primeira grande chance em um disco de sua madrinha, Beth Carvalho: ao gravar "Camarão que dorme a onda leva", em 1983, a cantora abriu as portas para o jovem talento em todo o País. Era o início de uma carreira bem-sucedida e única dentro do samba. A popularidade de Zeca Pagodinho, porém, logo ultrapassou o público do gênero, tornando-o um ídolo pop. Foi convidado para gravar dois discos da série Acústico MTV, algo que não aconteceu nem com as bandas de rock de grande sucesso. *Deixa a vida me levar*, de 2002, representa o seu auge: canções como "Tá ruim, mas tá bom" e "Amor não me maltrate" são exemplos do estilo marcante de Zeca Pagodinho, compostas com ritmo acentuado e letras de forte apelo popular. Repletas de expressões que vão parar na boca do povo, suas letras acabam sendo integradas ao dialeto cotidiano das ruas. A canção que batiza o álbum, por exemplo, resume um jeito carioca de encarar o dia a dia e tornou-se até uma filosofia de vida para muita gente. "Deixa a vida me levar / Vida leva eu / Sou feliz e agradeço / Por tudo que Deus me deu". A mensagem que combina alegria, gratidão e um pouco de fatalismo repercutiu também fora do Brasil: o álbum venceu o Grammy Latino como melhor disco de samba.

Revolución de amor

Maná

2002, México, WEA Latina

O som do Maná reflete de maneira metafórica a posição geográfica ocupada por seu país de origem. Assim como o México, localizado entre os Estados Unidos e a América Central, o grupo se equilibra entre a influência das guitarras do rock norte-americano e o magnetismo dos ritmos latinos, repletos de percussões vibrantes e violões cadenciados. Essa dicotomia era ainda mais evidente antes da formação oficial da banda, em 1987. Nos anos 1970, tocavam versões de rock'n'roll sob o nome de Green Hat; pouco depois mudaram o nome para Sombrero Verde e assumiram as raízes latinas. Em seu sexto álbum, *Revolución de amor*, o Maná alcançou seu auge. O projeto nasceu após uma parceria bem-sucedida com outro ícone mexicano, o músico Carlos Santana: o Maná havia sido convidado para tocar em "Corazón espinado", no álbum *Supernatural*, um dos maiores fenômenos da música latina na história, com mais de 25 milhões de cópias vendidas. Santana retribuiu a participação gravando um épico solo de guitarra em "Justicia, tierra y libertad", que abre *Revolución de amor*. Na canção "Sábanas frías", o disco traz ainda a voz de Rubén Blades, controversa figura do Panamá, onde é reconhecido como ícone da salsa, mas também como político e ativista contra os regimes autoritários na região. Entre baladas românticas e acordes pesados, o Maná é a mais bem sucedida banda latino-americana de todos os tempos, tendo vendido mais de 45 milhões de álbuns em todo o mundo.

Tribalistas

Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown

2002, Brasil, Phonomotor | EMI

O sucesso do álbum *Tribalistas*, lançado em 2002, surpreendeu até mesmo seus criadores. Marisa Monte já estava acostumada a frequentar os topos das paradas, mas para Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown aquele foi um feito inédito. Antunes já havia vendido muitos discos com os Titãs, nos anos 1980, mas desde que deixara a banda, em 1992, tinha se dedicado à carreira de poeta concretista e optado por um trabalho musical mais alternativo. Carlinhos Brow, por sua vez, era mais conhecido como o criador do Timbalada, movimento musical e social que ensinava percussão a jovens carentes do bairro de Candeal, em Salvador. A união desses três improváveis personagens provocou uma explosão de criatividade e um álbum com treze canções inesquecíveis. "Velha infância", o maior *hit* do repertório, foi a música mais tocada no Brasil na década de 2000. "Já sei namorar", no entanto, é a canção que melhor simboliza essa obra: traz o caráter ingênuo e profundo das composições de Antunes, a voz doce e melódica de Marisa, e o ritmo dançante e contagiante típico das criações de Brown. O resultado não podia ser outro: o álbum vendeu mais um milhão de cópias no Brasil e arrebatou plateias também na Europa, onde foi o disco mais vendido do ano em Portugal, além de atingir status de disco de platina na Itália e Espanha. Foi indicado em cinco categorias do Grammy Latino, vencendo como Melhor Álbum Pop Contemporâneo Brasileiro. O projeto rendeu também um DVD com o *making of* da produção, dirigido por Guilherme Ramalho, onde é possível ver em ação o entrosamento mágico desses geniais Tribalistas.

Naturaleza sangre

Fito Páez

2003, Argentina, DBN Records

photoAtlas, via Wikimedia Commons

Naturaleza sangre é um típico disco de Fito Páez: é repleto de excelentes composições e letras inteligentes e bem sacadas. O que o torna um álbum histórico, no entanto, é a presença de outros dois artistas icônicos que compõem, junto com Fito, o triunvirato do rock argentino. O primeiro é Charly Garcia, figura mítica da região, líder de duas das principais bandas da história do país, Sui Generis e Serú Girán. O outro é Luis Alberto Spinetta, "El Flaco", líder do Almendra. Como se não bastasse, o disco traz ainda a brasileira Rita Lee na faixa "Ojos rojos".

As canções de Fito Páez são sensíveis e repletas de drama, como os bons tangos. São crônicas de sua vida, sessões musicais de terapia em que ele desnuda amores e desamores, compartilha sucessos e frustrações de forma intensa, verdadeira e sempre bela, mesmo quando exala sentimentos menos nobres. Em 1987, após o assassinato de sua avó, lançou *Ciudad de pobres corazones*, álbum em que destilou sua desesperança com o futuro da Argentina. Em 1992, quando se apaixonou pela atriz Cecilia Roth, compôs o disco *El amor después del amor*. Fez o mesmo após o nascimento do filho, Martín, em 2002, com *Rey Sol*. Em *Naturaleza sangre*, de 2003, Fito passava por um momento pessoal importante: havia acabado de fazer quarenta anos e enfrentava o fim do relacionamento com a esposa, Cecilia. Suas letras, portanto, refletem essa dor, mas o álbum não tem nada de sombrio: traz também a vontade de ser feliz novamente, de encontrar alguém e seguir em frente – um grito de esperança vindo direto das ruas de Buenos Aires.

À procura da batida perfeita

Marcelo D2

2003, Brasil, Chaos | Sony Music

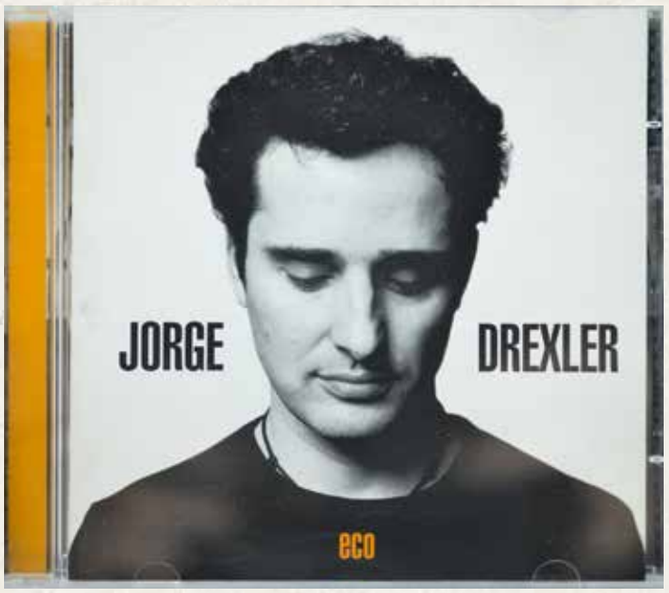
Silvio Tanaka, As fotos da Virada!, via Wikimedia Commons

Considerado o mais brasileiro dos ritmos, o samba já foi cozinhado e misturado em diversos caldeirões. Músicos brasileiros de todos os gêneros já admitiram a influência da batida do samba na elaboração de suas obras, do pop ao rock, passando pela bossa-nova e o jazz. A grande sacada do músico Marcelo D2 foi juntar o samba ao rap, estilo urbano que nasceu nos guetos da música negra nos Estados Unidos e ganhou o mundo. Por aqui não seria diferente: o rap, cuja sigla significa *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), ganhou um sotaque brasileiro único e interessante. Egresso do Planet Hemp, Marcelo D2 já havia incorporado o rap ao rock pesado, o que levou o grupo a um grande sucesso no início dos anos 1990. Ao deixar a banda e seguir em carreira solo, Marcelo Maldonado Peixoto, o D2, aproximou-se de suas origens pessoais. Assumiu a sonoridade que ouvia na infância, passada no subúrbio da zona norte carioca – o samba, principalmente na voz de Bezerra da Silva. A união do samba com o hip hop foi um casamento perfeito, uma vez que o jeito suingado de cantar e as letras irreverentes repletas de críticas sociais soaram como se tivessem sido feitas para as batidas eletrônicas dos DJs que o acompanhavam. O efeito cultural dessa junção teve impacto imediato no gosto do público jovem: aproximou a geração que vibrava com os videoclipes de D2 da autenticidade artística produzida nos morros do Rio de Janeiro. Foi o primeiro passo para outro fenômeno popular que mudou o mercado fonográfico brasileiro – o funk carioca, que ganharia o mundo anos mais tarde.

Eco2

Jorge Drexler

2004, Uruguai, Warner Music Latina



O compositor entrou para a história da cultura pop quando "Al otro lado del río" venceu o Oscar de Melhor Canção Original, em 2005. Tema do filme *Diários de motocicleta*, dirigido pelo brasileiro Walter Salles, foi a primeira música em espanhol a ganhar o grande prêmio do cinema mundial. A participação do artista uruguaio na cerimônia, no entanto, foi controversa: após considerar Drexler "uma figura desconhecida", a Academia havia exigido que a canção indicada fosse interpretada por nomes latinos mais famosos – os escolhidos foram o ator espanhol Antonio Banderas e o guitarrista mexicano Carlos Santana. Ao ser chamado no palco para receber a estatueta, Drexler fez um delicado protesto: cantou "Al otro lado del río" a capella – e sua bela voz ecoou pelo enorme teatro em Los Angeles.

O sucesso fez com que a canção fosse incorporada ao álbum que Drexler havia acabado de lançar, *Eco*, rebatizado como *Eco2*. Composto por uma coleção de belas faixas, como "Todo se transforma" e "Transporte", entre outras, *Eco2* é uma pequena joia da música latina. Apesar de ser cantado em espanhol, é nítida a influência da música brasileira em seu som, da bossa-nova ao tropicalismo. Drexler, que já realizou parcerias com Caetano Veloso, Maria Rita e Marisa Monte, entre outros, não esconde a admiração pelos artistas brasileiros. Quando tinha sete anos, aprendeu sua primeira canção: "Eu quero ter um milhão de amigos", de Roberto e Erasmo Carlos. Hoje, Jorge Drexler tem muito mais que um milhão de fãs.

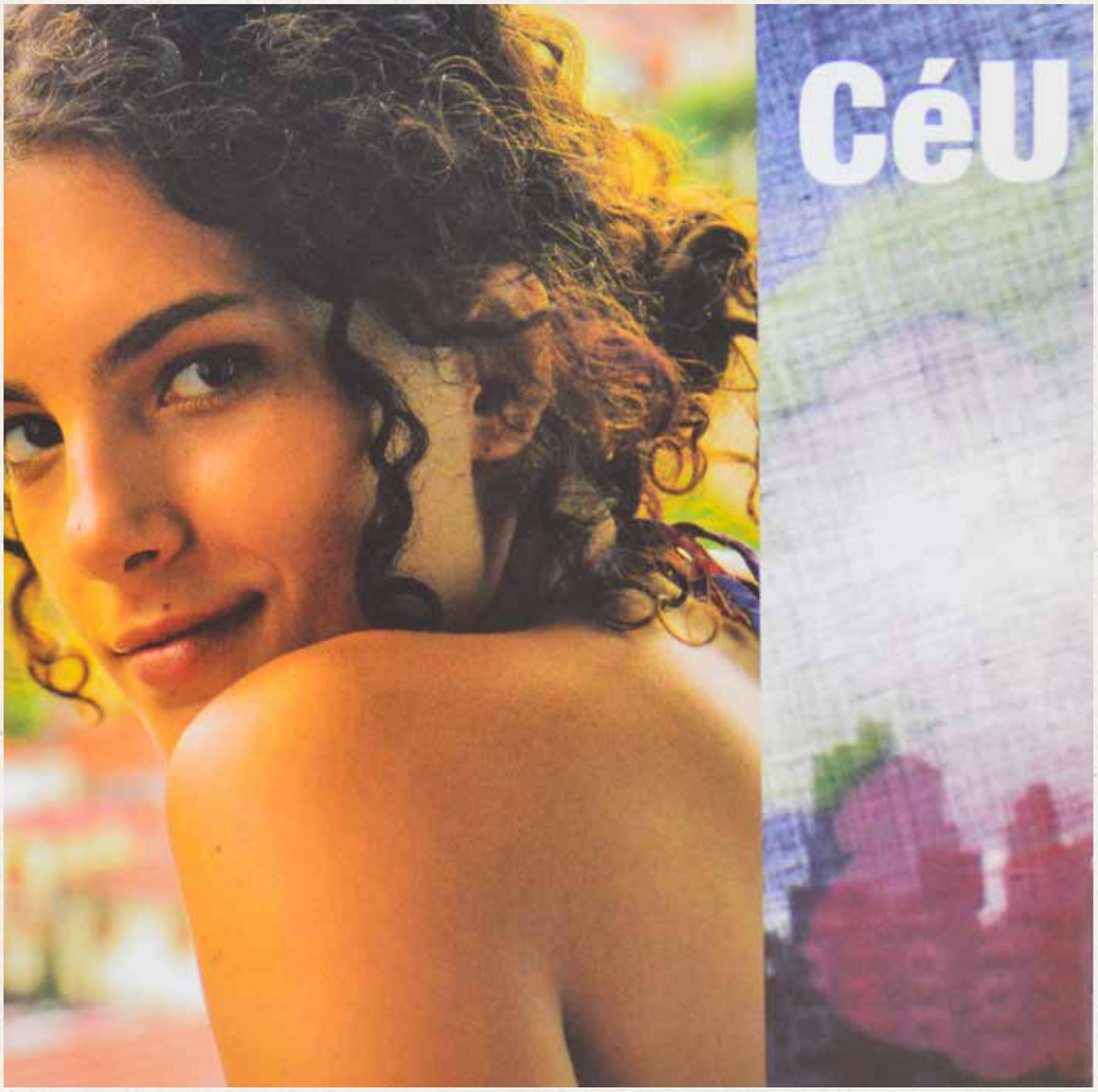
Céu

Céu

2005, Brasil, Urban Jungle Records | Warner Music

Quando Céu lançou seu primeiro disco, batizado simplesmente com seu nome, foi um típico caso de amor à primeira vista. Era tudo perfeito ali: a combinação da voz suave da cantora com as hipnóticas batidas eletrônicas tornou o álbum uma espécie de releitura pós-moderna da bossa-nova, um som global que seduziu o exterior, mesmo cantado em português. O caráter universal da obra, assim como a dificuldade em classificá-la dentro dos limites tradicionais, rendeu a Céu uma indicação ao Grammy Awards na categoria de World Music Contemporânea. A paulistana de 25 anos dava início ali a uma das trajetórias internacionais de maior destaque entre os novos artistas brasileiros, um caminho que ela vem consolidando com competência ao longo da sua carreira por meio de lançamentos como *Tropix*, de 2016, e *Um gosto de sol*, de 2022, onde interpreta versões de Rita Lee, Milton Nascimento e Jimi Hendrix, entre outros.

A canção "Malemolência", do álbum de estreia, é um bom resumo do estilo apresentado por Céu. Começa com um violão bem brasileiro, com toques latinos, até que sua voz entra declamando versos arrastados e sensuais sobre "um menino bonito". Há uma preguiça intencional em suas palavras, como se ela estivesse deitada em uma rede, vivendo um transe de amor: "O que é um beijo se eu posso ter o teu olhar? / Cai na dança, cai / Vem para a roda da malemolência", canta. Com um convite desses, até as nuvens se abrem para Céu.


CéU

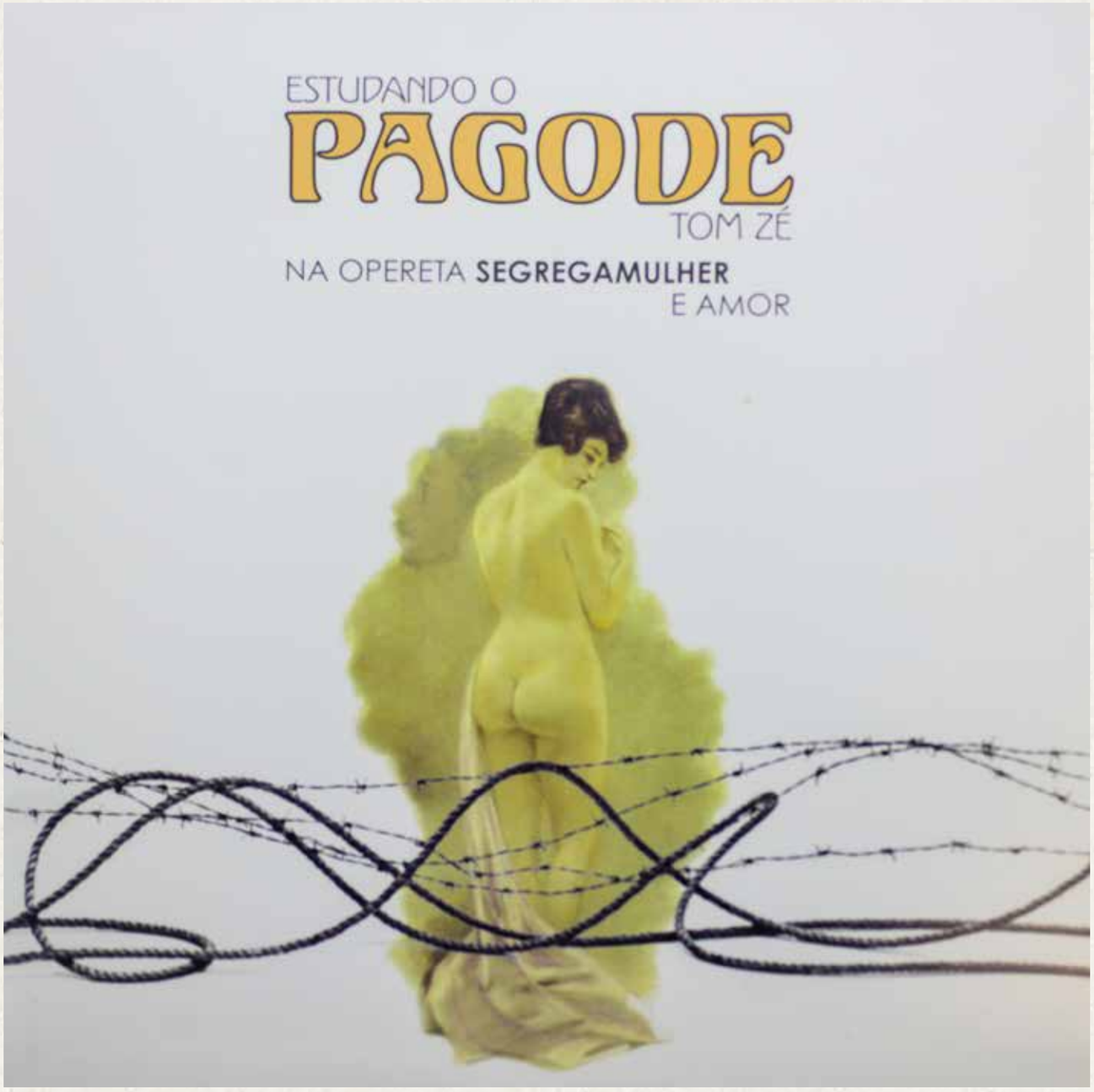
Estudando o pagode

Tom Zé

2005, Brasil, Trama

Tom Zé é uma figura única na música brasileira. O compositor baiano começou a ganhar destaque nos anos 1960, quando se juntou a conterrâneos como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, entre outros, para vir a São Paulo encenar *Arena canta Bahia*, musical dirigido por Augusto Boal. Em 1968, o grupo lançaria o tropicalismo, cuja certidão de nascimento, o histórico álbum *Tropicália*, foi um divisor de águas na cultura do País. No mesmo ano, Tom Zé venceu o prestigiado Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, com a canção *São Paulo, meu amor*. Iniciava-se aí o seu afastamento dos tropicalistas – o inquieto artista nunca coube nos limites de um movimento, por mais criativo que ele fosse.

Tom Zé seguiu, então, uma surpreendente carreira solo, lançando uma série de discos originais, porém sem tanto apelo comercial. Vender muitos discos nunca pareceu lhe importar: o desafio intelectual sempre foi seu motor como artista. Na década de 1990, foi "redescoberto" pelo norte-americano David Byrne, líder do grupo Talking Heads, que ficou fascinado por seu estilo. Lançou a obra de Tom Zé nos EUA, onde ele se tornou imediatamente um fenômeno de crítica. O álbum *Estudando o pagode*, de 2005, é um exemplo perfeito de seu furor criativo. É um som tão original que é difícil até descrevê-lo: *riffs* de guitarras distorcidas dividem as melodias com pandeiros e tamborins, em meio a letras que variam entre poemas dadaístas e sonetos românticos. Seu subtítulo "Na opereta Segregamulher e amor" explica o formato original da obra: construído como uma ópera, o álbum narra, em três atos, a relação entre homens e mulheres. Esse tema, que poderia soar pesado ou apelativo na visão de outro artista, vira um deleite nas mãos leves e experimentais de Tom Zé.


ESTUDANDO O
PAGODE
TOM ZÉ
NA OPERETA SEGREGAMULHER
E AMOR

Cê

Caetano Veloso

2006, Brasil, Universal Music

Nenhum artista brasileiro sabe se reinventar tão bem como Caetano Veloso. Chamá-lo de "camaleão" é uma obviedade: melhor imaginar que sua longa viagem musical tem muitas escalas e destinos. Essa capacidade de adaptação a novas situações artísticas e contextos criativos é própria dos grandes gênios – de Miles Davis a David Bowie, os exemplos são muitos e diversos. *Cê*, álbum lançado em 2006, marca uma dessas transições na obra do compositor baiano. É um disco de rock à moda de Caetano, ou seja, por maior que tenha a influência dos jovens músicos da banda que leva o nome do disco – Pedro Sá (guitarra), Ricardo Dias Gomes (baixo) e Marcelo Callado (bateria) – ainda assim a marca de Caetano é inconfundível. *Cê* é o primeiro disco de uma trilogia em que o artista flerta com a música alternativa e o rock underground, projeto que contou ainda com *Zii e Zie*, de 2009, e *Abraçaço*, de 2012. Embora seja um disco mais "difícil" e menos comercial, no sentido das melodias e arranjos, quando comparado a outros da carreira de Caetano, sua inventividade foi recompensada: o álbum venceu o Grammy Latino de melhor disco de compositor, e o single "Não me Arrependo" levou como melhor canção brasileira do ano. O *Cê* de Caetano – que tanto representa o diminutivo carinhoso de "você" quanto a inicial do artista – se alimenta da juventude dos parceiros para criar um álbum pesado e com letras que exalam sexualidade. A produção, compartilhada por Pedro Sá e Moreno Veloso, filho de Caetano, se aproxima do rock independente que fazia sucesso à época, com bandas como Arctic Monkeys e The Strokes. Ao tocar com músicos na faixa dos 30 anos, Caetano, que tinha 64 em 2006, fez sua carreira renascer – não foi a primeira nem seria a última vez que ele revolucionaria sua própria obra.

caetano veloso
cê

Infinito particular

Marisa Monte

2006, Brasil, Phonomotor Records | EMI

"Eis o melhor e o pior de mim/ O meu termômetro, o meu quilate / Vem, cara, me retrate / Não é impossível, eu não sou difícil de ler" anuncia Marisa Monte na letra que abre seu disco mais pessoal. Do ponto de vista criativo, a cantora vivia uma fase tão extraordinária em 2006 que lançou dois álbuns simultâneos: *Infinito particular* e *Universo ao meu redor*, ambos repletos de canções perfeitas e delicadas como pétalas. "Sou porta-bandeira de mim / Só não se perca ao entrar / No meu infinito particular", continua Marisa, outro verso que apenas confirma o que sabemos desde *MM*, seu primeiro álbum, de 1989: a música é sua vida, e sua vida é a música. Suas treze composições reúnem parceiros variados, característica que se tornou marca registrada ao longo de sua carreira. Entre eles estão Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, que dividiam com ela o supergrupo Tribalistas, mas também Nando Reis, ex-Titãs, Adriana Calcanhoto, Marcelo Yuka, de O Rappa, e Seu Jorge. Acostumada a homenagear seus ídolos, Marisa já gravara antes grandes nomes da música brasileira, de Caetano Veloso a Pixinguinha. Esse álbum, no entanto, o sétimo lançado por ela, é essencial para a compreensão de seu trabalho porque é o primeiro em que Marisa participa de todas as composições. Essa nuance garantiu o caráter pessoal do disco, abrindo espaço para que Marisa colocasse sua voz doce de forma ainda mais contundente como instrumento para verbalizar o que seu coração queria dizer.

INFINITO PARTICULAR
MARISA MONTE

América Brasil

Seu Jorge

2007, Brasil, EMI

Marcelo Teson, via Wikimedia Commons

A vida de Jorge Mário da Silva mudou muito desde a dura infância em Belford Roxo, município na periferia do Rio de Janeiro. Trabalhou como contínuo e marceneiro antes de seguir a carreira artística e adotar o apelido pelo qual ficaria famoso mais tarde em todo o País: Seu Jorge. Em 2021, seu rosto foi o mais visto do cinema brasileiro: atuou em *Marighella* e *Medida Provisória*, de Lázaro Ramos. Em nenhum deles, porém, estava tão à vontade quando quanto em *Pixinguinha,um homem carinhoso*, cinebiografia do genial flautista, saxofonista, compositor e maestro brasileiro. A razão é uma só: por mais que seja um excelente ator, é na música que Seu Jorge se expressa de maneira mais livre e autoral. Seu excelente álbum de estreia, *Samba Esporte Fino*, de 2001, já mostrava seu potencial como compositor e dono de uma bela voz grave e inconfundível. Mas foi com seu quarto álbum solo, *América Brasil*, lançado em 2007 e produzido por ele mesmo, que Seu Jorge atingiu o ápice de sua criatividade. Canções como "Burguesinha" e "Mina do condomínio", parcerias com Gabriel Moura, sobrinho do clarinetista Paulo Moura, revitalizaram o samba com batidas ritmadas e letras que captaram o cotidiano dos brasileiros com inteligência e bom humor. O disco também ajudou a popularizar o samba-rock, que dominou os anos 1990. O gênero integrava a sonoridade moderna do rock brasileiro aos elementos do samba tradicional, representados em *América Brasil* pelo cavaquinho do jovem talento Pretinho da Serrinha, diretor de bateria da escola Império Serrano. Nas telas ou na música, Seu Jorge é um artista completo.

Avatar

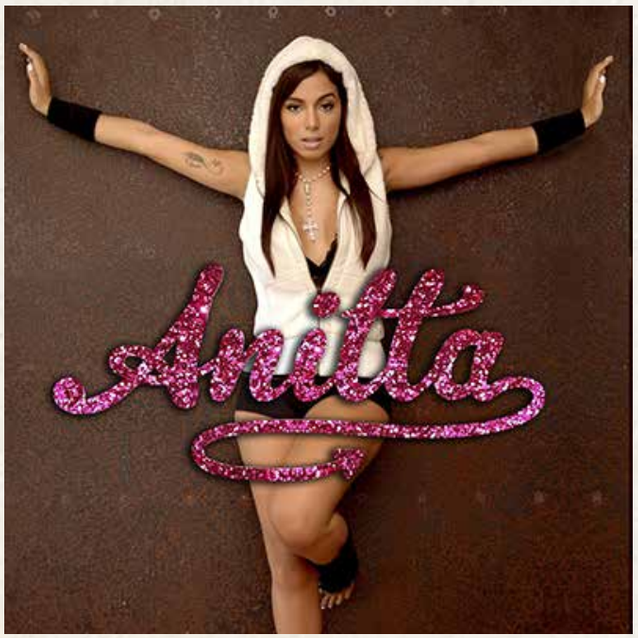
Gonzalo Rubalcaba

2008, Cuba, Blue Note Records

MiamiFilmFestival, via Wikimedia Commons

Nas veias da família Rubalcaba não corre sangue, mas melodia. A dinastia teve início com Jacobo, trompetista, maestro e professor, responsável pela educação musical de milhares de jovens cubanos no início do século XX. Jacobo foi um dos primeiros artistas a liderar uma charanga, orquestra que disseminou a prática do danzón, a dança típica do seu país. Seu filho, Guillermo, talentoso multi-instrumentista, fez história como violinista na orquestra Ases del Ritmo, aos 15 anos, e mais tarde como pianista de nomes como Omara Portuondo e Elena Burke. Seu filho, Gonzalo, herdaria o talento no piano e se tornaria um dos maiores virtuosos do instrumento no século XXI.

Avatar, de Gonzalo Rubalcaba, não é apenas um grande disco de jazz. O álbum rompe com as fronteiras entre ritmos latinos como o jazz afro-cubano e o modernismo, criando um som inovador. Metade das composições é acústica, baladas delicadas que soam como se estivessem sendo sussurradas. A outra metade, elétrica, é energética e pulsante como as luzes de uma grande metrópole – o artista o chama de seu "álbum de Nova York". Herdeiro de nomes como Chick Corea e Herbie Hancock, Gonzalo Rubalcaba reuniu um quinteto de peso para gravar uma obra espetacular: Yosvany Terry (saxofone), Mike Rodriguez (trompete), Matt Brewer (baixo) e Marcus Gilmore (bateria). Entre as sete composições, duas chamam a atenção: "Infantil", dedicada ao guitarrista John McLaughlin, e "Peace", versão de Horace Silver. Poucos nomes são tão importantes para o futuro do jazz latino como o pianista Gonzalo Rubalcaba.



Anitta

Anitta

2013, Brasil, Warner Music

A cantora Larissa de Macedo Machado começou sua carreira artística aos sete anos, cantando em um coral de igreja. Anos mais tarde – e já com o nome que a tornou famosa em todo o mundo, Anitta –, a garota se tornaria um símbolo sexual e um ícone pop global. Nascida em Honório Geral, bairro na zona norte do Rio de Janeiro, Anitta ficou famosa por suas participações nos bailes do Furacão 2000, onde era aclamada como a rainha da balada. O convite para o primeiro álbum veio após uma participação no programa *Domingão do Faustão*, na Globo, onde o público percebeu imediatamente que ali havia uma estrela. *Anitta*, seu primeiro álbum, trouxe uma sonoridade pop energética e dançante, inspirada em cantoras como Beyoncé e Britney Spears. Produzido por Umberto Tavares e Mãozinha, teve como destaque a canção "Show das poderosas", que logo chegou ao topo das paradas brasileiras. Inteligente e ambiciosa, a cantora investiu em campanhas de *marketing* e em coreografias que eram depois reproduzidas por adolescentes e jovens em bailes por todo o País. De olho na carreira internacional, apostou em parcerias com grandes nomes latinos, como o colombiano J Balding e o porto-riquenho Ozuna, assim como em estrelas norte-americanas, como Madonna e Snoop Dogg. A estratégia deu certo: em 2022, com o hit "Envolver", ela foi a cantora mais ouvida do mundo na plataforma de *streaming* Spotify – a única certeza dessa artista de 29 anos é que ela certamente não vai parar por aí.

A Mulher do Fim do Mundo

Elza Soares

2015, Brasil, Natura Musical

Patricia Lino @callanga, via Wikimedia Commons

A trajetória de Elza Soares é fora dos padrões convencionais do mercado fonográfico. Até para quem conhece sua história, porém, é surpreendente saber que ela aguardou 67 anos de carreira para gravar o primeiro álbum de músicas inéditas. Em *A Mulher do Fim do Mundo*, a brasileira que foi apontada como "a voz do milênio" pela rádio BBC, em 1999, juntou dois universos: a periferia carioca, de onde ela veio, e a cena contemporânea paulista, representada pelos compositores José Miguel Wisnik, Romulo Fróes e Celso Sim, entre outros. Produzido por Guilherme Kastrup, o álbum foi aplaudido no exterior por tirar o estigma da "Garota de Ipanema" como estereótipo da mulher brasileira. Ao cantar temas como o sexo, a morte e a negritude, Elza levou sua coragem às últimas consequências: fez um "punk-samba", nas palavras do compositor Celso Sim. Após uma vida inteira enfrentando preconceito como mulher negra, o disco escancarou as portas do mercado externo para ela. No jornal *The New York Times*, foi um dos dez melhores do ano, ao lado de pesos-pesados como David Bowie e Beyoncé. O britânico *The Guardian* lhe deu cinco estrelas, a nota máxima. Além de letras autobiográficas, como "Maria da Vila Matilde" e "Luz vermelha", Elza abordou temas que iam da violência doméstica à transexualidade. *A Mulher do Fim do Mundo*, de 2015, combina samba, rap, rock e música eletrônica, sonoridade que atraiu também o público jovem. Elza Soares se definia como uma fênix, o pássaro que renasce das cinzas. Aos 91 anos, mais ativa do que nunca, ela então voou para sempre – e para não mais voltar.

Primeira Fila

Roberto Carlos

2015, Brasil, Sony Music

Agência Brasília, via Wikimedia Commons

A relação de Roberto Carlos com seu público é um caso de amor que ultrapassa fronteiras e une gerações há mais de seis décadas. Com mais de 80 álbuns lançados, o cantor já vendeu mais de 140 milhões de cópias, o que o torna o maior recordista de vendas da história do mercado fonográfico brasileiro. É verdade que qualquer um desses discos poderia ser homenageado ao longo das páginas deste livro. É proposital, no entanto, a escolha por uma obra de sua fase mais recente – até para ilustrar a longevidade e regularidade de sua carreira.

É importante ressaltar também que Roberto Carlos não é apenas um herói para os fãs do Brasil, mas um grande ídolo latino-americano. É curioso constatar que seu primeiro álbum, "Louco por Você", é de 1961, mas apenas quatro anos depois, em 1965, ele já havia percebido que suas canções também tinham grande potencial para serem lançadas em espanhol. "Es Prohibido Fumar" e "Un Leon Se Escapó", charmosas versões latinas para suas letras em português, trouxeram o mesmo timbre doce e sereno da voz que já conquistava os corações verde-amarelos. E tem sido assim desde então: em português ou espanhol, o reino de Roberto Carlos se espalha por toda a América Latina.

É por tudo isso que o álbum escolhido para representar o Rei neste livro é "Primeira Fila", de 2015. É representativo não apenas porque tem no repertório seus maiores sucessos, mas também porque foi lançado em duas versões, em português e espanhol. Outro destaque é sua sonoridade, uma das melhores de toda a carreira do cantor: foi gravado no lendário estúdio Abbey Road, em Londres, Inglaterra, onde os Beatles registraram seus maiores sucessos. Sua banda também contou com músicos de renome internacional, como o baixista Erik Kertes, o baterista Brendan Buckley e o pianista Albert Menendez, lendas da música latina. Traz ainda a participação especial do astro mexicano Marco Antonio Solís. O álbum comemora os 50 anos do lançamento do primeiro disco do Rei no mercado hispânico e conta com Afo Verde na produção e Tim Mitchell na produção musical. Roberto Carlos nunca soou tão bem – para a felicidade de todos os seus súditos.

Jei Beibi

Café Tacvba

2017, México, Melótron

Karhton, via Wikimedia Commons

Uma das bandas mais amadas do México, o Café Tacvba desafia os limites da música alternativa latina há mais de trinta anos. Do pop ao punk, passando pelo rock e o reggae, a banda formada em 1989, na Cidade do México, por Rubén Albarrán, Joselo Rangel, Quique Rangel e Emmanuel del Real, costuma surpreender seu público de tal maneira que os fãs sequer conseguem imaginar o estilo que virá no próximo trabalho. O título de seu melhor álbum, *Jei Beibi*, é uma boa metáfora para o som da banda: é um trocadilho com a expressão em inglês *hey baby*, mas também uma forma de demonstrar o orgulho do sotaque mexicano e a confiança em seu rock em espanhol – "o destino é escrito para todos nós", canta a banda no single "Futuro". Outra prova dessa múltipla personalidade artística é o inusitado hábito do vocalista Rubén Albarrán de se apresentar sob diferentes pseudônimos a cada disco. Em um deles, se esconde sob o personagem "Cosme"; em outros, é "Élfego Buendía" e "Pinche Juan". A divertida brincadeira pressupõe uma visão profunda de mundo: estamos sempre em movimento, "mudando de personagem" e evoluindo a cada momento. *Jei Beibi* vai além nesse conceito, ao brincar também com a relação entre tempo e espaço. Ao lançar um disco em 2017, com um repertório influenciado pelo rock norte-americano dos anos 1960 e 1970, o Café Tacvba rompe os limites entre os dois países, México e EUA – e mostra que a boa música e a criatividade artística não dependem da época nem do lugar.

Mis planes son amarte

Juanes

2017, Colômbia, Universal Music Latina

Chris Duque, via Wikimedia Commons

Juan Esteban Aristizábal Vásquez nasceu em Carolina del Príncipe, pequeno município colombiano com pouco mais de três mil habitantes. Desde criança, sonhava com as estrelas. A ideia de viajar pelo espaço permaneceu com ele durante a adolescência, mas o destino lhe reservaria um outro tipo de estrelato. Como seu destino era ser músico, resolveu escrever um álbum que envolvesse seus dois temas favoritos, o universo e o amor. Foi assim que nasceu *Mis planes son amarte*, uma obra conceitual que conta a história de um arqueólogo que se torna astronauta e viaja pelo tempo para encontrar o amor eterno – até descobrir que ela está em sua própria terra e que é uma deusa indígena.

Com uma carreira consolidada e mais de 10 milhões de discos vendidos, Juanes não queria apenas lançar as doze canções que havia escrito. Ao conversar com os renomados produtores Sky y Mosty, surgiu a ideia: lançar o primeiro álbum audiovisual latino-americano. A história seria contada por meio de doze vídeos, dirigidos pelo porto-riquenho Kacho López. Não é apenas a originalidade que faz de *Mis planes son amarte* um disco mágico. Juanes combina com talento os ritmos latinos e caribenhos com a pegada do pop e rock, ritmos que ouvia na juventude. Como o personagem de sua história, viaja por diversos universos e épocas, misturando gêneros que vão do eletrônico à tradição colombiana, como cumbia, salsa, vallenato e guasca – "A música que meus pais escutavam quando eu era criança", segundo Juanes. A estrela da música colombiana realizou os sonhos que tinha na pequena Carolina del Príncipe.

AmarElo

Emicida

2019, Brasil, Laboratório Fantasma | Sony Music

Como foi lançado no final de 2019, pouco antes da pandemia, o álbum *AmarElo* foi a trilha sonora de milhares de brasileiros durante o longo período de isolamento. Em um momento marcado por tantas tragédias, ouvir canções tão belas e verdadeiras foi um alento para o sofrimento: uma centelha de esperança em meio à escuridão. Como diz a letra da canção que batiza o disco, um trecho pinçado de "Sujeito de sorte", de Belchior: "Tenho sangrado demais / Tenho chorado para cachorro / Ano passado eu morri / Mas esse ano eu não morro". A poesia de Leandro Roque de Oliveira, o Emicida, nasce da periferia de São Paulo, mas diz muito sobre todos os brasileiros. Sua lição de fé pode ser compreendida em sua própria definição desse álbum espetacular: "quero que as pessoas observem ao redor e se enxerguem maiores do que os seus problemas", definiu.

AmarElo é um disco de hip-hop, uma coleção de ritmos cadenciados com letras que ora denunciam a desigualdade social, ora pregam o amor. Há uma mensagem de tolerância por trás das parcerias que ele apresenta – de Pablo Vittar a Dona Onete, de Fernanda Montenegro a Zeca Pagodinho. Essa visão de inclusão social e luta antirracista pode ser vista também no documentário dedicado ao álbum, em que Emicida canta no Theatro Municipal de São Paulo. Durante o show, o rapper lembra da importância histórica de sua presença naquele palco – há um forte simbolismo no fato de Emicida cantar suas rimas forte e sensíveis em um lugar onde ele e, muitos como ele, até pouco tempo só conheciam do lado de fora.

Todos os cantos – Vol. 1

Marília Mendonça

2019, Brasil, Som Livre

Humor Multishow, via Wikimedia Commons

Gênero musical mais popular do País, o sertanejo sempre foi uma terra de homens. Desde os seus primórdios, com as modas de viola, a música caipira de raiz era marcada por nomes como Alvarenga e Ranchinho, Tonico e Tinoco, e vários outros. Havia poucas mulheres, como as pioneiras Inezita Barroso e as Irmãs Galvão. Nos anos 1980, o estilo renasceu com a fama conquistada por duplas como Chitãozinho & Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, e medalhões semelhantes. Foi então que as mulheres, restritas ao papel de fãs, deixaram a plateia e ganharam os palcos. A partir dos anos 2000, a mídia passou a chamar a nova geração de "sertanejo universitário", não apenas pelo frescor nas melodias e nas letras, mas pela identificação com o público jovem. Cantoras como Maiara e Maraísa, Paula Fernandes, Simone e Simaria passaram a dividir os holofotes com Bruno e Marrone e Luan Santana, entre outros . Nenhuma delas, porém, alcançou o sucesso de Marília Mendonça, intérprete de voz potente e carisma de estrela. *Todos os cantos*, seu terceiro álbum ao vivo, é o melhor exemplo de sua força. Das doze canções gravadas, sete se tornaram singles – músicas de trabalho, como se diz no jargão da indústria fonográfica. Com letras que valorizam o papel da mulher nas relações amorosas e a autoestima feminina, canções como "Ciumeira" e "Bem pior que eu" alcançaram o topo das paradas. Infelizmente sua carreira meteórica terminou cedo demais: em 5 de novembro de 2021, aos 26 anos, a cantora faleceu vítima de um acidente aéreo em Minas Gerais, onde faria mais um de seus aclamados shows.

OxeAxeExu

BaianaSystem

2021, Brasil, Máquina de Louco

A guitarra baiana é um dos diversos instrumentos musicais criados no Brasil. Inventada na década de 1940 pela dupla Dodô e Osmar (Adolfo Nascimento e Osmar Álvares Macedo), é uma espécie de cavaquinho elétrico com quatro cordas usado para tocar chorinho e frevo. Para apresentar sua invenção para o público, Dodô e Osmar transformaram um carro e em palco sobre rodas e, após chamarem outro músico, Temístocles Aragão, batizaram a novidade de "trio elétrico". Mais tarde, já totalmente incorporado à cultura do carnaval, o instrumento ganhou um virtuoso: Armandinho, filho de Osmar, foi aclamado como o "Jimi Hendrix da guitarra baiana". Enquanto isso, no Caribe, nessa mesma época, os anos 1940, a Jamaica assistia à popularização do *sound system*, conceito semelhante: um caminhão com palco, onde DJs se revezam tocando reggae e ritmos caribenhos em festas itinerantes.

O grupo BaianaSystem mistura esses dois mundos, a guitarra baiana e o Sound System jamaicano. É uma das criações mais originais surgidas na música brasileira nos últimos tempos. Idealizado em 2009 por Roberto Nascimento, o projeto se apresenta tanto no carnaval quanto em festivais de rock, unindo de forma surpreendente essas duas tribos aparentemente antagônicas. No álbum *OxeAxeExu*, de 2021, esse casamento entre estilos chegou ao auge. Canções como "Reza forte", com a participação do rapper carioca BNegão, e "Brasiliana", com o paraibano Chico César, combinam reggae, afoxé e arranjos de música eletrônica – um som voltado para o futuro, sem se preocupar com limites ou definições.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rodrigo Garcia
Governador do Estado de São Paulo

Sérgio Henrique Sá Leitão Filho
Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

Diretoria Executiva

Jorge Damião de Almeida
Diretor-presidente

Antônio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro

Fabricio Raveli
Diretor de Atividades Culturais

Luciana Latarini Ginezi
Diretora do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina

Conselho Curador

Almino Monteiro Álvares Afonso
Presidente

Matheus Gregorini Costa
Vice-presidente

Sérgio Henrique Sá Leitão Filho
Secretário de Estado da Cultura e Economia Criativa

Bruno Caetano
Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico

Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor da Universidade de São Paulo – USP

Antonio José de Almeida Meirelles
Reitor da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Pasqual Barretti
Reitor da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp

Marco Antonio Zago
Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

Ruy Martins Altenfelder Silva
Membro Conselho Curador

LATINIDADES

Produção
Fabricio Raveli
Jorge Damião de Almeida
Laís Barbosa
Marcos Rosa

Projeto gráfico
Rafael Bezerra

Pesquisa iconográfica
Alexandre Barbosa
Juca Novaes

Textos
Fabricio Ravelli, Felipe Machado, João Barone, Jorge Damião, Juca Novaes, Waldenyr Caldas e Willy Verdaguer

Agradecimentoss
Agnaldo Papa e Marcus Preto; Gravadoras: Biscoito Fino, Eldorado, Karen Records, Laboratório Fantasma, Luaka Bop, Máquina de Louco, Phonomotor Records, Sony Music, Trama, Universal Music e Warner Music

Latinidades: 100 anos em 100 discos é uma publicação da Fundação Memorial da América Latina
Av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda,
São Paulo, SP, Brasil. CEP 01156-001
Tel. 55 11 3823-4600
www.memorial.org.br

Latinidades: 100 anos em 100 discos / organização Memorial da América Latina. – 1. ed. – São Paulo : Fundação Memorial da América Latina, 2022.
136 p. : il.

ISBN: 978-65-992157-7-3

1. Música 2. Discografia 3. América Latina 4. Mello, Zuza Homem de, 1933-2020

CDD – 780.98

Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca Latino-Americana

Este livro foi composto com a fonte Merriweather. A tiragem de 1000 exemplares foi impressa nos papéis cartão duo design 300g/m² e couché fosco 150g/m², em dezembro de 2022.

MEMORIAL
DA AMÉRICA LATINA

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa